

JOSÉ PINTO PEIXOTO    •    LUIZ MARIA DA CAMARA PINA    •    ANTÓNIO  
JORGE ANDRADE DE GOUVEIA    •    JOSÉ TOSCANO RICO    •    MANUEL  
JACINTO NUNES    •    JACINTO DO PRADO COELHO    •    FERNANDO DIAS AGUDO

---

COMEMORAÇÕES  
DO  
II CENTENÁRIO DA ACADEMIA  
DAS  
CIÊNCIAS DE LISBOA



---

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
LISBOA • 1995



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

JOSÉ PINTO PEIXOTO • LUIZ MARIA DA CAMARA PINA • ANTÓNIO  
JORGE ANDRADE DE GOUVEIA • JOSÉ TOSCANO RICO • MANUEL  
JACINTO NUNES • JACINTO DO PRADO COELHO • FERNANDO DIAS AGUDO

---

COMEMORAÇÕES  
DO  
II CENTENÁRIO DA ACADEMIA  
DAS  
CIÊNCIAS DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

---

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

LISBOA • 1995



## INTRODUÇÃO

A presente publicação dá conta das realizações da Academia para comemorar os seus 200 anos de existência.

O projecto do programa das comemorações começou a ser delineado ainda no tempo do Presidente Amorim Ferreira tendo-se publicado uma versão preliminar (1973). Esta foi revista e actualizada (1976) e, por fim, foi remodelada em 1976. Por proposta do Académico Tesoureiro General Luís da Câmara Pina, além das actividades já incluídas no programa, passou a dar-se um grande relevo a edições comemorativas do II Centenário da Academia, designadamente monografias redigidas por cientistas portugueses e estrangeiros, e resultantes da sua investigação, sobre temas científicos, sectoriais, em que é possível definir uma fronteira de conhecimento avançado. Estes temas, designados por «Fronteiras do Conhecimento», seriam objecto de conferências internacionais.

As sessões comemorativas decorreram num ciclo de três anos, sendo as sessões de abertura (27-12-1979) e de encerramento (15-12-1983) presididas por Sua Excelência o Chefe de Estado. Por falta de verba não foram ainda publicadas as respectivas Actas. Entretanto foram decorrendo os colóquios internacionais destinados a debater os temas da Fronteira do Conhecimento. Neste mesmo período decorreram, a convite da Academia, reuniões de organismos internacionais ligados à Academia das Ciências, tais como a reunião da Comissão Executiva da Fundação Europeia da Ciência, da Comissão Permanente para as Humanidades desta Fundação, do Conselho Geral e Comissões Especializadas do International Council of Scientific Unions (ICSU).

Realizaram-se ainda exposições na Galeria de Exposições da Academia entretanto inaugurada e, sob o seu patrocínio, na Casa dos Bicos (aplicações de raios laser) e no Centro Cultural de Belém (Astronáutica).

Fez-se um grande esforço para a realização de vários colóquios no Instituto de Altos Estudos em que se debateram vários temas, não só

de interesse científico como ainda de relevância social, a que se faz uma referência especial.

A fim de reforçar a função primordial que nos cabe na política da língua com o Brasil e com os outros países de expressão portuguesa foi criado, em 1987, o Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa que tem permitido, com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian, do Ministério da Educação, do antigo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e actual Instituto Camões, organizar e preparar um Dicionário da Língua Portuguesa.

No âmbito das comemorações do II Centenário foi notável a actividade editorial da Academia como atestam as numerosas publicações de elevado nível científico e as edições fac-similadas de obras cimeiras da cultura portuguesa.

Dentro do esforço de preservação do património, foi possível evitar a ocupação de parte do edifício do Convento de Jesus por serviços públicos e depois recuperar grande parte das instalações da Academia (Salão Nobre, Sala Brasil, Galeria de Exposições, jardim do claustro, armazém de publicações, etc.), redistribuir espaços (Sala Artur e Ricardo Malheiros, Salas de Reuniões Internacionais, Sala Maynense, etc.), renovar e restaurar mobiliário e adquirir os meios de apoio indispensáveis.

Iniciou-se então um processo de renovação e de recuperação do seu património. Foi possível recuperar peças dispersas e abandonadas, constituindo-se, graças à colaboração do Académico Rómulo de Carvalho, o Museu Maynense o qual foi instalado no claustro depois de restaurado, mostrando assim a importância deste esforço para a Academia.

Dedicou-se ainda a maior atenção possível, dentro das limitações orçamentais, à Biblioteca, uma das mais ricas do País e um instrumento precioso de trabalho, com a catalogação e admissão de pessoal técnico superior competente, o expurgo e a recuperação de novos espaços (área coberta na cave com ca. 800 m<sup>2</sup>) para o depósito de livros o que permitiu a desocupação e aproveitamento de várias salas do 1.º andar e a sua posterior reutilização.

Aflorámos apenas algumas das realizações ligadas ao II Centenário de que esta publicação dará conta pormenorizada, mas não podemos deixar de referir os problemas do presente com que se debate a Academia, as dificuldades que lhe são impostas. Apesar de tudo supomos que as comemorações do II Centenário serviram com dignidade a nossa cultura, quer pelo exemplo quer pelo labor científico produzido.

Procurou inserir-se a Academia na cooperação científica, na produção e na difusão da cultura, situando-se na dinâmica mental do nosso tempo.

A Academia orgulha-se de uma história que nos dois séculos de vida com labor probo e austero se confunde com a história da cultura portuguesa.

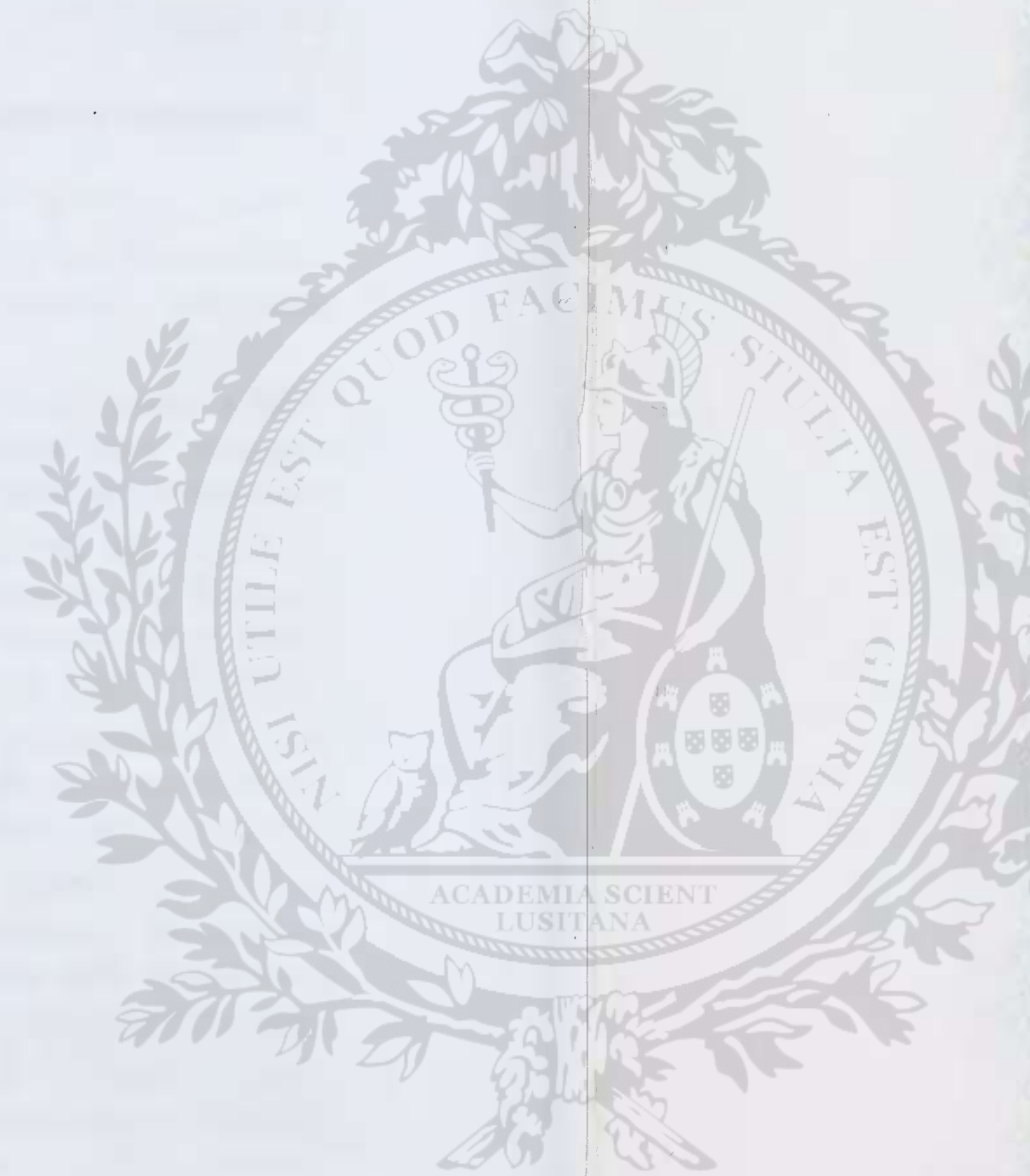
Dezembro 1995.

PROF. JOSÉ PINTO PEIXOTO

Presidente da Academia das Ciências de Lisboa



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA



Medalha do Bicentenário da Academia



# ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



Obliterações do 1.º dia em: LISBOA PORTO COIMBRA FUNCHAL P. DELGADA  
 Obliterations du 1er jour à: LISBOA PORTO COIMBRA FUNCHAL P. DELGADA  
 First Day obliterations in: LISBOA PORTO COIMBRA FUNCHAL P. DELGADA



## 2.º CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Contemporânea do surto de progresso renovador da Europa do século XVIII, conhecido pelo "Século das Luzes", e posterior às suas congéneres de Paris, Londres, Berlim e Petersburgo, foi a Academia das Ciências de Lisboa, fruto de conjugação de esforços de 3 homens já naquela época profundamente interessados no desenvolvimento científico que iria culminar com a renovação cultural do século XIX.

Foram esses homens, D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, D. Luiz António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 6.º Visconde de Barbacena, e, finalmente, o Padre José Francisco Correia da Serra, doutor em Cânones pela Universidade de Roma.

O contacto com as numerosas instituições que nessa época iam surgindo na Europa, terá provocado nestes 3 homens de ciência e, em D. João Carlos de Bragança, a intenção de se criar em Portugal uma instituição semelhante às mais importantes Academias Europeias, que se devotasse às exigências da investigação, do fomento económico e industrial, do progresso da instrução nacional, das ciências e das artes.

Esta intenção corporizou-se em 4 de Dezembro de 1779 por um Aviso Régio da Rainha D. Maria I que dava aprovação ao Plano de Estatutos da Academia, e, em 16 de Janeiro de 1780 tinha lugar a primeira Assembleia particular da Academia, no Palácio das Necessidades donde viria a ser transferida em 1791 - 92 para o Poço dos Negros, em 1797 para o Palácio do Correio-Mor, até que finalmente em 1838 passa definitivamente para o Convento de Jesus. Nesta sessão foi lido o Plano dos Estatutos, que começa por definir os seus objectivos: "O zelo e amor da Pátria, animado com o louvor e Benelplácito de Sua Majestade estabelece em Lisboa à imitação de todas as Nações cultas esta Academia de Sciencias, consagrada à glória, e felicidade pública para andamento da Indústria Popular".

Em 4 de Julho do mesmo ano tem lugar a Sessão de Abertura da Academia ao Público, com os Académicos distribuídos em 3 classes: Ciências Naturais, Ciências Exactas e Belas Artes, classes que posteriormente seriam reduzidas a Ciências e Letras.

A Academia das Ciências de Lisboa, conta ainda para além dos seus sócios efectivos, os honorários, bem como diversos confrades nas suas congéneres estrangeiras.

Durante os duzentos anos que agora se comemoram tem vindo a Academia a desempenhar um importantíssimo papel no desenvolvimento científico do nosso País.

## 2<sup>ème</sup> CENTENAIRE DE L'ACADÉMIE DES SCIENCES DE LISBONNE

Contemporaine de l'essor du progrès rénovateur de l'Europe du 18<sup>ème</sup> siècle, connu sous le nom de "Siècle des Lumières", et postérieure à ses congénères de Paris, Londres, Berlin et Petersburg, est née l'Académie des Sciences de Lisbonne, fruit de la conjugaison des efforts de trois hommes, déjà profondément intéressés par le développement scientifique qui devait atteindre son point culminant dans la rénovation culturelle du 19<sup>ème</sup> siècle.

Ces hommes étaient D. João Carlos de Bragança, 2<sup>ème</sup> Duc de Lafões, D. Luis António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 6<sup>ème</sup> Visconde de Barbacena, et, enfin le Père José Francisco Correia da Serra, Docteur en Théologie de l'Université de Rome.

Le contact avec les nombreuses institutions qui surgissaient en Europe à cette époque, a fait naître chez ces trois hommes le désir de fonder au Portugal une institution identique aux académies européennes les plus importantes, qui se consacre aux exigences de la recherche économique et industrielle, du progrès de l'instruction nationale, des sciences et des arts.

Ce souhait s'est concrétisé le 4 décembre 1779 par un "Avis Royal" de la Reine D. Maria I approuvant le Plan des Statuts de l'Académie et, le 16 janvier 1780 avait lieu la première Assemblée privée de l'Académie au Palais des "Necessidades", d'où elle fut transférée en 1791-92 au "Poço dos Negros", en 1797 au Palais du "Correio-Mor" et, enfin, en 1838, et définitivement, au Couvent de Jesus. Au cours de cette session a été lu le Plan des Statuts qui commence par définir ses objectifs: "le zèle et amour de la patrie, encouragé par les éloges et l'approbation de Sa Majesté établit à Lisbonne, à l'exemple de toutes les Nations cultes, cette Académie des Sciences, consacrée à la gloire et à la félicité publique, pour la poursuite de l'Industrie Nationale, la perfection des Sciences et l'essor de l'Industrie Populaire".

Le 4 juillet de la même année avait lieu la session d'ouverture de l'Académie au public, où les académiciens étaient répartis en trois catégories: Sciences Naturelles, Sciences Exactes et Beaux-Arts, catégories postérieurement, réduites à Sciences et Lettres.

L'Académie des Sciences de Lisbonne compte encore, outre ses membres effectifs, les membres honoraires, ainsi que divers confrères parmi ses congénères à l'étranger.

Durant les deux cents ans qui sont aujourd'hui commémorés, l'Académie a joué un rôle primordial dans le développement économique de notre pays.

SERVICE DE PHILATÉLIE

## SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DAS COMEMORAÇÕES (27-XII-1979)

## 2<sup>nd</sup>. CENTENARY OF THE ACADEMY OF SCIENCE OF LISBON

Contemporaneous with the rise in renovative progress in Europe in the XVIII C., known as the 'Century of Light', and following upon similar establishments in Paris, London, Berlin and St Petersburg, the Academy of Science of Lisbon was the result of the joint effort of three men who at that time were already deeply interested in the scientific development reached its highest point with the cultural revolution of the XIX C.

These three men were D. João Carlos de Bragança, second Duke of Lafões, D. Luiz António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, sixth Viscount Barbacena, and lastly, Father José Francisco Correia da Serra, doctor in canon law by the University of Rome.

Contact with the numerous institutions which were originating in Europe in this period would have brought about the idea, and in especial to D. João Carlos de Bragança, the intention of creating in Portugal, an institution similar to the more important European Academies, to be dedicated to the demands of research, of economic and industrial promotion, to the progress of national education, of science and the arts.

This intention materialized on 4 December 1779 by royal decree of Queen Maria I which approved the Statute Plan of the Academy and, on 16 January 1780 the first private Assembly of the Academy at the Necessidades Palace whence it was to be transferred in 1791 - 92 to the site in Poço dos Negros, in 1797 to the Palace of the Postmaster General until it moved to the final destination in 1938 to the Jesus Convent. At this meeting the Statute Plan was read out, the same starting with a definition of its objectives: "the devotion and love of the Mother Country, inspired with the praise and Consent of Her Majesty establishes in Lisbon as in all cultured nations this Academy of Science, devoted to the glory, and civic happiness for the advance of National Industry, perfection of Science and increase of Popular Industry".

On 4 July of this same year there took place the Opening Meeting of the Academy to the Public, with the Academicians distributed to three classes: Natural Science, Exact Science and Fine Arts, which were later reduced to Science and Letters.

The Academy of Science of Lisbon maintains besides its own actual members those which are honorary members, as well as many co-members of its foreign congeners.

During the two hundred years which are now being commemorated the Academy has played a most important part in the scientific development of Portugal.

PHILATELIC SERVICES

### Dados Técnicos — Données Techniques — Technical Data

O sobrescrito de 1.º dia de circulação com o seu motivo e a reprodução dos selos e da obliteração de 1.º dia está representado na escala 1:1.

L'enveloppe premier jour avec son motif et la reproduction des timbres et du cachet premier jour est reproduit à l'échelle 1:1.

The First Day Cover with its motif and the reproduction of the stamps and the first day obliteration is represented on scale 1:1.

Autor dos desenhos — Auteur des dessins — Designer: Alberto Cardoso

Papel — Papier — Paper: Couché 115 g/m<sup>2</sup>

Formato — Format — Size: 44 x 26 mm

Picotagem — Dentelure — Perforation: 12 x 11 1/2

Impressão — Impression — Printing: Offset

Impressor — Imprimerie — Printing house: Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Sobrescrito de 1.º dia — Enveloppe 1<sup>er</sup> jour — First Day Cover

Formato — Format — Size: 114 x 162 mm (C 6)

Preço — Prix — Price: 8\$00

Data da emissão — Date d'émission — Date of issue: 19/DEZ/1980

PLANO DE EMISSÃO — Plan d'émission — Plan of issue

6\$50 — 5000 000 (f)

19\$50 — 1000 000 (f)

(f) — Tarja fosforescente — Bande phosphorescente — Phosphorescent strip

Selos por folha — Timbres par feuille — Stamps a sheet: 50 (265 x 300 mm)

Os pedidos devem ser dirigidos a:

Les demandes doivent être adressées à:

The orders should be addressed to:

— Serviços de Filatelia — Estação de Correio de Coimbra (Mercado)

Av. Casal Ribeiro, 28-2.º — 3000 COIMBRA

— Estação de Correio do Funchal

1096 LISBOA CODEX — 9000 FUNCHAL

— Loja de Filatelia do Porto

R. de Ceuta, 55-61 — Estação de Correio de Ponta Delgada

4000 PORTO — 9500 PONTA DELGADA (AÇORES)

N.º 196

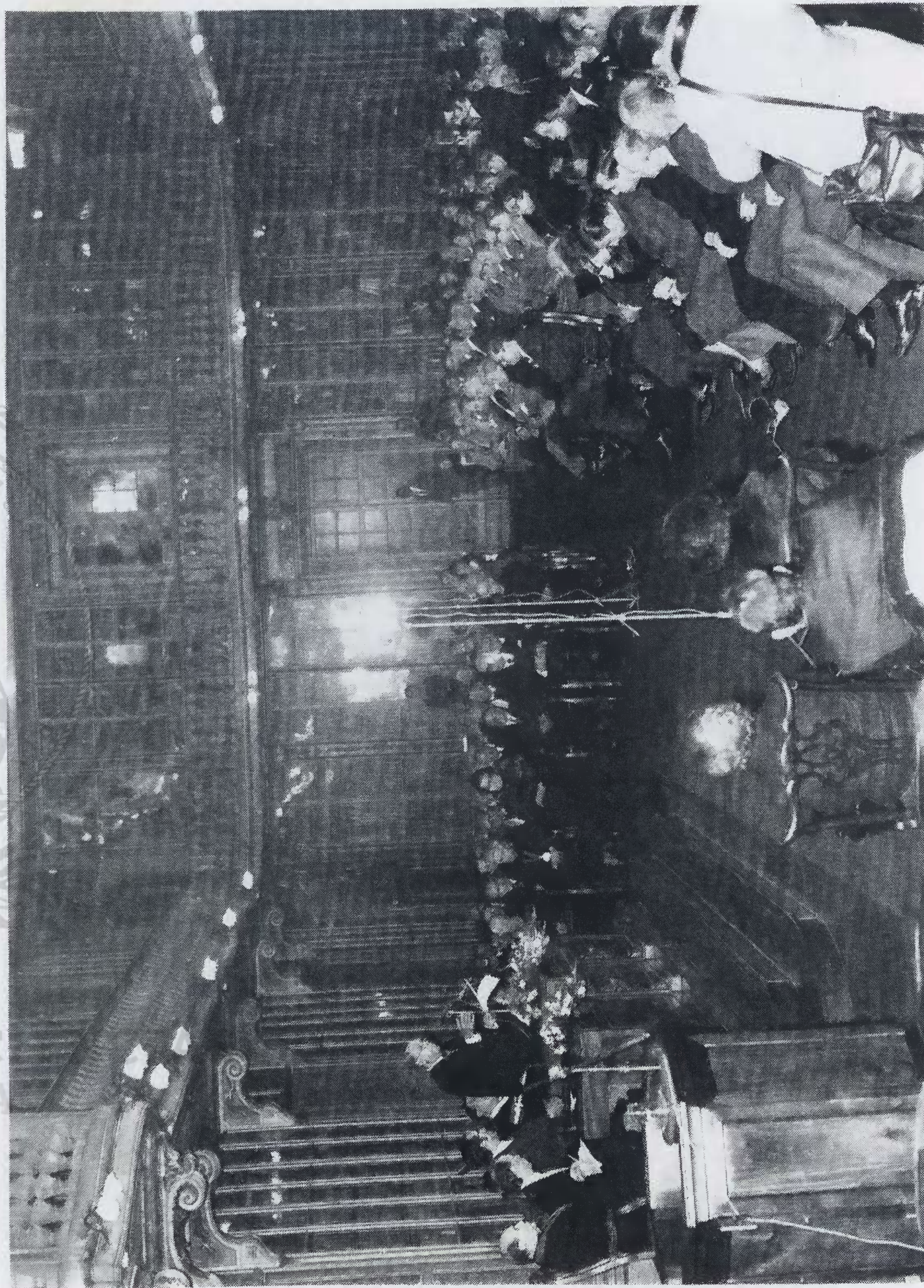


CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Tiragem: 28 000 ex.



ACADEMIA DAS C  
DE LISBOA



Sessão Solene de Abertura das Comemorações do Bicentenário da Academia das Ciências de Lisboa (27/12/1979).



Sessão Solene de Abertura das Comemorações do Bicentenário da Academia das Ciências de Lisboa (27/12/1979).

Da direita para a esquerda:

- Prof. J. Pinto Peixoto (Vice-Presidente da Classe de Ciências)
- General Luís Maria da Câmara Pina (Presidente)
- General Ramalho Eanes (Presidente da República)
- Prof. Doutor Helder Macedo (Secretário de Estado da Cultura)
- Prof. J. Prado Coelho (Vice-Presidente da Academia)
- Cónego Isaiás da Rosa Pereira

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
GENERAL LUÍS MARIA DA CÂMARA PINA

Senhor Presidente da República  
Minha Senhora  
Majestades e Altezas  
Senhor Duque de Lafões  
Senhores Embaixadores  
Altas Autoridades Religiosas, Militares e Civis  
Minhas Senhoras, Meus Senhores

A Academia das Ciências de Lisboa beneficiou sempre, desde a sua fundação há 200 anos, do alto e desvelado patrocínio do chefe do Estado.

A presença de V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Presidente da República, hoje aqui, é mais uma prova de que esse patrocínio se mantém vivo e benevolente — a «querer-nos bem» — sem quebra, sem interrupção.

Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> aceitar a marca da nossa profunda gratidão — e permita que na sua pessoa a Academia agradeça emocionadamente a todas as distintas personalidades que neste salão nobre se reuniram e nos apoiam com a sua fraterna solidariedade.

Bem hajam.

A Academia das Ciências de Lisboa foi fundada por diploma de 24 de Dezembro de 1779 e nesse mesmo dia viu também os seus Estatutos aprovados por D. Maria I. Deveu-se este arranque cultural à tenacidade e à munificência do Duque de Lafões e à competência, trabalho e perseverança de dois cientistas notáveis — o Visconde de Barbacena e o Abade Correia da Serra.

Faziam parte dos sócios fundadores da Academia dois generais — o próprio D. João de Bragança, Duque de Lafões, e o tenente-general Bartolomeu da Costa, artilheiro de grande fama e altos méritos.

De resto, ao longo da sua vida, a Academia tem contado sempre com militares entre os académicos — e após a fundação da Revista Militar por Fontes Pereira de Mello e outros oficiais, em 1848, este número aumentou significativamente, assumindo muitos deles funções que desempenharam com distinção, quer na Presidência da Academia, quer no exercício de vários cargos académicos.

São de notar as alternâncias de entusiástico acolhimento e de suspeitosa reserva que a sociedade civil dispensa aos militares — não só em Portugal, mas praticamente em todo o mundo e independentemente do grau de civilização social.

Os militares de certo modo anunciam um perigo que será preciso conjurar, uma ameaça indeterminada, uma violência desrazoável, que irá em hora desconhecida impender sobre a sociedade e a que a sociedade terá de resistir em bloco, mobilizando todos os recursos, arriscando todos os bens e todas as comodidades até então usufruídas.

Desempenham um pouco a missão do escravo, que, de pé, junto dos generais romanos vitoriosos ao entrarem em Roma sob uma chuva de aclamações, lhes murmuravam continuamente ao ouvido: «Lembra-te que és mortal, lembra-te que és mortal...»

A verdade é que os Exércitos são instituições sociais fundamentais — com eles nasce o Estado, sem eles morre o Estado.

Mas na Academia não houve — nem há — reservas para os militares, nem diferenças ou distinções: irmana-os o ideal comum. Eles também nunca ousariam murmurar ao ouvido dos seus confrades, imortais por tradição, «lembra-te que és mortal, lembra-te que és mortal...»

Mas deixemos o passado para os distintos oradores que vão seguir-se e permitam-me que enfoque três ou quatro factos demonstrativos da actualidade científica da Academia.

Na Faculdade de Ciências de Lisboa, nos cursos de História das Ciências, Filosofia das Ciências e Sociologia das Ciências, foi escolhido para trabalho de grupo, no ano lectivo corrente, a história e a missão da Academia das Ciências de Lisboa, dada a sua categoria no meio social português e a sua actividade cultural. Com o seu professor, os alunos têm vindo à Academia e têm trocado impressões com alguns académicos. Poderão consultar, sem quaisquer entraves, a documentação existente. A sua monografia será redigida em plena liberdade e independência: talvez a ilustrem com fotografias ou a acompanhem com um filme de curta metragem, se o Plenário académico a isso os autorizar.

É desvanecedor, e portuguesmente importante, que a mocidade estudiosa nos procure, se não afaste de nós, dos mais velhos, e se disponha a integrar-se numa linha tradicional de estudo e de pensamento, seguindo-a no que tenha de autêntico, de verdadeiro, de fundamental, de mobilizador para a acção.

A iniciativa da Academia, conhecida por «Fronteiras do Conhecimento», está no seu zénite. Pequenos grupos de especialistas, portugueses e estrangeiros, escolhem determinado domínio científico, forçosamente restrito, e, sob o patrocínio da Academia, investigam-no conjuntamente e definem nesse domínio um limite do saber, uma fronteira do conhecimento. Terminada a investigação, reúnem os seus estudos e conclusões em livro que é publicado pela Academia e por uma editora internacional que o lança, escrito em inglês, no mercado mundial.

A Academia convida cada um dos grupos para um simpósio em Lisboa e aí esses cientistas, que, por vezes, se não conhecem, trocam impressões, apreciam dificuldades ou novos métodos, e convivem.

Temos já obras publicadas em matemática moderna, química bio-inorgânica, fixação do azoto, pré-história (caverna de Alcanede), geologia e fósseis de Angola, catálogos de documentos de Lisboa para Londres nos séculos XVII e XVIII — e o simpósio mais próximo deverá realizar-se na Primavera de 1980 sobre «Estatística Avançada», dirigido, por parte da Academia, pelo Professor de Matemática Doutor Tiago de Oliveira. Estão já prontos e entregues na tipografia os originais dos Livros de Linhagens, com notas e comentários dos Profs. Joseph Piel e José Mattoso — e em curso de investigação encontram-se trabalhos de Química (Prof. Jorge Calado, pela Academia), de Física (Prof. Delgado Domingos, pela Academia) de Climatologia (Prof. José Pinto Peixoto, pela Academia), que só para fins de 1980 ou para 1981 poderão ser apresentados e discutidos.

O tempo mínimo necessário para estas investigações, de grande responsabilidade, evidentemente, são 2 anos — o que, mesmo para «imortais», sobretudo para os do grupo etário superior académico, significa grande poder de expectativa benévola...

Os cientistas estrangeiros — espanhóis, ingleses, americanos, russos, japoneses, suecos, holandeses — que participaram nos nossos colóquios foram de opinião, e escreveram-no, que estávamos a seguir um trilho de certa novidade e, sob muitos aspectos, altamente promissor.

O grupo que investigou a fixação do azoto já decidiu iniciar novo ciclo de trabalho e está já montada uma antena de investigação em

Portugal (Prof. Eng.º Armando Pombeiro), a estudar o problema em coordenação com a Universidade de Sussex. A este grupo pertencem dois cientistas russos, um dos quais veio pela primeira vez ao Ocidente, o que mostra o interesse que os Estados ligam à investigação sobre a fixação do azoto. No fundo trata-se de um problema de diminuição da produção de petróleo, aumento de população, escassez de fertilizantes.

Parece-nos que a Academia está a cumprir a sua missão — mas é de elementar justiça manifestar publicamente à Secretaria de Estado da Cultura o nosso profundo agradecimento pelo apoio e a ajuda que, a todos os níveis, generosamente nos concedeu.

No mês de Janeiro próximo realizar-se-á na Academia das Ciências de Lisboa a sessão final de um simpósio organizado pelas Universidades portuguesas e pela Universidade Gama Filho, do Brasil. Haverá numa mesa redonda sobre Filosofia, de manhã, e à tarde discutir-se-ão novos rumos, estreitamento de relações entre Universidades, possibilidades de cooperação.

A Academia foi convidada para participar neste convénio — e jubilosamente aceitou o convite.

Levou-nos este facto à nossa principal missão na hora que corre — a difusão da língua e da cultura portuguesas.

E um dos presentes que o Estado nos poderia dar pelos nossos 200 anos seria a concessão de um modesto apoio em meios humanos e em meios materiais, para não se perder a possibilidade da nossa projecção externa e a eficiência da nossa Biblioteca que, com os seus 300 a 400.000 volumes e os seus 3.000 inestimáveis manuscritos, está em risco de não poder desempenhar cabalmente a sua função cultural.

Já não se catalogam as revistas nacionais e estrangeiras e, por absoluta e confrangedora falta de espaço, já não é possível arrumar os livros que se recebem. Espaço e revisão do ficheiro são, por esta ordem, duas necessidades prementes e urgentes.

Na Academia, a política que todos seguimos, é a política do espírito.

Nela todos nos empenhamos, sem que haja dissensões ou divergências: o nosso claro dever é o culto e a expansão da Língua Portuguesa.

Data de 1192 um dos primeiros documentos escritos em português, e de 1214 o testamento em português de D. Afonso II. Embora quanto ao primeiro, porque o segundo não oferece dúvida, a análise do Doutor Avelino de Jesus da Costa não permita uma afirmação indiscutível, o certo é que antes de se fixar a linguagem na escrita já ela devia ser correntemente falada — e o nosso confrade, Prof. Joseph Piel, declarou

sem hesitação que «dois séculos antes do ano 1100 o idioma do futuro Condado Portucalense apresentava fonética e lexicalmente maiores afinidades com o português de hoje do que com o latim falado no tempo da colonização romana».

Que grande exemplo de dinamismo, de poder criador, de individualidade, o dessa população de entre Tejo e Minho — tão maravilhosamente personificado em D. Afonso Henriques!

Nesta Língua, em que nos quatro cantos da terra se praguejou e rezou, se lamentou o infortúnio e se proclamou a vitória, se murmurou de desespero e se cantou o amor, os Portugueses anunciaram e ensinaram os ideais da civilização portuguesa, que em nação alguma os houve, nem mais altos, nem mais puros.

E nesta Língua se diz tudo o que encanta, aformoseia e aperfeiçoa a alma humana.

Comentou, não há muito, um tratadista político, a propósito da violência, que será necessário mudar, fazer evoluir a natureza do homem, para que os revolucionários de hoje não sejam os opressores de amanhã.

Pois a Língua Portuguesa também poderá contribuir para este ideal e ser um grande factor de paz.

Falada hoje por mais de 140 milhões de pessoas na América, na Europa, na Ásia, na África, que formidável elemento de conversão não será ela, se os governos dos novos Estados souberem interpretar os segredos da Criação e não fecharam olhos e ouvidos e corações a esta realidade nova.

Que falem, comuniquem e se entendam na língua veicular comum que esteve na base da sua expansão — e que se não deixem subjugar por falsos nacionalismos ou por amputadores retrocessos culturais.

Os povos verdadeiramente dignos de independência só têm poder ascensional!

Não estou com o Poeta, que tanto admiro, quando num poema de Dezembro de 1928, há 51 anos, nos retratou:

*Ninguém sabe que coisa quer,  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro,  
Tudo é disperso, nada é inteiro,  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro ...*

Mas estou com ele, de alma e coração — vai-me no peito e na raça —, quando no fim deste lamento, deste desânimo, se ergue num repente de energia, de fé, de tudo vale a pena, se a alma não é pequena, e nos lança um repto, uma palavra de comando, um grito de acção:

É a Hora!

Pois é agora também a Hora — e arranquemo-nos para a cruzada da Língua Portuguesa.

DISCURSO, EM REPRESENTAÇÃO DA CLASSE DE CIÊNCIAS,  
PROFERIDO PELO PROF. DOUTOR  
ANTÓNIO JORGE ANDADE DE GOUVEIA

É para mim um imerecido privilégio usar da palavra perante esta douta assembleia, no início das Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa. É sempre difícil e de extrema responsabilidade tratar de uma instituição como esta, que pela riqueza da sua história, pela transcendência das missões cumpridas e a cumprir, pelo seu prestígio nacional e internacional, exige de quem o faça altas qualidades de inteligência e de cultura. Rogo, assim, aos Excelentíssimos Ouvintes a sua maior benevolência.

Muito tem sido dito sobre pontos culminantes da história da Academia, de maneira que é pouco possível juntar alguma coisa de novo, e limitar-me-ei a exprimir algumas opiniões pessoais, sem de maneira alguma vincularem a Academia, sobre o que fez, o que faz, e o que fará no campo científico, particularmente da química e suas aplicações, assuntos que muito terei de restringir.

Em palavras de Francisco Manuel Trigoso, «uns poucos homens dotados de grande amor das Ciências, e de muito zelo pela verdadeira glória e felicidade da sua Nação, animados por um Varão ilustre..., estabeleceram esta Academia das Ciências, consagrada ao aumento delas, e à sua propagação; a caminhar ao profundo conhecimento da Natureza; a esclarecer as Classes da Nação, e a tirar das Ciências os conhecimentos que influíssem nos Agricultores e Artistas, e desse uma útil direcção aos seus trabalhos»<sup>1</sup>. Eram estas, na Classe de Ciências, as finalidades a atingir pela nova Sociedade, que na sua totalidade se mantêm, e cujos trabalhos foram prosseguidos ao longo destes dois séculos com entusiasmo, com incansável esforço, com abnegado sacrifício, tendo conseguido, dentro de recursos muito limitados, obra digna da instituição.

<sup>1</sup> Christovam Ayres, *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927), p. 15.

As três Classes de que a Academia se compunha — a das *Ciências Naturais*, a das *Ciências Exactas* e a de *Literatura*, ou de *Ciências Morais e Belas Letras* — tinham, pelos Estatutos de 24 de Dezembro de 1779, 24 Sócios Efectivos, oito em cada uma das Classes, e Sócios Honorários, Estrangeiros, Livres e Correspondentes, sem número determinado.

Como era natural, desde o início, verifica-se acentuada intenção de procurar os melhores valores nacionais, nas Ciências e nas Letras, para preenchimento dos lugares de sócios e doutros cargos académicos.

Logo na primeira Sessão da Academia, em 16 de Janeiro de 1780, os 24 Sócios Efectivos (14 Sócios Fundadores e mais 10 eleitos nessa reunião) são igualmente repartidos pelas três Classes. Foram ainda eleitos 13 Sócios Honorários e 9 Supranumerários. Na Sessão seguinte, em 19 de Janeiro, foram eleitos para os lugares de Presidente, o Duque de Lafões; Secretário, o Visconde de Barbacena, Luís António Furtado de Mendonça; Director da Classe de Ciências Naturais, o Doutor Domingos Vandelli; das Ciências Exactas, o Marquês de Alorna, D. João d'Almeida Portugal; e de Literatura, D. Miguél Lúcio de Portugal e Castro. Na Sessão de 30 continuou a eleição de Sócios e foi nomeado Vice-Secretário o Abade José Corrêa da Serra.

Estava assim lançada esta Sociedade que tinha por missão no mais alto nível, o transcendente programa de um Povo — a sua formação cultural e científica — fundamento de todas as actividades, materiais e espirituais, que tornam a vida digna de ser vivida.

Os fins da Sociedade estavam bem definidos, e os meios para os atingir foram pragmáticos. No campo das Ciências, a reforma pombalina dos Estudos tinha criado condições de desenvolvimento do trabalho científico e da preparação do seu pessoal, que facilitou para as Classes de Ciências o recrutamento de sócios, de qualidade e merecimento, nos diferentes ramos, que permitiriam por selecção o assento à efectividade. A entrada para a Academia era simultaneamente liberal e selectiva. É este um assunto frequente na correspondência trocada entre os Secretários, Furtado de Mendonça e Corrêa da Serra, com o Doutor Domingos Vandelli, este bem conhecedor do meio cultural científico português, e então em posição privilegiada na Universidade de Coimbra. Nos primeiros anos da Academia, além dos 24 Sócios Efectivos, havia já mais de 40 Sócios supranumerários, beneméritos, livres e correspondentes, e numerosos estrangeiros. Igualmente, na correspondência da Academia, verifica-se, por parte do Secretários e dos Directores das Classes, grande insistência junto dos sócios a favor da produção científica e literária.

Fundam-se publicações periódicas da Academia. As *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* tem o primeiro tomo completo em 1797, e publica-se ininterruptamente até à actualidade numa colecção, em várias séries, com mais de 80 tomos. A Academia, inicialmente, tendo em vista o desenvolvimento material do País, separou das *Memórias*, as *Memórias Económicas da Academia das Ciências de Lisboa para o Adiantamento da Agricultura, das Artes e da Indústria em Portugal e suas Conquistas*, de que se publicaram cinco tomos, o primeiro antes de 1790 e o último em 1815. Foi notável a colaboração neste suplemento, com memórias de Vandelli sobre produções naturais do continente e ultramar, sobre a agricultura «deste reino e das conquistas», sobre a ferrugem das oliveiras, das «primeiras matérias de diferentes fábricas e manufacturas», fabrico de chapéus, aproveitamento de carvão de pedra e de paus betuminosos, sal gema das Ilhas de Cabo Verde; do Doutor Constantino Botelho sobre temas de agricultura, cultura das vinhas em Portugal, estabelecimento da cultura do quenopódio ou ansarinha, temas de pescarias estendidas à costa portuguesa e rios; ainda de Constantino Botelho «Memória sobre um novo método de aplicar ao movimento das máquinas a força de vapor de água fervendo»; de Brotero «sobre a agricultura em Portugal»; do Doutor Vicente Coelho de Seabra «sobre a cultura da vinha e manufactura do vinho» e «sobre a cultura do rícino em Portugal»; de José Bonifácio de Andrada e Silva «sobre pesca das baleias e extracção do seu azeite» e sobre assuntos de mineralogia e minas. A partir de 1922 as *Memórias* desdobraram-se em duas séries, da Classes de Ciências e da Classes de Letras. As *Memórias* têm sido o repositório científico da Academia, com larga expansão internacional. É ainda de mencionar o *Boletim da Academia*, que se publica anualmente desde 1929, e dá notícia das actividades de cada ano, com actos e propostas das várias sessões. São muito de referir as obras avulsas publicadas pela Academia, na sua missão de aumento, aplicação e propagação da Ciência, com monografias e compêndios científicos, e novas edições de obras memoráveis, como as de Pedro Nunes e os *Colóquios dos Simples e Drogas* de Garcia d'Orta. Os ciclos de conferências e cursos realizados no Instituto de Altos Estudos também têm contribuído para a publicação de obras de grande valor sobre assuntos da cultura, por especialistas como Francisco Gomes Teixeira, Carl Neuberg, Gabriel Bertrand, Gorges Urbain, e outros, actuais e de relevância, aos quais adiante me referirei.

Desde o seu início, a Academia criou prémios para galardoar os autores dos melhores trabalhos que lhe eram apresentados; nomeou comissões para a resolução de problemas concretos que afectavam o País; trabalhos patrocinados pela Academia activavam bibliotecas, laboratórios, museus e outros meios de trabalho científico e literário, e como resultado deste labor em muitos casos atingiam-se notáveis resultados. Tomemos alguns exemplos, limitando-me, em grande parte, ao campo da química e suas aplicações.

Os cultores da Química e Ciências afins da Faculdade de Filosofia estiveram, desde o princípio, altamente representados na Academia. Já me referi ao Doutor Domingos Vandelli, primeiro director do Laboratório Químico e professor das cadeiras de História Natural e de Química da Universidade; ao primeiro Secretário da Academia, Luís António Furtado de Mendonça, discípulo de Vandelli e seu colaborador, doutorado em 1776; mas temos também o Doutor Tomé Rodrigues Sobral, sucessor de Vandelli na direcção do Laboratório, que criou grande nomeada pela transformação do Laboratório Químico numa fábrica de munições de guerra com fabrico de pólvora de superior qualidade, no tempo das invasões francesas, e que, além de grande proficiência química, e mesmo direi como consequência dela, desenvolveu excepcionalmente o trabalho experimental no Laboratório, e prestou humanitários serviços, com o fabrico no Laboratório de numerosos desinfectadores de cloro, distribuídos gratuitamente na cidade e arredores, para atalhar os progressos de contágio da epidemia que se declarou em Coimbra em 1809, contribuindo eficazmente para a sua debelação; o Doutor Vicente Coelho da Silva Seabra Telles, autor de *Elementos de Chimica* (Vol. I, 1788 e Vol. II, 1790), primeiro tratado português de Química, coetâneo do célebre *Traité de Chimie* (1798) de Lavoisier, no qual Seabra abandona veementemente a teoria do flogisto e adopta, com argumentos válidos e até experimentais próprios, os conceitos da química do oxigénio; José Bonifácio de Andrada e Silva, de renome nacional e internacional, pensionista do Estado por proposta da Academia, para viagem de estudo na Europa nos ramos da História Natural e da Metalurgia, em que os resultados dos seus trabalhos foram notáveis, tendo as suas memórias aceitação nas mais acreditadas revistas e publicações científicas; de certa maneira substituiu Vandelli, na qualidade de consultor da Academia, tendo sido eleito por unanimidade, em 1812, Secretário, cargo em que se manteve durante sete anos e em que prestou relevantes serviços.

Uma das actividades dos académicos consiste na apresentação de comunicações sobre assuntos da especialidade. Por conselho dos seus sócios, a Academia escolhia assuntos para «Questões», cujos trabalhos sujeitos a concurso poderiam beneficiar de prémios. Matérias de interesse nacional, em qualquer ramo científico, eram assuntos muitas vezes apresentados à Academia, que procuraria dar-lhes soluções.

Um estudo químico sobre a quina do Rio de Janeiro exemplifica bem este tipo de actividades<sup>2</sup>: «Pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra e da Marinha, em 1812, foi cometida ao exame da Academia Real das Sciencias de Lisboa e análise de uma porção de Casca amargosa, com nome de Quina, que do Rio de Janeiro havia sido mandada ao Físico Mór do Exército, para que achando-se que continha os princípios e virtudes das Quinas officiais, se fizesse uso dela, principalmente, nos Hospitais Militares». A Academia nomeou uma Comissão composta de quatro membros — José Bonifácio de Andrada e Silva, Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, João Croft e Bernardino António Gomes — e pediu para os seus trabalhos o Laboratório Químico da Casa da Moeda, que imediatamente lhe foi franqueado.

A Comissão organizou um plano de trabalho, com uma parte experimental tendente a verificar a classificação da casca em estudo, entre as chamadas quinas, e a distinguir a existência das «substâncias *sui generis*» que as compõem e lhes conferem propriedades, fazendo um estudo comparativo de quatro amostras: duas officiais, uma amarela, outra vermelha, uma existente no Laboratório, e a quina em questão. Obtiveram infusões aquosas a frio e decocções em água fervente; evaporaram as infusões e retomaram os resíduos com álcool (matéria resino-extractiva) e com água (matéria extractivo-mucilaginosa). As soluções foram em cada caso tratadas, separada e sucessivamente, com uma selecção de reagentes da época. Os resultados experimentais foram cuidadosamente observados e tabelados, e deles tiradas conclusões: 1) A Quina do Rio de Janeiro é uma verdadeira quina, pertencente à classe daquelas, cuja infusão a frio, segundo Vauquelin, precipita a cola, e não o tanino, nem o emético. 2) Os *princípios* componentes desta quina são, além de sais neutros, o tanino, o ácido gálico (ou outro análogo), a resina, um extractivo, a *cinchonina*, mucilagem e parte colorante; a cinchonina apresenta-se depois de ter passado por um maior grau de

<sup>2</sup> *Memórias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, Parte II, pp. 96-118 (1812). Memórias dos Sócios.

calor. 3) Estes mesmos princípios (ainda que diversamente modificados alguns deles) acham-se nas outras quinas. 4) Os «princípios *sui generis*» da Quina do Rio de Janeiro apresentam-se essencialmente no líquido de decocção e, a partir do resíduo, acumulam-se principalmente no extracto alcoólico (matéria resino-extractiva). A Quina do Rio de Janeiro é a que dá maior quantidade desta última matéria. Contrariamente ao que pensava Valquelin, a matéria resino-extractiva não é um «princípio *sui generis*», mas vários princípios: resina, tanino, extractivo, alguma mucilagem, ácido gálgico ou outro, e *cinchonina*, que seria essencialmente o «princípio *sui generis*». 5) Em consequência destes resultados, a Comissão aconselha à praxe médica a utilização das preparações, em que se saiba existir maiores quantidades de princípios supostos activos, nomeadamente, no caso da Quina do Rio, o produto de decocção e a infusão alcoólica. 6) Enfim, sendo a Quina do Rio de Janeiro mais rica em princípios do que as quinas oficiais se podem esperar delas os melhores resultados. Estas conclusões tiradas de experiências químicas foram confirmadas por ensaios nos Hospitais Militares.

No tempo em que este trabalho foi realizado (1812), a química orgânica encontrava-se ainda num estado muito rudimentar. Dos alcalóides, apenas se tinha obtido no estado cristalino a morfina, isolada do ópio por Sertürner em 1805-1806, e o reconhecimento da classe destes compostos (substâncias azotadas, básicas, geralmente de origem vegetal, com propriedades farmacológicas conhecidas de há séculos) só se começou a fazer mais tarde, a partir de 1820. Neste trabalho, os nossos investigadores deram válida contribuição e estiveram próximo do esclarecimento do problema dos alcalóides das quinas. Houve a verificação da existência de um princípio activo, que não era a mistura obtida por Vauquelin, mas um dos seus componentes — a *cinchonina*. P. Pelletier e J. Cavendou, professores da Escola de Farmácia de Paris, citam e partem desta descoberta da *cinchonina*, que atribuem a Bernardino Gomes, para a realização das investigações que os conduziram ao isolamento da *cinchonina* e da *quinina* (Memórias publicadas nos *Annales de Chimie*, 1820)<sup>3</sup>.

Poderia dar muitos outros exemplos de importantes actividades da Academia nesta época, mas farei apenas uma breve referência à funda-

<sup>3</sup> P. Pelletier e J. Cavendou, *Annales de Chimie*, (2) 15, 290-293, 348-351, 358-361 (1820).

ção e actuação da «Instituição Vaccinica» (1812)<sup>4</sup>, organização da Academia com larga contribuição de Bernardino António Gomes, criada pouco tempo depois da descoberta da vacina antivariólica por Eduardo Jenner (trabalhos iniciais em 1796) e verdadeiramente pioneira na sua aplicação generalizada para debelar tão grave doença. Aquele membro da Academia realizou ainda trabalho químico importante sobre as raízes da ipecacuanha, donde mais tarde se isolaram os alcalóides *emetina*, *cefalina* e outros.

Mostramos com alguns exemplos a ligação inicial, forte da Academia com problemas científicos de interesse para a Nação, demonstrativa do alto valor científico dos seus associados nesta época. Resultante de trabalho anterior, metódico e perseverante, e seguidamente estimulado pela nova Academia, vivia-se um surto cultural e científico que se nivelava com os melhores valores estrangeiros. Seguiu-se um longo período, de mais de um século, de menor rendimento, primeiro resultante das consequências das invasões francesas e depois por instabilidade política, tendo faltado no País o apoio ao desenvolvimento científico, particularmente ao experimental, não se prosseguindo a sábia orientação e os impulsos que caracterizaram o último quartel do século XVIII. E, assim, não mantivemos posição cimeira no desenvolvimento científico europeu, e dele apenas recebemos influência atenuada por várias circunstâncias. Contudo, a Academia continuou a prestar a sua colaboração, como se evidencia pela manutenção, sem interrupções e em bom nível, das suas publicações periódicas e avulsas.

O nosso admirável esforço do fim do século XVIII nas Ciências não teve, por exemplo na química, a sequência encontrada noutros países da Europa, com Berzelius na Suécia, e principalmente na Alemanha com Wöhler em Göttingen, com Bunsen e Kirchhoff em Heidelberg, com Liebig em Giessen, em França com químicos de grande reputação — Gay-Lussac, Thénard, Dulong, Vauquelin, Chevreul, Arago —, na Inglaterra com Sir Henry Roscoe, A. W. Hofmann, Sir William Perkin, que exerceram através dos seus laboratórios, frequentados por muitas centenas de escolares, uma grande influência na investigação desta ciência. A influência no nosso País foi acidental, não planeada, com trabalho em Paris (1844) de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, Visconde de Vila Maior, que foi sócio efectivo e presidente desta Academia; Roberto

<sup>4</sup> Bernardino António Gomes, *Memórias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, Parte II, LXXVI-XCIX (1812).

Duarte Silva, caboverdeano, executa com Friedel, em Paris (1873), a síntese completa do glicerol; Agostinho Vicente Lourenço trabalha no laboratório de Wurtz, com apresentação de notas e memórias na Academia das Ciências de Paris, e depois na Alemanha no laboratório de Bunsen; Bernhard Tollens, doutor pela Universidade de Göttingen, ensina química no Laboratório Químico da Universidade (1869-1870), e facilita o estágio em química orgânica e aplicada (1871-1873) de Joaquim dos Santos Silva, primeiro em Göttingen sob a direcção de Tollen, Wöhler e Hübner, e depois no Instituto de Bona sob a direcção de Kekulé e Wallach. No Porto, na Academia Politécnica e no Laboratório Municipal de Química, António Joaquim Ferreira da Silva, a partir de 1877, cria uma escola de química, essencialmente analítica, com resultados que ultrapassam as nossas fronteiras, com a fundação em 1905 da *Revista de Química Pura e Aplicada*, e com a fundação da «Sociedade Portuguesa de Química» em 1911. E mais recentemente, com obra didáctica e laboratorial muito meritória nos diferentes ramos da química, e com notável influência na formação de discípulos, tivemos insignes professores, muitos deles pertencentes a esta Academia, dos quais destacamos alguns — Sousa Gomes, Achilles Machado, Charles Lepierre, Alvaro Basto, Egas Pinto Basto, Pereira Forjaz, Couceiro da Costa, que pela sua actuação foram precursores do surto de desenvolvimento que se seguiu.

Nas últimas décadas, atingiu-se em Portugal um potencial de desenvolvimento nos estudos científicos que temos de considerar. Com efeito, foram enviados aos mais conceituados centros de investigação da Europa e da América, em regime de bolsas de estudo com duração de 2 a 4 anos, várias centenas dos nossos melhores licenciados em Ciência com a finalidade de se especializarem e praticarem investigação nos principais ramos científicos, cobrindo o campo das ciências exactas às aplicadas. Tentarei dar-lhes uma panorâmica esquemática deste empreendimento, dos resultados obtidos, e das consequências que dele provêm, já com repercussões benéficas na Academia. Limitar-me-ei ao campo da Química, mas posso garantir que nos outros ramos científicos se deu um movimento similar e que, portanto, com ligeiras oscilações, o que lhes vou relatar sobre a investigação química nas Faculdades de Ciências e de Engenharia e no Instituto Superior Técnico, é aplicável a outras Escolas e a outros ramos científicos.

As principais linhas de investigação, escolhidas e desenvolvidas, por uma questão de metodologia, podemos classificá-las em química sintética e estrutural, química física molecular, termodinâmica química,

química macromolecular, química dos produtos naturais, mecanismos de reacção, fotoquímica, electroquímica, espectrometria de massa, espectroscopia, e, ainda, química aplicada a problemas industriais, à fixação do azoto, à poluição. A maior parte da investigação nestes domínios está ligada às Universidades (de Coimbra, de Lisboa e do Porto), ao Instituto Superior Técnico, e, em bom arranque, às Universidades novas de Aveiro, do Minho e de Évora. Considerando apenas os Centros de Investigação da Química das Faculdades de Ciências e de Engenharia do Instituto Superior Técnico, o seu número é de 10 com 32 Grupos de Investigação, em que trabalham 72 investigadores, doutorados por Universidades portuguesas e estrangeiras, e 129 investigadores-licenciados. Resultado do labor nestes Centros, numa averiguação incompleta, verifiquei nos últimos 3 a 5 anos a publicação de 259 trabalhos nas mais categorizadas revistas estrangeiras e nacionais das especialidades. Estes Centros dispõem de instalações adequadas, havendo mesmo na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e no Instituto Superior Técnico dois bons laboratórios, construídos recentemente, bem planeados, de boas dimensões; outros têm sido reconstruídos e adaptados às exigências da investigação actual. De apoio às especialidades há gabinetes de cálculo, de espectrometria de massa, de espectroscopia, de microscopia, de ultracentrifugação, de cromatografia e de muitas outras técnicas de uso corrente. Embora com carências o trabalho de investigação dispõe de aparelhagem e materiais essenciais; há também bibliotecas das especialidades de muito bom nível. Assim, foram criadas condições de trabalho para bom rendimento, sendo indispensável que sejam mantidas e alargadas, para que não haja quebra na produção científica, mas antes seja fortemente incrementada.

Para lhes dar uma ideia da obra científica, realizada e em realização, no campo da química, e na impossibilidade de tratar do assunto desenvolvidamente, consideremos algumas contribuições dos últimos tempos, quer em comunicações científicas publicadas nas *Memórias*, quer na realização de simpósios ou cursos no Instituto de Altos Estudos da Academia, e monografias resultantes. Começando com problemas energéticos, temos *Caminhos da investigação aplicada em face da crise de energia* e *Dados e perspectivas actuais do problema da energia* e passando à poluição temos *Poluição das águas. Efluentes industriais com poluentes inorgânicos*; os métodos de análise moderna são representados por *Aspectos de cromatografia gasosa em associação com outras técnicas analíticas*; no domínio da Electroquímica há estudo de soluções e de

sais fundidos: *Processos de transporte em sais fundidos próximo da temperatura de vitrificação, Efeito da pressão na conductibilidade de soluções de benzoato de sódio em água*, estes dois últimos trabalhos do Grupo do saudoso Professor Fernando Barreira, e *Estudo da hidrólise do ião-cobre II*; na linha da investigação da Fotoquímica, no estudo de processos de transferência de energia e de electrões de moléculas excitadas, temos *Supressão da luminiscência do ião uranilo por outros iões metálicos devida a um processo de transferência de electrões*; em Química Física Molecular, no estudo de interacções e de fenómenos de associações moleculares, há *Estudo de interacções intermoleculares por espectroscopia de Raman*; no campo de temas bio-inorgânicos com consideração de estrutura de antibióticos e sua interacção com iões metálicos e moléculas biológicas, temos *A formação de complexos metálicos e a actividade dos antibióticos da família das tetraciclina*s.

Continuando a limitar-me ao ramo da química, agora no âmbito da série de publicações e simpósios de carácter científico sobre o tema de *Fronteiras do Conhecimento*, resultante de uma proposta do Presidente Câmara Pina, feita em boa hora para comemoração do 2.º Centenário da Academia, temos resultados de alto nível internacional. São eles: o Simpósio da «Fixação do azoto», realizado no Instituto de Altos Estudos da Academia, em 31 de Julho e 1 de Agosto do ano corrente, organizado pelo Professor J. Chatt, da A. R. C. Unit of Nitrogen Fixation, «School of Molecular Sciences», da Universidade de Sussex, e pelo Professor Armando Pombeiro, do Complexo Interdisciplinar, do Centro de Química Estrutural, do Instituto Superior Técnico, com a colaboração doutros especialistas de renome mundial, ingleses, japonês, russos e holandês, com importantes e actuais resultados sobre a fixação do azoto por processos químicos, quer através da síntese do amoníaco por catálise heterogénea, quer por reacções de formação de nitratos e de complexos de dinitrogénio, investigações com a finalidade de obter melhores processos de fixação do azoto para fertilizantes. Os resultados apresentados e discutidos perduram numa monografia, *New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation*, publicada em inglês na «Academic Press», casa editora de fama internacional em assuntos científicos, e terão continuidade, por intermédio do Centro de Investigações de Lisboa, em colaboração com a «Unit of Nitrogen Fixation».

Igualmente com resultados de alto nível internacional, foi o Simpósio sobre «Novas tendências da Química Bio-inorgânica», realizado em 18 de Setembro no Instituto de Altos Estudos, em paralelo com um curso

especial em Tomar sobre «Metais em Biologia» com cerca de 90 participantes, nacionais e estrangeiros, organizado pelo Prof. R. J. P. Williams, do «Inorganic Chemistry Laboratory», da Universidade de Oxford, e pelo Prof. J. R. Fraústo da Silva, do Complexo Interdisciplinar, do Centro de Química Estrutural, do Instituto Superior Técnico, com a colaboração de especialistas de fama universal, do Reino Unido, americanos, sueco e portugueses. O desenvolvimento dos resultados foram compilados numa monografia, *New Trends in Bio-Inorganic Chemistry*, publicada também pela «Academic Press», obra de excepcional valor, por conter informação original sobre os papéis de vários elementos químicos em sistemas biológicos a nível molecular, com particular incidência sobre a química redox de metais e não-metais.

O tempo não permite que prossiga com estes assuntos que se encontram, realmente, na fronteira do desenvolvimento científico actual.

Nesta exposição, detive-me nos primeiros tempos da Academia porque nessa época a Ciência em Portugal ombreava com a Ciência da Europa, correspondendo a um ponto alto da evolução da nossa cultura científica, e que apresenta certas analogias com o actual desenvolvimento científico no País. Tivemos um período áureo no renascimento científico do século XVI, a que não demos devida continuidade; o movimento cultural científico português do fim do século XVIII é igualmente promissor, com uma tentativa válida para a sua expansão pela criação e desenvolvimento da Academia, mas aquele movimento esbate-se e cai-se novamente na «apagada e vil tristeza». Temos actualmente a repetição daquelas situações anteriores. Seremos capazes de a aproveitar, de consolidar a nossa posição científica, usando para isso o saber feito da acumulação de tanta experiência e desilusões? Tenho fé que sim e que esta finalidade se revigorará se a Academia continuar o entusiasmo e o espírito da sua fundação, se integrar as potencialidades, as virtualidades científicas existentes no País, um tanto dispersas e descoordenadas, se for, sem perder a sua entidade, o factor coordenador, actuante, descentralizador de pontos de acumulação, chamando a si, no âmbito nacional, os pares na Ciência. Assim, a Academia pode dar uma contribuição decisiva para que se não perca a posição alcançada na cultura científica, que desejamos realçada, sublimada, e não deteriorada ou perdida, como se verificou em ocasiões anteriores. Para que haja esta contribuição a Academia tem de avivar o espírito em que foi criada, de adaptar-se às condições actuais, de juntar todos os valores, de procurá-los, de incentivá-los, de tornar as suas sessões científicas não só

no repositório do que de valor aparece no meio científico português, mas essencialmente e como já está acontecendo, seja o meio criativo resultante do encontro e da concentração de esforços de que é capaz a pleiade de cientistas de que o País dispõe. Que assim seja.

Ao terminar, parafraseando e de certa maneira seguindo o nosso Garcia d'Orta, dir-lhes-ei que só pretendi relatar a verdade, dizer o muitíssimo pouco que sei, e exteriorizar um misto de entusiasmo, de esperança, mas também de incerteza nos caminhos da Ciência em Portugal.

## DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÉMICO PROF. DOUTOR JOSÉ TOSCANO RICO

Quando se consultam os escritos antigos da Academia, desejando relembrar, com respeito e saudade, os assuntos mais interessantes da sua larga história, verificamos que os aspectos médicos foram sempre muito importantes e por isso constituíram temas relevantes das suas preocupações.

Coube-me, por decisão da Classe, a missão de falar destes temas, para demonstrar a valiosa atenção que a Academia sempre lhes dedicou e o esforço das meritórias e sábias iniciativas que tanto contribuíram para o progresso das Ciências Médicas e para o bem da Saúde Pública.

Começarei pela citação da vacina anti-variólica que Jenner tinha descoberto em 1798 e cuja eficácia extraordinária no combate à varíola a conduziu a uma rápida difusão por todo o mundo onde havia a possibilidade de a aplicar. Em Portugal foi utilizada no ano seguinte num Hospital de Lisboa e em 1804 criou-se mesmo um Instituto vacínico em Coimbra. Mas esta primeira tentativa não progrediu por várias razões e só mais tarde, em 1812, foi fundada em Lisboa, nesta Academia das Ciências, uma Instituição Vacínica, como assim foi chamada.

Merece a pena reproduzir as seguintes palavras de Bernardino António Gomes, médico e Sócio da Academia, pronunciadas na «Compilação Histórica dos Trabalhos da Instituição Vacínica», efectuada na sessão pública da Academia Real das Ciências, em 24 de Junho de 1813: «Tendo quasi todas as Nações da Europa verificado e acolhido com o devido entusiasmo a anti-variolosa descoberta do Dr. Jenner, e começando já muitas Nações ou Povos menos civilizados da Asia, da América e da Africa mesmo, a gozar do beneficio da vacina, a Academia Real das Ciências, que não se ocupa senão em promover, quanto cabe nas suas faculdades, o progresso das Sciencias, e por meio destas o bem da Nação, não podia ficar insensível sabendo que a Vacinação, a qual nos saudosos tempos da residência de S.A.R. nesta cidade tinha vogado

muito nela, depois da memorável mudança da Côrte para o Rio de Janeiro tinha decaído tanto entre nós, que pouco menos se achava que aniquilada. Assim bastou que na Sessão ordinária de 8 de Abril, tendo eu a honra de dirigir por um pequeno discurso a atenção desta Academia para a decadência daquele ramo da Hygiene Pública, lhe sugerisse a idea da criação do que hoje se chama Instituição Vacínica, para ser apoiado na minha proposta quasi afrouxo por todos os Membros da Sessão. Resolveu-se em consequência que, para melhor se deliberar sobre este objecto, se convocasse uma Sessão extraordinária dos Sócios da Academia da Profissão Médica. Acháram-se nessa sessão os Snrs. Francisco Soares Franco, Francisco de Mello Franco, José Martins da Cunha e eu. O resultado dela foi o que era de esperar-se de homens cheios de luzes (falo dos meus Colegas), e de homens com vivos sentimentos de humanidade e patriotismo (falo agora também de mim)».

Foram primeiro vacinados os órfãos da Casa Pia, que tiveram autorização superior para receber a vacina na própria Academia. E depois a vacinação estendeu-se por todo o País, com admirável colaboração de todos os médicos que nela participaram.

Bernardino António Gomes cita os resultados dos tratamentos efectuados durante um trimestre em que esteve como secretário da Instituição, em cujo período a Vacina foi introduzida em Valença do Minho, Cerva, Murça, Peniche, Évora, Vila Viçosa, Veiros, Vila Nova de Portimão, Silves, Lagoa e Alvor, mostrando como o emprego da Vacina se estendia rapidamente a todo o território nacional.

O número de vacinados no primeiro ano pela Instituição e seus Correspondentes subiu a 3323 e o Autor manifesta a sua satisfação escrevendo: «Glória à Academia, que criou e mantém uma obra filantrópica, e tão útil ao Estado, a Instituição Vacínica; e glória e honra aos Médicos e Cirurgiões que em despeito dos seus interesses, tem tomado parte na sua benéfica e gloriosa empresa», e continua pedindo desculpa de ao discorrer assim, como Membro da Academia, manifestar uma pouca de vaidade.

Em 1817 o número de vacinações feitas no País elevava-se já a 17.000, e de 1813 a 1821 foram inoculadas 90.065 crianças só em Lisboa. A Instituição Vacínica de tão gloriosa memória manteve-se em plena actividade até 1835, data em que cessou as suas funções independentes e passou a fazer parte da Junta de Saúde Pública do Reino.

O Dr. Augusto da Silva Carvalho, meu antecessor na Cadeira que tenho a honra de ocupar e que foi, sobretudo na parte final da sua vida,

um historiador insigne das coisas médicas em Portugal, expondo o assunto da Vacina anti-variólica afirma: que se fez muito mais em Portugal do que as corporações científicas semelhantes fizeram nos outros países, e volta a enaltecer estas actividades dizendo: «Que a Academia Real das Sciencias de Lisboa e a Sociedade das Sciencias Médicas da mesma cidade constituem as duas mais brilhantes e beneméritas associações médicas portuguesas a quem cabe a honra e a glória do melhor que no nosso País se fez no século XIX a bem da saúde pública e da instrução médica.»

Um dos trabalhos mais valiosos de Silva Carvalho, pela notável contribuição histórica produzida, foi o que trata de Garcia de Orta.

Garcia de Orta, célebre autor dos *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*, de mérito e reputação mundiais, é estudado por Silva Carvalho com profundo cuidado, citando pormenores importantes da biografia do Grande Homem de Ciência. Foi assim conhecida a terra da naturalidade de Garcia de Orta, a formosa Castelo de Vide, e os motivos da sua deslocação à Índia, bem como uma descrição dos costumes do tempo e da vida social de Goa, etc.

A Academia resolveu fazer uma reedição dos *Colóquios*, anotados e comentados pelo Conde de Ficalho, e promover a sua publicação.

Em 24 de Maio de 1963 reuniu-se uma sessão solene comemorativa do IV Centenário do aparecimento em Goa dos *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta. O título original da obra era «Colóquios dos Simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assim de algumas frutas achadas nela, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina prática e outras cousas boas de saber, compostas pelo Doutor Garcia de Orta, fisico d'El-Rei Nosso Senhor, etc.» É o que se lê no frontispício da obra impressa em Goa aos 10 dias do mês de Abril de 1563. Governava o Reino o Cardeal D. Henrique, na menoridade de D. Sebastião, e era Vice-Rei da Índia o Conde do Redondo.

As *Memórias da Academia*, do século XIX, estão ainda repletas de comunicações e estudos sobre a Flora e Fauna das nossas antigas colónias, desde o Brasil às Províncias Africanas e ao Extremo Oriente como se vê nos trabalhos de J. V. Barbosa du Bocage, de Felix Brito Capelo, Pereira Guimarães, Baltazar Osório e Bettencourt Ferreira, por exemplo, para a fauna, e do Conde de Ficalho para a flora. Alguns trabalhos com drogas medicinais foram devidas a B. A. Gomes.

Mas, cingindo-nos à evolução e progresso dos conhecimentos médicos, vemos florescer nessa época do final do século XIX e durante o

século XX uma era nova em Portugal. Muitos dos investigadores que nela brilharam foram professores notáveis de Medicina e membros desta Academia que ilustraram e enriqueceram com a sua investigação e o seu saber.

Seguiremos a exposição lembrando primeiro os anatómicos e os investigadores das ciências básicas, e depois, sucessivamente, os clínicos das várias especializações.

Começarei com Henrique de Vilhena, Professor ilustre de Anatomia, pensador e esteta, elogiado por Júlio Dantas ao presidir à sessão plenária onde foi lido o elogio histórico pronunciado por Maximino Correia, que sucedeu a Vilhena na Academia. Henrique de Vilhena foi notável nos estudos anatómicos, criando uma Anatomia portuguesa de concepção variacionística, como a designou Maximino Correia. Autor de numerosos e excelentes trabalhos de Anatomia, criou os valiosos *Arquivos de Anatomia e Antropologia* que levaram a todo o mundo culto os trabalhos anatómicos portugueses.

Maximino Correia, antigo Reitor da Universidade de Coimbra e figura notável de Professor distintíssimo, com uma larga folha de brilhantes serviços prestados à sua Universidade, com a publicação de numerosos trabalhos científicos essencialmente de natureza anatómica, e com a sua notável dedicação à estruturação da Cidade Universitária de Coimbra. Dotado de grande sensibilidade e extremamente bondoso, conquistou numerosas amizades. Para melhor ser conhecida a personalidade de Maximino Correia, cito Amorim Ferreira, ao falar no seu discurso sobre o homenageado: «O Senado Universitário de Coimbra decidira, sob proposta do Reitor Maximino Correia, promover a publicação fac-similada da edição *princeps* dos *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*. Desconheciam então, quer o proponente quer o Senado, que decisão igual fora anteriormente tomada pela Academia das Ciências de Lisboa. Conhecedora desta iniciativa, logo a Universidade de Coimbra desistiu da sua, e o Reitor comunicou-o ao Presidente da Academia dizendo: «O Senado só tem que regozijar-se com o facto de ser a Academia das Ciências a promover a publicação fac-similada da primeira edição dessa Obra», e Amorim Ferreira termina chamando a atenção para as palavras amáveis e para a elegância de espírito de quem as subscreveu.

Do grupo anatómico ressalta ainda a figura notável de Victor Fontes, há pouco falecido, que todos conhecemos e cuja memória admiramos e exaltamos. Foi assistente e depois sucessor de Henrique Vilhena na

cadeira de Anatomia, prestigiando o ensino dessa disciplina, mas o maior realce para a sua actividade científica resulta da dedicação à Psicologia e Psiquiatria da Infância. Foi criador e reorganizador do célebre Centro de Estudos Psicológicos e de Saúde Mental Infantil, o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira.

Barahona Fernandes, ao fazer o elogio de Victor Fontes, fala também da criação do Dispensário da Higiene Mental da Infância, da sua participação em Congressos da especialidade, e considera que o seu nome ficará na História da Psiquiatria em Portugal, como criador do seu ramo infantil.

De entre os ilustres membros da Academia, que se distinguiram na investigação das ciências básicas da Medicina, surge o nome ilustre de Celestino da Costa, Presidente da Classe de Ciências e professor distintíssimo de Histologia e de Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa. No início da sua carreira académica contactou com Aníbal Bettencourt, Sílvio Rebelo, Carlos França e outros que com ele almejavam por uma reforma médica cujo estudo o Conselho da Escola Médica havia iniciado em 1910. A reforma criava novas cadeiras, como a de Histologia e Embriologia à qual concorreu com um trabalho sobre Histofisiologia das glândulas de secreção interna. Os primeiros anos passou-os já no Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina, fundado em 1912, que todos recordamos com saudade e veneração pelo muito que nele aprendemos.

Celestino da Costa desenvolveu uma grande actividade didáctica, publicando muitos livros de estudo sobre Histologia e Embriologia, de renome internacional. Foi Vice-Presidente da Junta de Educação Nacional e seguidamente Presidente do Instituto de Alta Cultura, lugares que eram desempenhados por cientistas de reconhecido mérito.

Merece também uma citação especial toda a sua actuação na reforma do ensino médico, em que demonstrou possuir as qualidades indispensáveis para a execução de tão delicado objectivo, manifestando o conhecimento perfeito dos problemas deste ensino e das suas dificuldades e a sólida maturação duma experiência observada nos países estrangeiros e vivida com interesse e isenção no próprio país.

Faleceu em Lisboa inesperadamente, em apoteose, como disse Júlio Dantas, no decorrer do Congresso Médico Internacional do qual Celestino da Costa era Presidente, deixando colegas e amigos profunda e dolorosamente impressionados.

Na sequência natural das disciplinas que escolhi para abranger numa forma metódica os temas médicos que foram apresentados na Academia, devo incluir agora a Farmacologia.

A Farmacologia experimental aparece na continuação da antiga matéria médica quando os cientistas descobriram meios de analisar e interpretar os mecanismos de acção dos fármacos, elucidando os efeitos que produzem sobre o organismo, os seus merecimentos terapêuticos e as não menos importantes acções tóxicas que são capazes de exercer. Sem esta investigação não seria possível adquirir os conhecimentos necessários para aplicar correctamente uma terapêutica medicamentosa, nem seria também possível sintetizar novos medicamentos providos do necessário tipo de actividade. Em Portugal coube a Sílvio Rebelo o mérito de inaugurar esta nova orientação. No elogio que proferi na sessão de homenagem promovida pela Faculdade de Medicina de Lisboa e pela Sociedade de Biologia em 1943, acentuei que: «O número e o valor dos trabalhos realizados, o rigor e a perfeição técnica da sua execução, a importância dos temas estudados e das conclusões obtidas, atestam as superiores qualidades de investigador de Sílvio Rebelo e conferem-lhe o título, acima de tudo glorioso nas Ciências Farmacológicas Nacionais, de fundador da Farmacologia experimental no nosso país.»

Tive a honra de ser seu imediato sucessor. Esta sucessão trouxe-me a responsabilidade de dar ainda maior impulso à investigação farmacológica. Lembramos alguns trabalhos que no sentido da Farmacologia experimental tivemos oportunidade de realizar. Cito, por exemplo, os estudos sobre anti-helmínticos, alguns em colaboração com Armijo Vallenzuela que viera a Lisboa preparar connosco o seu concurso para Professor de Farmacologia em Madrid. Noutra orientação começámos o estudo dos mecanismos determinantes da inactivação da adrenalina no organismo, com a colaboração de Malafaya Batista, então assistente no Porto, que viera a Lisboa trabalhar connosco para preparar também o seu doutoramento. Os resultados obtidos foram muito importantes e de grande repercussão científica. Esta vinda de Malafaya Batista foi o ponto de partida para o desenvolvimento da Farmacologia Experimental no Porto, com os seus colaboradores, os Professores Almeida Garrett e Walter Osswald.

Em Lisboa foram estudados entretanto outros assuntos importantes, como os antagonismos iónicos entre o cálcio e outros iões, ou os antagonismos entre sulfamidas e outros compostos. Fomos também, com o

nosso colaborador Prof. J. M. Gião T. Rico, actual catedrático de Farmacologia na Faculdade de Medicina de Lisboa, iniciadores do emprego de radionuclídeos no estudo da permeabilidade vascular. Esta investigação com os radionuclídeos deu lugar a numerosas comunicações, algumas delas a esta Academia, por exemplo, o estudo da acção das prostaglandinas PGE<sub>1</sub> e PGE<sub>2</sub>.

Gião T. Rico, que teve também uma grande preparação de Farmacologia experimental em Oxford, com Paton, tem publicado muitos trabalhos sobre o papel do ião cálcio na acção de vários fármacos, e ainda recentemente tratou, em sessão desta Academia, da termodinâmica de determinadas acções farmacológicas sobre o músculo liso.

Desejamos ainda fazer referência ao Prof. Peres Gomes, nosso antigo primeiro-assistente e depois Catedrático de Farmacologia na Universidade Nova de Lisboa. Peres Gomes, para além da sua actividade como investigador, pôde em certa altura organizar um esplêndido laboratório de Farmacologia experimental no Instituto de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta Escola de Investigação Farmacológica, iniciada no Instituto de Farmacologia de Lisboa por Sílvio Rebelo, foi assim o ponto de partida para uma ramificação por outros laboratórios e para o desenvolvimento da investigação farmacológica em Portugal.

Voltando-nos para assuntos de natureza diferente, pareceu-nos útil mencionar desde já as actividades de Azevedo Neves com a sua dedicação pela Medicina Legal. Foi Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, Membro do Conselho de Medicina Legal, Reitor da Universidade Técnica e Ministro e Secretário de Estado do Comércio e dos Negócios Estrangeiros. Vê-se assim a grande complexidade de funções que foi chamado a exercer. Foi eleito membro efectivo da Academia em 1924, para a cadeira de Gama Pinto.

Escreveu trabalhos científicos sobre o método de Finsen para o tratamento do Lupus vulgar e livros didácticos sobre a «Prática de Autópsias: técnica e diagnóstico». Criou os *Arquivos de Medicina Legal* e publicou Tratados de Medicina Legal e Polícia Criminal, assim como trabalhos sobre a luta contra os estupefacientes na Itália e depois na Áustria. Inaugurou a luta contra o Cancro em Portugal, que depois foi seguida com grande brilho por Francisco Gentil. E como maior glória também, criou o Instituto de Medicina Legal.

Lembro ainda outros Académicos como Jorge Horta, professor de Anatomia Patológica e sócio correspondente da Academia, na qual

apresentou várias comunicações. Fez também trabalhos muito valiosos sobre as reacções dos indivíduos ao Torotrast.

Salazar de Sousa, Professor de Pediatria, tem várias comunicações interessantes, por exemplo, sobre anemias aplásticas em crianças.

Costa Sacadura, Professor Catedrático de Obstetrícia na Faculdade de Medicina de Lisboa, autor de mais de 250 trabalhos científicos e de história. Foi ele que propôs à Academia a celebração do 4.º centenário da edição «princeps» dos *Colóquios* de Garcia de Orta.

Belo de Moraes, Catedrático de Medicina Operatória e autor de vários trabalhos de Cirurgia.

Aleu Saldanha, Catedrático de Radiologia, com trabalhos notáveis sobre a patologia da Adipose.

Aires de Sousa, Catedrático também de Radiologia e autor de numerosos trabalhos clínicos e experimentais sobre temas da sua disciplina.

Jaime Celestino da Costa, Catedrático de Cirurgia e autor de vários trabalhos científicos e de um óptimo elogio de Reinaldo dos Santos, publicado nas *Memórias da Academia*.

António Flores, sucessor de Miguel Bombarda, Júlio de Matos e Sobral Cid na série de neuropsiquiatras que foram orientando a Escola de Lisboa, precedera por sua vez Barahona Fernandes. Trabalhou em Berlim no Instituto Neurobiológico de Oskar Vogt, mestre eminente da cito-arquitectónica cerebral. Foi Director e organizador do Hospital Júlio de Matos. Eleito em determinada altura Bastonário da Ordem dos Médicos, defendeu no exercício das suas funções o valor transcendental do acto médico, único e privado, que nenhuma regra ou legislação pode aflorar. Foi esta a doutrina que António Flores, Bastonário da Ordem, legou aos seus sucessores.

Outros membros da Academia tornaram-se também notados pelo relevo e importância extraordinária da sua actuação e esforço na evolução do progresso científico que fez vibrar a Academia na sequência das descobertas de Egas Moniz, quer da Angiografia Cerebral, quer da Leucotomia frontal. Esta última foi distinguida e exaltada com a atribuição do Prémio Nobel de Medicina, o maior galardão actualmente concedido aos investigadores. Ambas as descobertas são de um alto valor científico e conduzem a êxitos clínicos que anteriormente não eram conhecidos.

Egas Moniz iniciou estas investigações, orientou-as e fê-las progredir com vontade e entusiasmo inextinguíveis. O êxito em ambas alcançado foi também o resultado de uma colaboração dedicada, atenta e alta-

mente eficaz. Egas Moniz podia imaginar a evolução da pesquisa, mas não podia, por várias razões, executar todas as intervenções cirúrgicas, quer no animal, quer no Homem, sem a preciosa colaboração do seu distinto e valioso discípulo, o Prof. Almeida Lima. Almeida Lima, antigo presidente da Academia e agora emérito, foi, não simplesmente um colaborador, mas o colaborador que permite atingir os resultados desejados e por isso partilha, legitimamente, com Egas Moniz, da glória das suas descobertas. Como afirma Barahona Fernandes, Almeida Lima pode ser considerado o fundador da Neurocirurgia em Portugal. Em 1953 contava já mais de 2000 intervenções de grande cirurgia e mais de 3000 angiografias cerebrais.

Embora a angiografia tenha uma importância clínica maior pelo número e variedade de situações em que é utilizada, como adiante se verá, começaremos por falar da Leucotomia frontal, pela sua originalidade e arrojo do conceito teórico, pelo rigor da técnica cirúrgica que a intervenção exige e pelo progresso e novidade que em muitos sentidos trouxe à Psiquiatria. A leucotomia foi sem dúvida um marco miliar na história da Medicina. A sua criação exerceu uma influência profunda no pensamento médico, filosófico e moral, como salientou Walter Friedmann, um apologista da leucotomia, na sua exposição sobre a Psicocirurgia e a Moral Médica, pronunciada na sessão solene inaugural da semana de Egas Moniz, em 4/12/1956.

Consiste numa intervenção cirúrgica delicada por levar à destruição do tecido cerebral vivo, na zona central do lobo frontal. As objecções foram muitas, vacilando muitos médicos perante o velho axioma «*primum non nocere*». A intervenção foi muito polémica, suscitando diversos tipos de objecções desde as de Sobral Cid que negava qualquer cura, às do Prof. Baruk que chegou a escrever sobre «um grave problema da moral médica». Nos Estados Unidos afirmou-se que a Lobotomia muda sempre aspectos da doença, de um estado funcional curável para uma doença orgânica incurável. Na Alemanha o Prof. Kleist condenava-a também e na URSS a psicocirurgia foi proibida por um decreto do Ministério da Saúde Pública, como conta W. Friedmann.

Contrariamente, em vários centros clínicos, a intervenção foi ensaiada e por vezes com grande variedade de pormenores. A dificuldade era determinar com segurança a topografia das lesões produzidas. A intervenção foi o ponto de partida também para uma série de investigações sobre a anatomia e a fisiologia cerebral, procurando reduzir ao

mínimo o risco operatório e favorecer a interpretação dos resultados obtidos.

Outro académico ilustre, Barahona Fernandes, com uma grande contribuição científica e humanista que a sua larga e profunda preparação em Psiquiatria lhe proporcionava, demonstrou sempre um grande interesse pelos resultados da leucotomia. Colaborou com Almeida Lima na observação dos doentes operados e na avaliação dos resultados obtidos.

Com os seus conhecimentos psiquiátricos, desenvolvidos ao longo de uma carreira científica e académica brilhante, não se satisfazia Barahona Fernandes com a interpretação corrente, teórica, dos resultados e apresentou uma interpretação original a que chamou «sintonização regressiva». Esta «sintonização regressiva» permitiria também orientar a psicoterapia post-operatória no sentido da recuperação dos doentes.

Ainda no âmbito das ciências neurológicas e psiquiátricas, Barahona Fernandes distinguiu-se pela contribuição que trouxe à terapêutica psiquiátrica, quer como impulsionador da terapêutica ocupacional, quer no uso da moderna terapêutica medicamentosa, com medicamentos psicotrópicos.

A profunda preparação psiquiátrica, colhida na Alemanha, favoreceu a sua actividade em Lisboa como Catedrático de Psiquiatria e Director do Hospital Júlio de Matos, tendo mostrado as suas capacidades criadoras em numerosas publicações de temas psiquiátricos e de outros que tem trazido à Academia.

O sucesso obtido com a angiografia cerebral, a que nos referimos há pouco, deu lugar à extensão do método a outras zonas do organismo e ao desenrolar de outra investigação notável e também cheia de sucesso, corolária da Angiografia cerebral, mas orientada por outros clínicos, membros ilustres também da Academia das Ciências. Foi como uma explosão de ciência, aperfeiçoando, com ideias novas, os métodos de diagnóstico existentes.

Egas Moniz, descreve na sua comunicação sobre «Subsídios para a História da Angiografia» os tópicos principais desta evolução.

Na primeira comunicação feita em Junho de 1927 à Sociedade de Neurologia de Paris, foi dado ao método a designação de Encefalografia arterial. Mais tarde firmou a designação de Angiografia, desde que notou a visibilidade das veias cerebrais na circulação de retorno, e foi esta a designação que subsistiu. A investigação seguiu com grande

intensidade e óptimos resultados, permitindo o diagnóstico de tumores cerebrais, hematomas, aneurismas, angiomas, etc.

O Prof. Petit-Dutaillés, da Faculdade de Medicina de Paris, citado por Egas Moniz, elogiou muito esta descoberta: «A inteligência, diz, nada é sem a imaginação criadora. Que belo exemplo sobre este aspecto nos dá a obra magnífica de Egas Moniz. Há poucos sábios que não apogeu da sua carreira possam reclamar duas descobertas tão geniais como a Angiografia cerebral e a Psicocirurgia.»

Também em Portugal se elevaram vozes laudatórias e Professores ilustres analisaram em termos entusiásticos o trabalho de investigação e os resultados obtidos.

Reinaldo dos Santos diz: «Assim tenho muito prazer e honra em recordar que foi a primeira exposição de Egas Moniz que sugeriu o estudo e a aplicação da sua técnica à arteriografia dos membros, donde havia de sair, pouco depois, a aortografia, isto é, a aortografia dos órgãos abdominais. Foi ainda na mesma orientação de trabalhos que Lopo de Carvalho, com a colaboração de Egas Moniz, criou a angiopneumografia e que, por fim, estudos mais recentes desenvolveram a flebografia.

Paralelamente, no Porto, a Escola de Hernâni Monteiro com Alvaro Rodrigues, Sousa Pereira e Roberto de Carvalho, criaram a linfografia, sem falar nas aplicações da arteriografia a estudos experimentais de cirurgia do simpático. Originou-se assim, como diz Reinaldo dos Santos, uma Escola Portuguesa de Arteriografia, considerada hoje em todo o mundo como tal. E acrescenta que é a Egas Moniz como iniciador destes estudos que devemos a glória e o prestígio que hoje cabem a essa Escola Portuguesa que todo o mundo reconhece como a iniciadora e de mais longa autoridade neste capítulo essencial da anátomo-fisiologia, da semeiologia e da patologia vasculares.»

Sousa Pereira, da Universidade do Porto, mostrando o tronco da veia porta e os seus ramos intra-hepáticos, fez uma comunicação à Academia com o título: «A porografia e arteriografia hepática no estudo da circulação do fígado.»

Para comemorar as descobertas de Egas Moniz e o prémio Nobel que lhe foi conferido, a Academia resolveu promover uma série de sessões destinadas a enaltecer a memória do homenageado. Em 4 de Dezembro de 1956 iniciou-se no salão nobre da Academia a sessão inaugural da «Semana Egas Moniz», consagrada ao ilustre cientista e na qual se procurou erguer a toda a altura perante a Nação, como disse Júlio Dantas, a figura integral de Egas Moniz. Destas sessões

recordo com o maior interesse as intervenções de Almeida Lima falando sobre «As consequências da Angiografia Cerebral», citando estudos de Anatomia fisiológica conduzidos pela Angiografia, bem como as aplicações clínicas no diagnóstico dos tumores cerebrais, aneurisma, doenças vasculares e traumatismos cranianos. A outra intervenção que também desejo salientar foi de Barahona Fernandes que se referiu especialmente à Leucotomia frontal, cujas possibilidades terapêuticas analisou, mostrando o interesse das operações selectivas e localizadas, feitas com rigor técnico, que já não causavam sinais de regressão da personalidade.

Muitas e variadas foram ainda as comunicações feitas nas lições promovidas nos Altos Estudos e nas quais em 1960 se mencionaram a angiopneumografia e suas aplicações à interpretação das imagens radiográficas do tórax, por Lopo de Carvalho, as imagens do síndrome de oclusão da cava superior, por Ayres de Sousa, ou ainda a contribuição para o estudo da fisiodinâmica respiratória dos pulmões, por Carlos Vidal e Galvão Lucas, e ainda o valor da Angiopneumografia na Cirurgia pleuro-pulmonar. Outras investigações presentes em sessões da Academia mostraram o grande interesse da flebografia para o estudo da patologia venosa, a que Cid dos Santos se dedicou largamente. E também, pelo alto valor da sua contribuição, toda a investigação e aplicação clínica da aortografia feita por Reinaldo dos Santos e seus colaboradores.

Deste grande grupo de homens de ciência que justificaram pelas suas qualidades as palavras de admiração que lhes vimos dirigindo, distingo ainda a figura de Reinaldo dos Santos, muito ilustre na Medicina e nas Artes. Sucedeu a Moreira Júnior em 1954, na Academia das Ciências. Foi Presidente da Classe de Ciências, cargo em que sucedeu a Celestino da Costa, e Presidente da Academia em 1960-61 na sequência de Júlio Dantas. Esta rápida ascensão às funções mais importantes da Academia mostra o prestígio da sua personalidade e a admiração e simpatia dos seus Confrades. Personalidade dotada de um grande dinamismo que o levou, na medicina, à publicação de um grande número de trabalhos de natureza cirúrgica e urológica. Sem se dedicar sistematicamente à investigação científica, teve, no entanto, o mérito de visualizar pela primeira vez a aorta e as artérias periféricas na sequência da técnica usada por Egas Moniz para a Angiografia Cerebral. Reynaldo exerceu também uma influência notável na evolução da semiologia da aorta e dos vasos que estudou, difundindo com brilho e interesse nos meios estrangeiros a aortografia e a arteriografia dos membros e o seu alto valor semiológico.

Mas Reynaldo não foi apenas um médico distinto. A sua larga cultura artística levou-o também a dedicar grande parte da sua vida às Artes e às Letras, como o mostram as suas publicações de historiador e de crítico de arte na pintura, escultura, arquitectura, etc. Foi também uma das suas qualidades muito apreciadas a elegância do seu trato e do poder de comunicação que o tornaram sempre um conviva genial. Foi nomeado membro honorário de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras. Medalha de Ouro da Sociedade Internacional de Urologia, em Viena, Doutor Honoris Causa de várias Universidades e Colégio dos Cirurgiões de Inglaterra, Comendador da Legião de Honra, Cavaleiro do Império Britânico, etc.

Esta rápida resenha de elevadas distinções dá uma breve imagem do prestígio internacional de Reynaldo dos Santos.

Termino agora esta exposição, que já vai longa, na qual percorri a passos bem largos alguns acontecimentos do tempo decorrido entre o início da Real Academia das Ciências de Lisboa e o momento actual, tentando recordar com saudosa admiração os valores que tanto contribuíram, no domínio da Medicina, para o prestígio da Instituição.

Tenho o vago receio de não ter sabido resumir melhor os altos méritos de todos aqueles que evoquei nesta alocução e peço também desculpa, como faria Bernardino António Gomes, de qualquer insuficiência ou esquecimento importante nestes 200 anos que acabam de passar.

Julgo, no entanto, ter dito o suficiente para poder saudar todos neste momento, dizendo bem alto: Glória a Egas Moniz e a todos os Académicos, quer clínicos quer não clínicos, que têm procurado na Medicina, com o saber, a iniciativa, o trabalho e a dedicação pela Ciência, elevar o nome da Academia e com ele o prestígio internacional da Nação.

E glória também às Universidade Portuguesas que durante a vida nos ensinaram, prepararam cientificamente e nos estimularam no trabalho de investigação, mostrando-se dignas do reconhecimento e do respeito a que legitimamente têm direito.

E sigamos sempre com entusiasmo e fé a legenda que nos orienta e anima:

«Nisi utile est quod facimus  
stulta est gloria»

DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÉMICO  
PROF. DOUTOR M. JACINTO NUNES

Senhor Presidente da República  
Senhores Membros do Governo  
Caros Confrades  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Ao ser designado pelos meus pares para proferir algumas palavras nesta Sessão Comemorativa do Segundo Centenário da Fundação da Academia de Ciências hesitei em seguir a linha tradicional neste tipo de celebrações de exaltar vultos e faustos da Instituição.

É consagrada esta orientação e tem muito a justificá-la, trata-se de um aniversário para mais de uma instituição com papel de primacial relevo na história da cultura portuguesa. Teria assim pleno cabimento rememorar a sua história, referir os seus momentos altos para daí extrair a lição do futuro.

Algum conhecimento da história da Academia em geral e em particular dos sectores a que dentro dela mais estou ligado e muito em especial o conhecimento da sua situação presente levaram-me porém a adoptar outra via. Que me perdoem a heterodoxia os que preferiam a fala erudita.

De facto a gravidade dos problemas que defronta a Academia para manter o seu lugar no mundo da Cultura, o confronto do papel que desempenha em Portugal, com o que assume em outros países, tudo isso juntamente com a motivação mais recente das funções a que fui chamado a ocupar como Presidência da Academia levou-me à preferência duma via prospectiva: o que pode ou melhor o que deve ser a Academia.

Pensei — com o risco da acusação de utilitarismo — que seria de aproveitar a ocasião e a presença de personalidades que podem ter um

papel decisivo nesse processo, para fazer um balanço à situação da Academia no dealbar do seu terceiro século e de perspectivizar algumas linhas de orientação que permitam à Instituição retomar papel mais activo e de maior significado na nossa vida cultural e científica. Algo se tem feito nos últimos tempos neste sentido, como terei ocasião de referir, mas é necessário ampliar e intensificar essas acções, o que em boa parte depende dos académicos, mas não só...

Ao termo académico são dados hoje os sinónimos de convencional, doutoral e alguns acrescentam vetusto.

De facto em vários países, entre os quais podemos incluir o nosso, as Academias tendem a ser instituições de consagração de um passado científico ou cultural e menos centros vivos de irradiação da ciência e da cultura.

Não foi, todavia, aquela tendência que esteve na origem da sua criação. Sete anos depois da Reforma Pombalina da Universidade e dois anos antes da Revolução Francesa. Quando o Duque de Lafões e o Abade Correia da Serra, com a inspiração de Vandelli e do Visconde de Barbacena, criaram, nas vésperas do Natal de 1779, a Academia Real das Ciências, o intuito era que ela representasse um elo entre a Universidade que Pombal reformara e as necessidades da investigação e fomento económico.

Não admira assim que uma das primeiras obras de vulto da Academia, ainda hoje relativamente mal estudada, sejam as «Memórias Económicas da Academia» composta de cinco volumes publicados entre 1789 e 1815. Foram também publicados dois volumes das «Memórias da Agricultura Premiadas», entre 1788 e 1791.

Voltando às «Memórias Económicas», dois factos nos parecem dignos de especial menção:

Não se trata de estudos teóricos, de filosofia moral onde ao tempo se albergava a economia política, são estudos práticos sobre a agricultura de uma região, sobre as possibilidades de uma cultura agrícola, ou sobre as minas de uma localidade.

Segunda característica: são relativamente novos os seus autores. A sua idade predominante situa-se entre os trinta e os quarenta anos.

O espírito dominante na instituição é objectivo, é o estudo da realidade económica, social, histórica e literária. Daí a publicação também das «Memórias de Literatura Portuguesa» (1792 a 1814); «História e Memórias» (1797-1839); «Livros Inéditos de História Portuguesa» (1790-1824). Além da publicação do 1.º volume do Dicionário, obra cuja

elaboração é tradicionalmente cometida às Academias, e de que tão poucas se têm desempenhado. De assinalar que a Academia das Ciências de Lisboa publicou recentemente um primeiro volume actualizado do Dicionário.

O carácter subjectivo da consagração pessoal dos que são chamados à Academia é notoriamente posterior pelo menos ao primeiro meio século da sua existência.

Não estamos com estas anotações a rejeitar esse carácter consagratório que a Academia reveste, estamos sim a lamentar a perda de importância relativa do papel que ela desempenhava no campo científico e cultural.

Ainda quando da revolução liberal, a Academia é consultada em 1821 sobre o modo de convocar as Cortes para elaborar a Constituição. E esta pronunciou-se de facto a 21 de Outubro desse ano no sentido de serem convocadas pelas três ordens. Quem se lembrou da Academia das Ciências quando da Constituição de 1976, ou se lembrará dela quando da próxima Revisão Constitucional? E estou só a referir factos mais recentes, porque igualmente ninguém apelou para ela quando das Constituições de 1933 ou de 1911.

Será este afastamento do real e do contemporâneo uma tendência inelutável das instituições deste tipo ou será possível fazer reviver a sua importância?

A questão não é de fácil resposta, e estará talvez como muitas vezes sucede, numa situação intermédia entre o que a Academia foi e o que é.

Numa época em que fora das Universidades os centros culturais e científicos eram praticamente inexistentes (Os «salões culturais» tem uma dimensão e acção limitada) era natural que fosse da maior relevância a existência de instituições desta natureza e que lhes coubesse um papel da maior relevância. No domínio em geral da investigação e muito em particular da investigação científica, os progressos verificados desde então foram tais que só uma modificação muito profunda destas instituições lhes permitiria subsistir. Tão profunda, cremos, que lhes alteraria a sua própria natureza.

Temos pois de aceitar que, no aspecto investigação, outras instituições surgiram mais bem apetrechadas e flexíveis para o exercício dessas funções.

Mas há um papel que nos parece de extrema importância e que julgo as Academias podem desempenhar melhor que qualquer outra instituição: uma acção de investigação reflexiva, de observação e

exame crítico de teorias vigentes ou de novas teorias que vão surgindo, sem necessário afastamento, pelo contrário, da criatividade no seu próprio seio.

Aí sim, a acção concertada dos sábios consagrados e experimentados com os novos valores das gerações mais jovens, podem ter um papel do maior relevo para o país. E não me estou a referir apenas a aspectos teóricos, refiro-me como não menos importantes os problemas práticos e reais da vida nacional.

E a nossa Academia com todas as suas limitações de meios humanos e materiais, consequência da escassez dos seus meios financeiros, tem feito algo nesse sentido. Cito a título puramente exemplificativo dois ou três casos: Os colóquios sobre a violência, sobre a viação ou colóquio reflexivo sobre as Teorias Keynesianas.

Num outro plano, discretamente levado a efeito, e esta descrição não será talvez benéfica, deve referir-se o programa sobre as «Fronteiras do conhecimento» onde se tem procurado elaborar sínteses das posições mais avançadas nos vários domínios do conhecimento, acção levada a cabo com a colaboração de eminentes cientistas estrangeiros (um prémio Nobel por exemplo).

Nem sempre — mea culpa — os académicos, como referia recentemente um dos nossos confrades, lhe dedicam atenção análoga ao fervor com que nela procuraram entrar, mas é igualmente certo que as condições de trabalho na Academia têm um carácter centrífugo, pois são praticamente inexistentes, salvo para a investigação no domínio da história científico-cultural.

Exemplos, aí está o da elaboração do Novo Dicionário onde Membros da Academia puseram o melhor do seu esforço para elaborar o 1.º volume, mas que ficará sem continuidade se as entidades oficiais não dispensarem os meios necessários ao seu prosseguimento. E o custo é baixo em relação ao valor do produto que se obteria. Mas dir-se-á: não há tantas necessidades a satisfazer? Eu acrescentaria mas a cultura de um povo não corresponde a uma necessidade essencial num país que queira pertencer ao mundo civilizado? E ajuntaria em comentário: e malbarata-se tanto dinheiro em fins mais que duvidosos.

É conhecida a crise que o País atravessa. Em particular no domínio económico: é má a nossa situação, não obstante a melhoria verificada no sector externo. Temos uma dívida externa vultosa, agrava-se continuamente o montante da dívida interna, com contribuição assinalável dos déficits do próprio orçamento corrente a alimentar a inflação, factores

de ordem interna e externa dificultam a contenção desta, e a par do agravamento do custo de vida, o nível de desemprego atinge proporções elevadas.

Em qualquer circunstância, e até porque é delicada a situação mundial, somos nós próprios que temos de resolver os nossos problemas. Não poderia esta Academia através da colaboração dos seus membros com personalidades diversas tentar o equacionamento de algumas das nossas questões mais prementes e perspectivar as soluções possíveis para elas?

Dir-se-á que Conferências Económicas, tem sido numerosas nos últimos tempos, parece que sem grandes resultados pelo menos aparentes. Mas a ideia tinha um carácter mais circunscrito a problemas específicos, no domínio económico ou noutros, tais como a saúde, a terceira idade, a Universidade, etc.

A vantagem da colaboração da Academia no estudo destes problemas é, entre outros, o de, sem negar o factor político, ter sabido sempre sobrelevar-lhe o tratamento tão objectivo quanto possível dos problemas, o convívio sempre pacífico e amigável entre todos os seus membros para lá das diferenciações ideológicas que se não negam, porque a morte da ideologia era naturalmente a morte da inteligência humana, mas que não impede que a Academia não seja um refúgio, com campo de tréguas, onde os homens tem como primeiro valor a sua condição humana, que os faz irmanar.

Houve sempre nesta Casa a recusa de se arrogar a si próprio, ou de conceder aos outros, o monopólio da verdade. Este é de facto, o verdadeiro antídoto do totalitarismo.

Este sentido de fraternidade constitui o campo ideal para um exame sereno e imparcial dos problemas e a sua existência só por si confere à Academia como Instituição que o possibilita, mais do que justificação para celebrar com orgulho os seus duzentos anos, oferece-lhe igualmente motivação para uma acção mais pródiga, fecunda e alargada no início do seu terceiro século.

Sacudida a poeira do tempo, mas consciente do seu passado orgulhoso, há-de saber encontrar a forma de realizar essas acções e tem direito a que lhe confirmem os meios de não envergonhar Portugal no concerto das Nações. Há sempre vantagem em nunca hesitar e tudo ousar, como dizia Erasmo.

Esta sessão, a que preside o Chefe do Estado, é uma prova de afirmação da Academia e do reconhecimento que o País, na pessoa do presidente da República e de tão ilustres personalidades, continua a considerar a Academia uma instituição nacional, sempre devotada ao serviço da ciência e da cultura, que o mesmo é dizer, ao serviço do País.

27-XII-79

DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÉMICO  
 PROF. DOUTOR JACINTO DO PRADO COELHO

Senhor Presidente da República  
 Senhor Secretário de Estado da Cultura e demais autoridades  
 civis e militares  
 Senhor Presidente da Academia das Ciências  
 Prezados Confrades e Amigos  
 Minhas Senhoras e meus Senhores

Em 1883, sobre parecer favorável de Pinheiro Chagas (relator) e de Bulhão Pato, a Academia das Ciências franqueava as suas portas a Eça de Queirós, elegendo-o sócio correspondente. Assim, dois representantes do Romantismo tardio davam um exemplo de isenção que, nesta Casa, não era o primeiro nem seria o último: numa data em que a batalha entre românticos e realistas estava ainda acesa, não se coíbiavam de prestar homenagem a um escritor de 38 anos que, erguendo-se do outro lado da barricada, constituía um perigo para a ordem estabelecida. *Noblesse oblige*. Os autores do parecer, embora reconhecendo em Eça de Queirós «uma das glórias literárias no século XIX, um dos poucos nomes que hão-de sobreviver ao esquecimento [...]», não escondiam as reservas que lhes merecia o Realismo em voga: «Seja qual for a escola em que os seus romances se filiem, sejam quais forem as opiniões da Academia acerca das suas tendências literárias...» Tanto Chagas como Bulhão Pato rejeitavam, obviamente, a nova escola; mas, por sentido de justiça e também por amor à própria instituição, procuravam evitar os erros em que haviam caído os imortais da Academia Francesa. «Uma das vergonhas da Academia Francesa — observavam — é não ter aceitado no seu grémio Balzac e Dumas, e é lamentável para esta corporação, a tantos respetos tão ilustre, o facto incontestável de ser o *41ème fauteur*, como espirituosamente chamou Arsénio Houssaye

à cadeira dos excluídos, que tem em uma lista os nomes mais gloriosos — desde Molière a Balzac.»

Quatro anos depois, chega ao conhecimento de Eça de Queirós, então cônsul em Bristol, que a Academia pôs, ou vai pôr, a concurso o prémio D. Luís I, com o atraente valor monetário de um conto de réis. Então, a 14 de Junho, em carta a Ramalho Ortigão, expõe em termos jocosos a sua intenção de se candidatar: «Diz-me meu pai que se abriu, ou vai abrir, esse famoso concurso da Academia em que um conto de réis substitui a nobre coroa de louros do tempo de Heródoto e de tudo quanto havia de *chic* na velha Grécia literária; eu pretendo entrar nesse concurso com a *Relíquias*, não porque haja sequer a sombra fugitiva duma probabilidade mais magra do que eu, de que me seja dado o conto, entre o clamor das turbas e as palmas de Temístocles — mas porque desejo gozar a atitude da Academia, diante de D. Raposo!»

De facto, como se previa, o apetecido galardão foi para outra das obras concorrentes, a peça *O Duque de Viseu* de Henrique Lopes de Mendonça, enquanto *A Relíquias* se quedava em quarto e último lugar. O relatório do concurso, subscrito pelos académicos da Secção de Literatura Pinheiro Chagas (outra vez o relator!), Visconde de Benalcanfor, José Silvestre Pinheiro e Inácio Villhena Barbosa, e publicado n' *O Jornal do Comércio* em 10, 11 e 12 de Dezembro de 1887, contornando a questão moral, considera *A Relíquias* uma obra falhada tão-só por ser incongruente, inverosímil, o sonho do Raposo. «Um pateta moderno, um devasso reles, vicioso e beato», ao evocar «a Jerusalém do tempo de Cristo», só podia transformar o Evangelho da Paixão num «Evangelho burlesco». «Acontece, porém, que o autor parece ter feito à parte o seu romance da Paixão de Cristo, colocando-o depois à pressa nas páginas do outro. Quem adormece — acentua Pinheiro Chagas — é Teodorico [Raposo] e quem sonha é o autor, e com grande surpresa nossa vemos aquele adorador de santinhos e frequentador das ruas suspeitas de Lisboa sonhando que vê a Paixão de Cristo em todo o seu grandioso aspecto histórico». Livro falhado, pois, por defeito de composição, mas com belíssimas páginas, que Pinheiro Chagas não deixa de enaltecer: «o génio do escritor sente-se em todo o caso nesse livro, tão falto de unidade lógica, e o sonho da Paixão, logo que o leitor se esqueça de quem é o personagem que sonha, é de uma beleza verdadeiramente admirável»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Alvaro Neves, «Eça de Queirós, académico», *In Memoriam* de Eça de Queirós, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1947, pp. 281-287.

Eça decerto se irritou com a miopia (se não disfarçada hostilidade) que infirmava o parecer académico: poderia aceitar que o acusassem de inverosimilhança, mas esta nunca seria razão suficiente para se preferir à *Relíquias* (de todas as obras de Eça, «a de maior projecção internacional», como regista Ernesto G. Da Cal, nosso consócio e grande queirosianista) a discreta coerência duma obra menor. E, naturalmente, ripostou; naturalmente, com a sua aguda inteligência e o veneno do seu traço caricatural, desferiu golpes cruéis no júri e na própria Academia. Refiro-me em particular à famosa carta a Mariano Pina de 25 de Janeiro de 1888, publicada, sob o título «A Academia e a Literatura», no jornal *O Repórter* em 27 de Abril do mesmo ano, e recolhida depois nas *Notas Contemporâneas*. Aliás, o que importa agora realçar nesse texto são algumas ponderadas reflexões sobre a função das Academias na dinâmica da cultura, onde as forças da Tradição e da Invenção se devem contrabalançar, como, na esfera social, é necessário «o equilíbrio da Tradição e da Revolução». «Sem a Revolução — prossegue Eça —, os Estados incrustar-se-iam numa tirania inerte, produzindo, acima de todos os males, o enfraquecimento dos caracteres; e as literaturas inevitavelmente cairiam na rotina, produzindo, acima de todos os males, o adormecimento das inteligências». Definida assim a cultura pela relação dialéctica entre Tradição e Inovação, o romancista colocava a Academia do lado da Tradição, como guardiã da Regra, a condenar, como lhe competia, «o livro da revolta». Concepção da natureza das Academias ainda hoje vigente. O mais curioso, porém, é que esse conservantismo nem sempre as tem caracterizado; e que a nossa Academia das Ciências, nascida sob o signo do Iluminismo, para cultivo da Razão clara e serviço do povo português, foi, nas primeiras décadas de existência baluarte da Invenção, ou, se quiserem, da Inovação. Em 7 de Dezembro de 1929, em plena ditadura (o Presidente da Academia, Júlio Dantas, discursando na sessão solene comemorativa do sesquicentenário da fundação desta Casa, exaltava os fundadores, o abade Correia da Serra e o Duque de Lafões, chamando-lhes «dois dos mais nobres espíritos que em Portugal, no fim do século XVIII, serviram a causa, duplamente sagrada, da inteligência e da liberdade». E, mais adiante, insistia no progressismo desses dois homens: «Lembremo-nos de que, como Filinto Elísio, como o sábio Avelar Brotero, expatriados em 1778, como o abade Correia da Serra, perseguido daí a pouco pela reacção política e religiosa, e obrigado, depois de uma tentativa de suicídio, a fugir de Portugal, — o nobre Duque de Lafões, acusado de albergar jacobinos na sua quinta

de Alfinetes, suspeito de esconder o convencional Broussonet nas casas da Academia das Ciências, vexado pela polícia do Intendente Pina Manique, que lhe apreendia, na Alfândega, caixas inteiras com os livros de Reynal, de Voltaire e de Rousseau, o nobre Duque, três vezes príncipe pelo espírito, pelo nascimento e pelo coração, amou também, do fundo da sua alma, a democracia e a liberdade». Até aqui, Júlio Dantas. Por mim, prefiro realçar alguns pontos dos Estatutos ainda vigentes em 1815; por exemplo, logo na Introdução, o passo onde se indicam como finalidades «caminhar [...] ao profundo conhecimento da Natureza pelos diversos caminhos que a ela conduzem», «levantar a Língua e a História Portuguesa», «tirar do santuário das Ciências, impenetrável ao vulgo, os conhecimentos práticos, que influíssem nos Agricultores e Artistas, e dessem uma útil direcção aos seus trabalhos»<sup>2</sup>, ou seja, por palavras de hoje, incentivar a produção de riqueza, logo aumentar o bem-estar da população, difundindo conhecimentos úteis entre os que trabalham na agricultura e na indústria. O ideário das Luzes exige um estilo simples, rigoroso, anti-retórico, nas Memórias que sejam apresentadas a concursos académicos. «Como a verdade é o objecto principal dos trabalhos da Sociedade — diz o Título XXI dos mencionados Estatutos —, as Memórias que pretenderem ser coroadas por ela devem ter um estilo e um modo de pensar conveniente à sublime singeleza da mesma verdade; nenhuma exageração, nenhuma declamação, nenhuma hipótese mal fundada ou discurso vago poderá em tempo algum ser bem aceito à Academia [...]» Algumas décadas depois — ai de nós! — sob os ventos do Romantismo esses «discursos vagos», empolados, já rimavam com *académico*.

Caberá aqui um episódio que pode simbolizar o espírito jovem, generoso, dos fundadores. Quando, em 1821, Almeida Garrett, levado a tribunal pelas audácias d'O *Retrato de Vénus*, refutou com brilho as acusações de licenciosidade e «filosofismo», o velho abade Correia da Serra, de regresso a Portugal, não se conteve e aplaudiu o orador; «apenas este tinha acabado de falar (conta Teófilo Braga em *Garrett e a Sua Obra*), rompe o venerável ancião toda a solenidade do acto, desce da bancada, e vem aos abraços ao que ainda era réu e a quem ali,

<sup>2</sup> *Colecção Sistemática das Leis e Estatutos, por que se tem governado a Academia Real das Ciências de Lisboa, desde o seu estabelecimento até ao tempo presente*, Lisboa. Na Tipografia da mesma Academia, 1822.

em pleno tribunal, beijou e abençoou como esperança da honra e glória da tribuna portuguesa».

Foi o correr dos anos que tornou a Academia, a princípio de vanguarda, mais fechada em si, mais conservadora e reservada, não obstante em várias épocas, e até aos nossos dias, continuasse a promover cursos ou colóquios de extensão cultural. Algumas vezes venceu, tomando partido pelo que inexoravelmente se extinguia contra o atrevimento das novidades em que o futuro se anunciava. E, todavia, de modo geral, procurou adaptar-se, ainda que relutante, às transformações. Foi incorporando o Romantismo, o Realismo, o Simbolismo, o Neo-Romantismo; só com os dois Modernismos, o do *Orpheu*, como bem se compreende, e ainda o da *Presença*, o divórcio se manteve incurável apenas talvez com uma excepção — a de Vitorino Nemésio. No século XIX e em começos do século XX, não se atardou ao integrar quase todos os nossos escritores: Pinheiro Chagas é sócio ao 24 anos; Castilho e Eugénio de Castro aos 26; A. P. Lopes de Mendonça e Correia de Oliveira aos 29; Latino Coelho aos 30; Tomás Ribeiro aos 31; Rebelo da Silva e Júlio Dantas pelos 32; Camilo aos 33, por iniciativa de Herculano<sup>3</sup> — e já então, segundo o respectivo parecer, os seus escritos «demonstram tanto engenho e fecundidade tão singular, e gozam de popularidade tão geral, que seriam sobejas todas as considerações que se fizessem a este propósito». Por fim, *coram populo*, lamento que, no século XX, tenha prevalecido a tendência para elevar a média etária dos sócios logo na admissão, enfraquecendo, portanto, a vitalidade intelectual da Academia, favorecendo o misoneísmo em detrimento da inovação e do arrojo. Claro que há excepções: Fernando Namora, por exemplo, e com ele o neo-realismo, entrou na Academia em 1955; o historiador Ruben Andresen Leitão foi acolhido em 1968, e com ele, discretamente, o seu duplo Ruben A., ligado ao surrealismo (ou *sobrerrealismo*, para contentar os puristas).

Oliveira Martins, esse foi eleito aos 35 anos, em 1880, após ganhar a medalha de ouro no concurso, instituído pela Casa do Duque de Lafões, para memórias sobre «o melhor sistema de circulação fiduciária». No seu trabalho, Oliveira Martins preconizava a criação dum banco emissor nacional, ideia que só 10 anos depois seria convertida em proposta a

<sup>3</sup> Números aproximados: nem sempre tive em conta dia e mês do nascimento e da eleição.

submeter às Câmaras. Mas também não teve sorte com o Prémio D. Luís I, a que, em 1889, concorreu com o ensaio *Camões, os Lusíadas e a Renascença*. Sob parecer de Teófilo Braga, nenhuma das sete obras concorrentes (entre as quais as *Líricas* de João Saraiva e o estudo psicológico de Moniz Barreto sobre Oliveira Martins) foi considerada digna do galardão. Mas a justa compensação não demorou: em 1891, por iniciativa da Secção de Ciências Económicas e Administrativas, o historiador-sociólogo era proclamado sócio efectivo<sup>4</sup>.

Um tema que me levaria longe de mais é o das relações internacionais na esfera da cultura por intermédio da Academia. Poucos saberão que nomes célebres doutras literaturas pertencem à imensa teoria dos nossos confrades: no século XIX, um Lamartine, um Vigny, um Vitor Hugo, um Michelet, um Martinez de la Rosa, um Teodoro Mommsen; no século XX, Paul Valéry, Georges Duhamel, André Maurois, Léopold Senghors, etc., além de inumeráveis lusófilos, desde Ferdinand Denis a Marcel Bataillon, Luciana Stegagno Picchio e Ernesto G. Da Cal<sup>5</sup>. Assim se tem cumprido o que preceitua o Título VI dos velhos Estatutos: «Os estrangeiros insignes pelas suas letras, e famosos pelas suas Obras, que residindo fora deste Reino, mostrarem estimar a associação da Academia, serão recebidos por sócios» (*Colecção Sistemática de Leis e Estatutos ...*, Lisboa, 1822).

Sintoma de abertura que, por outro lado, me é grato lembrar aqui diz respeito ao comportamento da Academia perante as mulheres. Já em 1912 recebia no seu grémio a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho e a filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por decisão quase unânime, subscrita por Bulhão Pato, Júlio de Vilhena, José Ramos Coelho, Leite de Vasconcelos, Henrique Lopes de Mendonça, J. Fernandes Costa, Jaime Moniz, Coelho de Carvalho, Gama Barros, António Cândido, Teófilo Braga, Teixeira de Queirós, Cristóvam Aires, Gonçalves Viana. Na reunião de 30 de Maio, em que foram lidos os respectivos pareceres, Veiga Beirão declarou que não os assinaria porque «segundo a letra e o espírito do estatuto lhe parecia que não eram elegíveis senão os

<sup>4</sup> Cf. F. d'A. d'Oliveira Martins, «Oliveira Martins, Teófilo Braga e a Academia das Ciências de Lisboa», in *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, Ano VIII, n.º 23, Jan. de 1963, e n.º 24, Abril de 1963.

<sup>5</sup> Os nomes de autores do século XIX são indicados por Fernandes Costa no parecer sobre a candidatura de Anselmo de Andrade lido na sessão de 25 de Jan. de 1906 (in *Actas das Sessões da 2.ª Classe*, vol. II, p. 176).

homens». Logo, em resposta, Teixeira de Queirós, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Júlio de Vilhena e Cristóvam Aires ponderaram que «os Estatutos se referiam a sócios sem distinção de sexo; que, embora no espírito da lei orgânica não pudesse estar, quando ela foi promulgada, o eleger senhoras, o tempo modificara por tal forma as circunstâncias e o meio que hoje era possível o que não seria há 50 anos, tanto que víamos hoje uma senhora regendo na Universidade de Coimbra». Abriu-se depois um longo intervalo, mas nos últimos cinco anos vieram enriquecer a Classe de Letras a jurista Isabel Magalhães Colaço, as filólogas Maria Helena Rocha Pereira e Maria de Lourdes Belchior e a romancista Agustina Bessa-Luís. Ora compare-se: na Academia Brasileira de Letras só há pouco foi admitida a primeira mulher, Rachel de Queirós; na Academia Espanhola, situação idêntica; na Academia Francesa, ainda não estão removidos todos os obstáculos para o ingresso da primeira escritora indigitada, Margueritte Yourcenar.

Se algumas notáveis personalidades faltam no rol dos académicos terá sido, em muitos casos, por não terem apresentado candidatura quando esta era de praxe, ou, mais recentemente, por haverem declinado o convite que lhes foi dirigido. Aliás, são amiúde escritores célebres os menos colaboradores ou mais irrespeitosos, enquanto duma legião de autores menores, hoje desdenhados ou ignorados, merecida ou injustamente, saíram muitas vezes aqueles que, na hora própria, souberam desempenhar o papel de Marta, administrando, organizando actividades, garantindo a continuidade. Com exagero polémico, na aludida carta a Mariano Pina, dizia Eça, ressentido, que em Portugal se não pode avaliar a eficácia da Academia — «como se não pode apreciar a utilidade dum instrumento durante largos anos esquecido ao canto dum casarão, enferrujando-se e apodrecendo sob a escuridade e o bolor». E Camilo, num livro por sinal dedicado a um confrade, o Visconde de Benalcanfor — Camilo, em maré cheia de azedume — não é menos mordaz: «Quando um sócio vai continuar na vida eterna o sono das suas sessões, os confrades vivos gemem-lhe o elogio fúnebre, uma Nénia em períodos redondos, *ore rotundo*, na prosa da fundação do estabelecimento; em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjectivos e a escovar algumas metáforas de fivelas e rabicho, para a necrologia de um futuro confrade morto»<sup>6</sup>. Esta imagem de sonolência e anacronismo satisfaz o gosto

<sup>6</sup> Camilo Castelo Branco, *O General Carlos Ribeiro*, Porto, 1884, p. 161.

nacional da maledicência, mas é justo contrapor-lhe não só a animação de muitos debates como também as centenas de volumes, muitos deles fundamentais, que esta Academia tem produzido, fruto dum trabalho colectivo, quase sempre sem estímulos, a exigir longo amor e abnegação invulgar. Bastará citar, entre as obras mais relevantes, os *Portugalia Monumenta Historica*; a edição dos 4 Livros das *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, dirigida por Rodrigo José de Lima Felner; as edições das *Cartas de Afonso de Albuquerque* e do *Livro das Monções*, dirigidas por Bulhão Pato; os *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues, edição organizada por David Lopes; os *Documentos das Chancelarias Reais Anteriores a 1531 Relativos a Marrocos*, dados a lume sob a orientação de Pedro de Azevedo; os quinze volumes do *Corpo Diplomático Português*; o *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, por Cristóvam Aires; a *História da Universidade de Coimbra*, em cinco volumes, por Teófilo Braga; o *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses e ao Serviço de Portugal*, coordenado por Sousa Viterbo; o *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal*, em dezoito volumes, coligido pelo Visconde de Santarém; os *Escritos d'El-Rei D. Pedro V*, em 5 volumes; e obras ainda de Esteves Pereira, António Baião, Quirino da Fonseca, Júlio de Vilhena, etc., etc., não falando nas centenas de estudos coligidos nos volumes anuais das *Memórias*. Acresce que esta Academia vive apertada numa parte do edifício que lhe pertence, invadido por outros serviços; e que ficou à margem no momento em que se planeou e organizou, a nível do Estado, a investigação em Portugal (não dispomos aqui de qualquer centro de pesquisa).

Uma das primeiras preocupações da Academia das Ciências foi cumprir o que, na verdade, constitui um dos seus deveres fundamentais: elaborar um grande Dicionário da Língua. Assim, logo em Junho de 1780 nomeou uma comissão de sócios encarregados dessa tarefa: Pedro José da Fonseca, presidente, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge. Trabalharam os três arduamente, redigindo o primeiro volume (letra A), vindo a público em 1793, e deixando importantes materiais para os volumes seguintes. A Pedro José da Fonseca se deve ainda a parte introdutória, composta de «Dedicatória», «Planta» e «Catálogo de Autores», com mais de duzentas páginas. «As vigílias e fadigas que isto lhe custou — diz Inocêncio — arruinaram de todo a sua já deteriorada saúde, reduzindo-o ao estado valetudinário em que houve de arrastar ainda por bastantes anos os restos de uma vida atribulada.

Seus companheiros, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge, perderam um e outro a vista ao fim de alguns anos, para não mais a recuperarem. E o prémio de seus trabalhos? Foi um exemplar do Dicionário, que cada um deles recebeu, como qualquer dos outros sócios!»

Esse volume era realmente, para a época, modelar, e uma honra para a Academia. Inocêncio, porém, omitiu que os sacrificados redactores ainda foram pagos doutra maneira: com as troças resultantes de terem parado no termo *azurrar*, cuja definição terminava em *asno*. Garrett, aos dezanove anos, estudante em Coimbra, zagunchava-os nos versos de «Pelo Zurro o Burro», integrados posteriormente nas *Fábulas*:

Quanto seria mais, quanto fulgira  
Em gordos, grossos, grandes calhamaços  
A portuguesa, majestosa língua,  
Se os novos sábios, no começo à empresa,  
A antigas manhas não perdendo o afinco,  
Não encontrassem por desgraça nossa  
C'um pérfido *azurrar* — zurrar maldito! ...  
Ficaram no *azurrar* sempre zurrando.

Oito anos depois, em 1826, saía o *Bosquejo de História da Poesia e Língua Portuguesa*, onde Garrett, mais cordato, visando sobretudo a defesa do vernáculo, apreciava nestes termos a nossa associação: «Este corpo científico, de quem tanto bem se augurou para a língua e literatura nacional, nem fez tudo o que dele se esperava, nem uma parte muito pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inútil, nem, como alguns têm querido, prejudicial. E todavia sua força moral não foi bastante para vencer um mal terrível que já no tempo de sua criação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a tal ponto que veio a tornar-se quase indestrutível. / Este mal foi a *galomania*, que sobre perverter o carácter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem ...» Com tais antecedentes é que o poeta de *Camões* e *Dona Branca* dirige, em Janeiro de 1835, ao Presidente da Academia, Aragão Morato, o esquecida historiador da Arcádia, uma carta em que lhe comunica o desejo de ser sócio<sup>7</sup>. Desejo que não foi satis-

<sup>7</sup> Cfr. Henrique de Campos Ferreira Lima, *Garrett e a Academia*, sep. do *Boletim da 2.ª Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XVIII, Coimbra, 1926.

feito, podem V. Ex.<sup>as</sup> calcular porquê. Em 1850, Latino Coelho, num artigo do *Ateneu*, deplora que um homem da estatura de Garrett continue «estranho à Academia e por ela excomungado» (*sic*).

Foi mais feliz Herculano. Também ele, na «Trova Terceira» de *A Dama Pé de Cabra*, conto inicialmente publicado no *Panorama* em 1843, zombava da Academia a pretexto do Dicionário: «O ónagro — escrevia — fitou as orelhas e, em sinal de aprovação, começou a azurrar; começou por onde, às vezes, academias acabam». Mas, por distração ou benevolência, a Academia chamava-o ao seu grémio, como sócio, quatro meses depois, em Fevereiro de 1844. Finalmente, em 1852, reformada a Academia e alargados os seus quadros, deliberou uma comissão académica nomeada pelo Governo, que Garrett preenchesse um dos lugares da Secção de Ciências Morais e Jurisprudência (imediatamente como sócio efectivo) e que Herculano passasse a efectivo integrando a Secção de História e Arqueologia<sup>8</sup>.

O projecto dum Dicionário da Língua que, na perspectiva actual, é instrumento indispensável para uma política cultural em relação aos países de língua portuguesa, não deixou de estar no espírito dos sócios desta Casa, e em 1976 outra vez se iniciava a publicação dum *Dicionário da Língua Portuguesa* cujos trabalhos coordenei, como director da Comissão Lexicográfica; outra vez um só volume restringido à letra A, agora com 115 páginas de Introdução e 678 páginas de texto; só que, menos prosaicamente, a última palavra cabeça-de-artigo não é já *azurrar* mas *azuverte*, nome duma ave fringilídia de Timor. Oxalá a Fortuna nos bafeje. Publicado este volume, por falta do indispensável apoio oficial, interrompeu-se a preparação dos próximos volumes. Se tivermos de esperar mais dois séculos, é pena, francamente pena, porque se trata dum erro grave, quer do ponto de vista cultural, quer até do ponto de vista económico. E está em causa a nossa presença no mundo.

Não me sobeja tempo para enunciar mais algumas contribuições que, no âmbito das Ciências Humanas, esta Academia deu ao País; aludirei, ao menos, à participação da Academia na instalação do Curso Superior de Letras, na elaboração do seu regulamento, nos júris de concurso para professores e no ensino; aos acordos ortográficos com o Brasil, o último dos quais, com vista não já à uniformização mas à

<sup>8</sup> V., a propósito, Cristóvam Aires, «Alexandre Herculano e a Real Academia das Ciências», in *Boletim da 2.ª Classe*, vol. III, 1909-1910, Lisboa, 1910, pp. 145-172.

unificação, é um projecto comum da Academia das Ciências e da Academia Brasileira de Letras, tanto quanto sei ainda não examinado por Governos ou Parlamentos dos dois países; à função de estímulo e consagração exercida pela Academia através dos seus numerosos prémios, entre os quais avulta, por sua tradição e prestígio, o Prémio Ricardo Malheiros.

Creio, em suma, que esta Casa tem motivos de sobra para se orgulhar dos seus duzentos anos; não obstante a modéstia dos seus meios, reflectindo necessariamente, além das vicissitudes históricas, as grandes virtualidades e as inquietantes limitações da sociedade em que se enquadra, dum modo global tem servido com dignidade o País, quer pelo exemplo do convívio civilizado, no trabalho de grupo e no diálogo, quer promovendo labor científico num vastíssimo leque de disciplinas, difundindo resultados, valorizando a nossa cultura pela reflexão, pela historiografia, pela criação estético-literária, pelo enriquecimento e defesa da língua que a um tempo espelha e modela a nossa visão do mundo. Esta erudita velhinha não perdeu a juventude: é ver o entusiasmo com que está a celebrar os seus duzentos anos, multiplicando colóquios e publicações (no programa das quais figura uma edição crítica d'*Os Lusíadas* em quatro volumes), activando as suas relações internacionais, propondo até, para tema dum congresso inter-académico em Lisboa, previsto para 1980, «a função das Academias no presente e no futuro».

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO  
DAS COMEMORAÇÕES  
(15-XII-1983)



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
PROF. DOUTOR J. PINTO PEIXOTO

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da República  
Ex.<sup>mo</sup> e Reverendíssimo Senhor Arcebispo de Madrasuma  
em representação da S. Eminência o Cardeal Patriarca  
de Lisboa  
Senhores Embaixadores  
Eminentes Confrades  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

1. Como Presidente da Academia e exprimindo o sentir colectivo dos nossos eminentes Confrades, pusemos o maior empenhamento na realização desta sessão de encerramento das comemorações do Segundo Centenário, que quisemos solene, por constituir um marco que desejamos que fique indelevelmente gravado na história da Academia.

Esta solenidade é reforçada pela honra da presença de S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República que se dignou presidir a esta Sessão. Aqui ficam os nossos profundos agradecimentos a que juntarei mais uma palavra de ordem pessoal por saber os ajustamentos a que Sua Ex.<sup>a</sup> teve que proceder para poder estar presente hoje e a esta hora na Academia.

Esta sessão é, simultaneamente, de homenagem ao passado e uma profissão de fé no futuro. É um passado de dois séculos, que se confunde com a história da Cultura e da Ciência de Portugal. É um passado em que a tradição e a inovação se associaram para manter a vitalidade intelectual da Academia, o que lhe permitiu, não obstante a carência de meios e recursos, servir abnegadamente o País, com dignidade e isenção.

Soube ser útil e activa, valorizando a nossa cultura como a sua divisa lhe impunha e não actuar, apenas, como uma Instituição com função decorativa ou, exclusivamente, de «consagração de méritos dos que se distinguem pelos seus trabalhos científicos e literários».

Fomentou o labor científico e estendeu a sua acção inovadora à medicina, à agricultura, à economia, à educação, ao ensino, à engenharia. Lutou pela defesa e alargamento da Língua Portuguesa, organizou Serviços de Estado, criou Laboratórios, fundou Institutos.

Nomes célebres doutras gentes, doutras línguas e doutras culturas pertenceram ontem e pertencem hoje à teoria imensa dos nossos confrades. É que nos mantemos fiéis à substância dos velhos Estatutos: «Os estrangeiros insignes pelas suas letras e famosos pelas suas obras (...) que mostrarem estimar a associação da Academia, serão recebidos por sócios». Pois, juntaremos agora, com uma ponta de orgulho: muitos mostraram e mostram estimar a associação com a nossa Academia que, diga-se, em abono da verdade, até tem sabido escolher. É que a experiência revelou que muitos dos nossos confrades estrangeiros vieram, mais tarde, a atingir a proeminência da consagração internacional. E, assim, hoje a Academia conta no seu seio nomes grandes das Letras e das Ciências Universais.

Esta Academia, escol de humanistas e de oradores; de escritores e de mestres; de filósofos e de cientistas; de juristas e de engenheiros; de médicos e de economistas, é o repositório da nossa cultura e o símbolo da nossa maneira de estar no Mundo.

A defesa dos nossos valores espirituais tem sido uma constante, sempre presente, na cadeia ininterrupta de gerações sucessivas de homens ilustres, que têm servido a Academia. E nós, na nossa geração, não queremos desmerecer a responsabilidade que o exemplo dos nossos maiores nos aponta e impõe. E assumimo-la, enfrentando com coragem os vários problemas que nos afligem, alguns dos quais referirei na minha alocução.

Antes, porém, quero prestar um tributo de homenagem aos nossos confrades que faleceram no decurso das Comemorações. Seja-me permitido trazer aqui entre outros os nomes do General Luís Maria da Câmara Pina e do Almirante Avelino Teixeira da Mota, pelo entusiasmo que puseram na preparação das Comemorações do 2.º Centenário da Academia.

2. As comemorações do segundo centenário da Academia tem vindo a decorrer sob o signo da renovação. De forma discreta, mas persistente

e contínua, temos desenvolvido uma actividade cultural e científica, particularmente densa através da publicação de obras que ficarão a enriquecer o nosso património científico e cultural, de ciclos de conferências e de comunicações e, de forma especial, através da realização de uma série de Simpósios Internacionais em vários domínios das Ciências, que nenhuma outra Instituição em Portugal teria tido capacidade de organizar.

As obras produzidas no decurso das Comemorações estão patentes numa mostra, despretensiosa, mas concludente. Obras que são o fruto de um trabalho abnegado, desinteressado, quase sempre sem estímulos, em que os Académicos, seus autores, pode dizer-se, deram tudo: esforço, inteligência, talento e fazenda! E tudo, só por amor à Academia e por fidelidade aos princípios que nos guiam nesta Casa de Lafões, «Consagrada à glória e felicidade pública, para adiantamento da instrução nacional, perfeição das Ciências e das Artes e aumento da indústria popular».

Produziram-se trabalhos novos, aceleraram-se edições atrasadas, e retomaram-se edições esquecidas; reeditaram-se obras fundamentais e publicou-se um volume do *Dicionário da Língua Portuguesa*, instrumento indispensável da nossa política cultural; reeditou-se o famoso *Livro das Armadas*, e tudo isto, não obstante, a parcimónia dos recursos e das dotações da Academia.

Realizaram-se numerosas conferências e comunicações de altíssimo valor científico por académicos nacionais e estrangeiros. O Instituto de Altos Estudos da Academia, seguindo a sua tarefa, organizou vários colóquios sobre temas extremamente actuais. Entre estes, destacaremos os seguintes: «Acidentes da Viação», «Estudos Keynesianos», «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal», «Violência».

Sobre a umbrela comum «Fronteiras do Conhecimento» («Frontiers of Knowledge») realizaram-se na Academia quatro grandes simpósios internacionais, que trouxeram até nós os cientistas mais notáveis do Mundo em cada um dos temas tratados, muitos deles galardoados já com o Prémio Nobel. Tivemos o concurso de cientistas notabilíssimos do Japão, da Alemanha, da Rússia, da Inglaterra, da França, da Itália, da Espanha, da Dinamarca, de Israel, da Holanda, do Canadá e dos Estados Unidos.

Permitam-me V. Ex.<sup>as</sup> que pela sua proeminência e relevância para a vida científica e para a História da Ciência em Portugal, eu aqui os enumere:

New Trends in Bioinorganic Chemistry; New Trends in Nitrogen Fixation; Recent Advances in Statistics; Advances in Theory of Climate.

A publicação dos resultados destes simpósios, dado o seu alto mérito científico e a repercussão internacional que tiveram, foi disputada por vários editores internacionais, tendo, finalmente, recaído a escolha na «Academic Press», cujo prestígio no mundo do livro não sofre contestação. Desta série já foram publicados quatro volumes, patentes na exposição. Temos já notícia que alguns constituem textos de referência em grandes centros de investigação e em algumas Universidades, célebres, do mundo.

Dentro da tarefa de renovação que nos propusemos, uma das nossas preocupações actuais é retomar a representação da Academia em Organizações Internacionais de índole Cultural e Científica (ICSU, ESF, UNESCO), de participar em Congressos e Conferências Internacionais e de activar os nossos contactos com outras Academias, ou Instituições congéneres. Dentro desta linha de actuação, temos já um protocolo com a Royal Society, que tem permitido a visita de muitos cientistas portugueses aos grandes Centros de investigação e às Universidades do Reino Unido. É uma actividade discreta, mas que tornou já possível a estadia no Reino Unido, durante vários meses, de mais de trinta cientistas Portugueses e que permitiu trazer à nossa Academia, Professores Eminentes, que além de conferências e comunicações realizaram nas Universidades de Coimbra e de Lisboa vários cursos intensivos a nível de pós-graduação.

Esperamos vir a negociar outros protocolos semelhantes com as Academias da Suécia e da Irlanda e, possivelmente, com a Sociedade de Ciências do Japão. Vamos procurar retomar as relações perdidas com a National Academy of Sciences dos Estados Unidos, que nas décadas de 50 e 60 foram tão intensas e tão frutuosas.

Em homenagem à nossa Academia e para se associar ao seu segundo centenário, a Fundação Europeia da Ciência, («European Science Foundation»), agência do Conselho de Europa, reuniu em Lisboa, nas nossas instalações, de 24 a 25 de Junho com delegados dos Países da Europa e das várias Academias. Ainda, dentro desta política de aproximação com Instituições Irmãs, recebemos ontem na nossa Academia a visita dos membros da Academia Europeia de Ciências, Artes e Letras com sede em Paris, que estão em Lisboa para participar num Colóquio sobre Inovação e Educação a decorrer na Fundação Gulbenkian sob os auspícios da UNESCO e a que demos também o nosso patrocínio.

Começámos a trabalhar, com os nossos próprios recursos, tão escassos, na reorganização e na recuperação do Museu da Academia. Arecadámos já algumas peças dispersas ou esquecidas. Catalogámos, protegemos e arrumámos, com o apoio do Instituto Português do Património Cultural e da Universidade de Coimbra, a colecção das máscaras e de outras peças de alto valor etnográfico, algumas únicas, para o estudo das tribos da Amazónia. Refiro-me à famosa Colecção de Alexandre Rodrigues Ferreira (expedição de 1783), que constitui peça única no mundo e manancial de trabalho de investigação que está a atrair estudiosos de Universidades do Brasil e de Portugal.

Em âmbito nacional, e dentro das nossas tradições, incentivámos e apoiámos a formação de novas sociedades científicas, designadamente a «Sociedade Portuguesa de Electroquímica». O seu primeiro encontro nacional decorreu nas instalações da Academia, que também subsidiou o lançamento da Revista da Sociedade «Portugaliae Electrochimica Acta».

Ainda, dentro dos objectivos do programa das comemorações, alertámos, com veemência, o Govrno para o processo de expoliação de que a Academia, e à sua revelia, estava a ser, injustamente, vítima, e protestámos contra o que seria uma versão actual da famosa fábula de Fedro «Canis Parturiens». Demonstrámos que o edifício do extinto Convento de Jesus, da Ordem Terceira de S. Francisco, era por doação do Governo, propriedade da Academia das Ciências (Decreto de 27 de Out. 1834). «A recuperação da totalidade do imóvel da Academia e bem assim da respectiva cerca, considera-se indispensável para a defesa e valorização do seu património, incluindo a sua riquíssima Biblioteca e serviços que lhe incumbem».

3. Seja-me permitido, agora deixar uma palavra de lástima e de lamentação, que, se a não trouxesse aqui, seria pecado grave, por omissão. A estrutura e o funcionamento da riquíssima Biblioteca da Academia, que constitui um precioso instrumento de trabalho, apresentam problemas gravíssimos que urge enfrentar e que reclama solução rápida e imediata.

E digo, palavra de lástima, por termos que assistir impotentes à erosão do nosso património numa visão dantesca da aplicação da inexorabilidade da Lei da Entropia, a mais universal de todas as Leis do entendimento humano. É a destruição acelerada, que se não for atalhada, poderá, dentro de alguns anos, reduzir papel, tinta, encadernação e

insectos a uma pasta amorfa, pasmóide e ininteligível! E isto é um pecado para a nossa Cultura e um pecado mortal que as gerações vindouras não nos iriam perdoar!

E digo, palavra de lamentação, porque sentimos que temos andado a «pregar no deserto» sem encontrarmos das entidades responsáveis o apoio necessário e indispensável. — Como se pode compreender que a terceira, ou mesmo segunda Biblioteca de Portugal com um milhão de livros e que é depósito legal do Governo Português, possa funcionar com três funcionários, sem um único Técnico Superior, isto é, com menos pessoal do que qualquer posto de leitura pública da Província? — Como se podem atender leitores, satisfazer pedidos internacionais? — Como se pode cuidar das espécies e organizar catálogos? — Quem atende os eruditos estrangeiros que nos procuram?

Talvez, nestas condições, se devesse, pura e simplesmente, fechar a nossa Biblioteca, como, por vezes, tem sido preconizado. Fizemos uma proposta ao Governo no sentido de remediar esta situação. E julgamos que Sua Excelência o Ministro da Cultura, através do Instituto Português do Património Cultural, onde decorrem as conversações, está altamente empenhado em resolver a situação. Trata-se dum património colectivo, inestimável e raro e, em muitos casos, insubstituível e único, que convém preservar! Tal só se conseguirá dotando a Biblioteca, com um mínimo de dignidade, em meios humanos e materiais.

As cheias de 19 de Novembro passado produziram aqui, neste Salão nobre, estragos e, talvez, perdas irreparáveis, que só não foram mais extensas devido ao zelo de funcionários modestos desta Casa e ao espírito de abnegação de Sua Ex.<sup>a</sup> o académico Inspector da Biblioteca, a quem prestamos, publicamente, as nossas homenagens. E aqui deixo um apelo para que sejam facultados à Academia os meios indispensáveis, que nós saberemos utilizar, a bem da preservação do nosso património, que queremos legar, inteiro, acrescentado e são, às gerações futuras.

Os Serviços de apoio e de Secretaria estão também desfalcados. Sabemos, no entanto, que o Ministério da Cultura está a dar o melhor da sua atenção a uma proposta feita pela Academia, no sentido de modernizar e remodelar estes Serviços, que esperamos que seja concretizada.

4. Seja-me permitido que aborde outro assunto candente. É o problema magno da Língua Portuguesa.

«A Academia é o órgão consultivo do Governo Português em matéria linguística» (art.º 5 dos Estatutos. Decreto-Lei 5/78 de 12 de Janeiro).

Parece-nos, pois, indispensável retomar as negociações com a Academia Brasileira de Letras, interrompidas em 1974, a fim de se prepararem as bases do acordo de unificação da ortografia e urge contactar as autoridades, competentes na matéria, dos novos Países de expressão Portuguesa.

A Academia entende, ser seu dever, continuar a lutar pela manutenção, pelo enriquecimento, e pela unidade da Língua Portuguesa e, ao mesmo tempo, a patrocinar a sua expansão. A Língua é imagem da nossa presença no Mundo. É o legado perdurável que deixámos espalhado pelos «quatro cantos da Terra», que «pela sua suavidade e doçura» permite exprimir os sentimentos profundos do homem em tantas formas de aculturação e em tão diversificados ambientes e que, pela sua amplitude, permite traduzir tantas e tão diferentes maneiras de dizer e formas de pensar.

Graças à acção da Comissão Lexicográfica da Academia, agora extinta por falta de apoio oficial, foi possível publicar o primeiro Volume do Dicionário da Língua Portuguesa, referente à letra A. São, de todo 793 páginas, com uma introdução de 115 páginas. É um volume que dignifica qualquer Instituição. Infelizmente, depois da saída deste volume, interrompeu-se a preparação dos outros volumes, pela razão já apontada! E pode constituir um erro fatal, porque um dicionário é um instrumento fundamental na salvaguarda dos padrões da Língua e na elaboração de qualquer política da Língua, ou mesmo, de qualquer política cultural, em relação aos novos Países de expressão Portuguesa.

Como foi em tempo proposto torna-se extremamente útil que se reconsidere o velho projecto da Academia para a «criação duma indispensável oficina lexicográfica onde trabalhem permanentemente seis a oito licenciados» para a elaboração do Dicionário. Porém, para levar a cabo esta tarefa ingente, tornar-se-ia indispensável a concessão de meios pelo Governo e a compreensão e o querer dos Ministérios da Educação e da Cultura. E seria um bom investimento porque, nós na Academia queremos, sabemos e, perdoe-se a imodéstia, temos o talento...

Confrontados com a necessidade de actualizar e de modernizar a Língua Portuguesa, que vemos definhar e perder a capacidade de comunicação nos domínios da Ciência e da Técnica, a Academia, mesmo sem estímulos, nem dotações que se impunham, instituiu um grupo de traba-

lho, que reúne nomes ilustres das Ciências, da Engenharia, da Linguística e da Filologia, para analisar este problema magno. O grupo de trabalho estudará a possibilidade de produzir um *Vocabulário Científico e Técnico da Língua Portuguesa*. Aproveitar-se-ão muitos esforços, já levados a cabo, devido a necessidades prementes sentidas por algumas Instituições e postas à Academia. Todavia, há que ajustar termos a criar neologismos, indispensáveis para que a Língua Portuguesa possa emparceirar com as suas congéneres em capacidade de comunicação, e de diálogo nesta era da tecnologia e da informática.

A Fundação Europeia da Ciência tem uma Comissão para lexicografia computacional e tem em preparação um projecto destinado a este fim, «Computadores e Dicionários». Não nos podemos deter e temos que participar neste projecto, sob pena de não sermos incluídos na «lista multilingue da Termonologia relevante» (ESF.-Communication, n.º 7, Summer 1983).

5. «A Academia das Ciências de Lisboa terá por objecto a cultura, a propagação e adiantamento das Ciências (...) bem como a consagração dos méritos dos que se distinguem pelos seus trabalhos científicos e literários» (art. 1.º Dec. 35.090/1943).

E assim é, e assim será!

Ponto alto desta Sessão, numa justíssima homenagem de consagração, foi a entrega do colar da Academia aos eminentes académicos, figuras grandês do panorama internacional da Ciência, e mestres insígnies, Prof. Pedro Manuel de Almeida Lima, Presidente desta Academia em tempos tão difíceis, e Prof. José Vicente Gonçalves, matemático ilustre. Esta distinção, histórica e singular, foi concedida, por unanimidade, pelo Plenário Geral da Academia, pelos altíssimos méritos científicos e pelos serviços relevantes que aqueles eminentes académicos prestaram à Academia.

Dentro das suas atribuições, a Academia tem prestado grandes serviços à ciência e à cultura, através da instituição de numerosos prémios com a sua função de estímulo e consagração. Logo na primeira assembleia pública da Academia em 4 de Julho de 1780 foi apresentado o programa dos prémios académicos, que especificava: «O fim porque se estabeleceram os prémios não foi só para adquirir notícias e adiantar as ciências...; mas também para excitar a emulação e espartar os engenhos nacionais para o estudo profundo das ciências úteis».

Sobre a redacção das «Memórias» (obras concorrentes) diz o programa: «Como a verdade é o objecto principal da sociedade, as memórias que pretenderam ser coroadas por ela devem ter um estilo ... conveniente à sublime singeleza da mesma verdade; nenhuma exageração, nenhuma declamação, nenhuma hipótese mal fundada (...) poderá (...) ser bem aceite à Academia; antes, esta estimará sempre ver a observação e a experiência serem as bases dos discursos sobre a natureza (...) «Nas Memórias não se podiam incluir senão cousas novas ou aperfeiçoadas».

A Academia atribui prémios em vários sectores das humanidades, da literatura, das Ciências, da Economia e da Técnica.

Os prémios científicos e literários, que actualmente são atribuídos pela Academia, vieram todos de mecenato privado. São custeados pelo rendimento de legados e doações dos instituidores que, em geral, fixam o objectivo e as condições da atribuição do prémio respectivo.

Com as desvalorizações sucessivas da moeda e com a inflação, alguns dos prémios actuais pouco mais são do que simbólicos. Mesmo assim, alguns deles continuam a ter grande prestígio. É o caso dos Prémios de Ciências Artur Malheiros e o Prémio de Literatura Ricardo Malheiros, cuja a fama se foi acentuando pela qualidade dos contemplados, os quais na grande maioria, viriam, mais tarde, a afirmar-se como nomes cimeiros da ciência e da literatura em Portugal.

A entrega dos prémios de ciências nesta Sessão tem um significado especial, pela solenidade da ocasião, e queremos que sirva de estímulo aos jovens cientistas agora distinguidos e de quem muito há ainda a esperar no futuro, para bem da Ciência Portuguesa.

Em testemunho da confiança que esta Academia inspira, continuamos a receber legados e doações para novos prémios académicos. Assim, está em estudo a regulamentação dos prémios de História Júlio Fogaça e do Prémio Internacional de Geografia Orlando Ribeiro. Estão aguardando publicação oficial os regulamentos do Prémio Tractores de Portugal e do Prémio António Alves Carvalho Fernandes, este instituído por doação da Standard Eléctrica para honrar a memória deste insigne académico e para premiar trabalhos de investigação nos domínios da electrónica e das comunicações.

Recentemente fomos abordados por uma entidade que pôs à disposição da Academia e, para se associar às celebrações do seu II Centenário, os meios suficientes para estabelecer um prémio internacional no valor de 1 400 000\$00 (equivalente a \$10 000 U.S. dollars).

A oferta foi feita sem quaisquer condições, de forma tão natural e tão discreta, numa atitude de elegância, de isenção e de fidalguia que nos desvaneceu, mas que agora nos sentimos na obrigação de divulgar. E, por isso, quero aqui anunciar, que a Academia abrirá no início de mais um século de vida com a instituição do *Prémio Internacional da Academia das Ciências de Lisboa, Vasco Vilalva*, a estimular os estudos das Ciências Agrárias em Portugal, destinado a galardoar o melhor trabalho original, de autor português ou estrangeiro, que se publique no mundo num período de três anos que verse um tema fundamental das Ciências Agrárias no nosso País.

6. Queremos que esta sessão solene, mais do que a sessão de encerramento do Segundo Centenário da Academia, constitua a sessão inaugural que anuncia o despontar do seu terceiro século de vida que não há-de desmerecer dum passado de que tem razão para se orgulhar. Não obstante as vicissitudes, incompreensões e dificuldades por que passou, a Academia soube superá-las, numa permanente renovação, adoptando novas perspectivas, novas formas de linguagem para poder cumprir e sempre fiel à sua divisa: ser útil à Comunidade!

Queremos que esta sessão abra as portas ao futuro e que constitua uma mensagem de esperança e uma afirmação de confiança nesta Academia, «jovem de duzentos anos» para que continue a ser a força motriz da cultura e do progresso da Ciência em Portugal.

Queremos que a Academia participe na dinâmica mental do nosso tempo, como Instituição de Estado, queremos dar uma colaboração activa e não nos restringirmos apenas a palavras.

Queremos contribuir para a preservação e difusão da Língua e para o engrandecimento da Cultura.

Queremos ter voz na elaboração das políticas da Ciência e no planeamento global da investigação.

Queremos que não se confundam equilíbrio, prudência e tradição com medo, conservantismo e estagnação.

Queremos incentivar os jovens a dedicar-se a «coisas novas na vanguarda da Ciência e na realização de ideias criadoras».

Queremos que a tradição, repositório de saber acumulado, seja viva e fecunda e que sirva de alicerce à inovação, num espírito de humildade e num confronto fecundo de ideias.

As incompreensões e às dificuldades, que vão surgindo no processo de renovação da Academia, em que nos temos vindo a empenhar nos

últimos tempos, juntam-se também muitas alegrias. E, todas, só podem contribuir para inculcar mais em nós o sentimento da responsabilidade e o amor pela Academia. E deixemos que a abnegação, a isenção, a dignidade, a tolerância, a cordialidade, o zelo, o convívio civilizado e o espírito da independência, de que os nossos antecessores nos deram tantas provas, nos continuem a guiar e a servir de exemplo.

E, com clarividência e humildade, tenhamos presente a condição inexorável da natureza humana, que nos impõe obrigações, já expressas na mensagem profética do *Ecclesiastes*:

«Porque na muita sabedoria há muita tristeza,  
todo aquele que aumenta a sua ciência,  
aumenta a sua dor» (1.18)

«É que Deus impôs ao homem este dever ingrato» (1.12)

E assim continuaremos, com canseiras, trabalhos, agruras e alegrias a servir a Cultura Portuguesa, porque servimos a Academia.

Tenho Dito

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÉMICO  
PROF. DOUTOR FERNANDO ROLDÃO DIAS AGUDO,  
EM NOME DA CLASSE DE CIÊNCIAS

Na sessão solene com que se iniciaram as comemorações do II Centenário da fundação da Academia das Ciências de Lisboa a classe de Ciências fez-se ouvir pelas vozes autorizadas de um representante da Secção de Química e outro das Ciências Médicas. Para a sessão de encerramento a classe indicara um sócio de Ciências Matemáticas e outro de Ciências Aplicadas e História da Ciência.

Esta a razão principal por que me coube a honra e o privilégio de me encontrar neste lugar. Mas, infelizmente para nós e para o País, já não podemos ouvir quem também chegou a estar indigitado e foi um dos maiores especialistas mundiais de cartografia antiga; e por isso aproveito esta oportunidade para prestar as minhas homenagens à memória do saudoso confrade Almirante Teixeira da Mota.

Procurando combinar o estar aqui na minha qualidade de membro da secção de Matemática com os objectivos desta sessão tomei como tema da minha fala a divisa desta Academia:

NISI UTILE EST QUOD FACIMUS, STULTA EST GLORIA  
(Se não for útil o que fizermos, a glória será vã)

Senhor Presidente da República  
Senhor Representante de Sua Eminência o Senhor Cardeal  
Patriarca de Lisboa  
Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa  
Senhores Académicos  
Senhoras e Senhores

Como é bem sabido, a matemática, como disciplina organizada, independente, fundamentada na razão (e daí o seu nome) só começou a existir no chamado período clássico da Grécia. Até aí, a história regista,

sobretudo, regras empíricas, desconexas, simples, de aritmética e geometria, com o objectivo de responder a questões práticas postas pela vida de todos os dias.

Os filósofos gregos desse período clássico, preocupados com a compreensão do mundo físico em que viviam e grandemente impressionados pelo facto de fenómenos qualitativamente diferentes (movimento dos planetas, harmonia dos sons) apresentarem idênticas propriedades matemáticas (relações numéricas, em especial) acabaram por aceitar que tais propriedades eram a essência desses fenómenos.

Todas as coisas são números — afirmavam os pitagóricos já no século VI a.C.; e porque os filósofos gregos acreditavam, desde Pitágoras, que a natureza fora planeada matematicamente, a busca deste plano identificava-se com a busca da verdade, e foi assim que no período clássico da história da Grécia a matemática foi crescendo em íntima ligação com a filosofia.

No período helenístico que se lhe seguiu os matemáticos passaram a preocupar-se mais com os resultados úteis para as aplicações, afinal na linha dos babilónios e egípcios, em cujas épocas a matemática era constituída apenas por aquele conjunto de regras empíricas e sem encadeamento lógico a que atrás nos referimos.

As necessidades postas pelo mundo que os rodeava levou os helenistas a dar grande desenvolvimento à trigonometria, à mecânica, à geografia, à astronomia, alargando assim a esfera de acção da matemática, como se estivesse a nascer nessa altura uma separação desta ciência em matemática pura, teórica, abstracta (a dos clássicos) e matemática aplicada, prática, concreta (a dos helenistas).

A matemática clássica grega desenvolveu-se em vários centros de cultura, ou escolas, sendo a mais célebre a Academia criada por Platão no século IV a.C (e assim chamada, como se sabe, por funcionar nos jardins de Academos).

Esta Academia — que constitui, pois, a primeira instituição com tal nome — manteve a sua predominância na filosofia grega mesmo depois da liderança na matemática ter passado para Alexandria; e muitas vezes se toma mesmo como fim do período helenístico o ano de 529 da nossa era, em que a Academia veio a ser encerrada pelo imperador Justiniano I.

Séculos mais tarde, com o movimento renascentista, o homem volta a preocupar-se com a essência da realidade, com a compreensão da natureza, e os trabalhos de Copérnico, Tycho Brahe, Kepler, culminados pelos de Galileo, abrem o caminho à ciência moderna — caracterizada

pela preocupação de obter alguns princípios básicos, quantitativos, através da observação e experiência, e deles deduzir factos novos, a confirmar — ou infirmar — por novas experiências.

A matemática vai-se ligando cada vez mais com as ciências físicas, o que origina uma actividade e uma criação original tais que a época que se seguiu à Renascença foi certamente uma das mais prolíficas e mais importantes da sua história.

As universidades, que haviam nascido, no século XII, das escolas monásticas medievais, deixaram-se ficar à margem deste processo (preocupadas, essencialmente, com a teologia, consideravam o conhecimento acabado e desnecessária a experimentação) — situação que haveria de manter-se até ao século XVIII. E vão-se então criando as academias científicas da era moderna, que assim surgem como as grandes responsáveis pelo progresso das ciências e suas aplicações.

Citem-se, como precursoras deste movimento, a Academia dei Lincei, fundada em Roma em 1603 e sucessivamente extinta, restaurada e desmembrada; a Royal Society, de Londres, de 1662; a Academia das Ciências de Paris, de 1666; a Academia das Ciências de Berlim, de 1700; a Academia das Ciências de S. Petersburgo, de 1724.

É nesta mesma linha de pensamento que se funda a Academia das Ciências de Lisboa, graças aos esforços e entusiasmo do Duque de Lafões e do Abade Correia da Serra, correspondidos pela Rainha D. Maria I que, por aviso régio de 24 de Dezembro de 1779, aprovou o estabelecimento da Academia.

Segundo os Estatutos, a Academia das Ciências foi estabelecida em Lisboa «à imitação de todas as nações cultas, para adiantamento da instrução nacional, perfeição das ciências e das artes e aumento da indústria popular»; e na linha das suas congéneres — a Royal Society, por exemplo, fundada pelos discípulos de Francis Bacon, tornou-se um dos principais veículos do progresso científico com base na utilidade e nas aplicações da ciência — logo tomou como sua divisa

«NISI UTILE EST QUOD FACIMUS, STULTA EST GLORIA»  
(Se não for útil o que fizermos, a glória será vã)

Na verdade, está fora de qualquer dúvida a utilidade dos seus primeiros trabalhos — as célebres memórias económicas, em 5 volumes, que incluíam comunicações sobre assuntos bem práticos (transplantação de árvores, ferrugem das oliveiras, algodão, carvão de pedra, peixe

salgado e fresco); a publicação das Efemérides Náuticas, calculadas para o meridiano de Lisboa e com grande interesse para a astronomia náutica portuguesa; a Instituição Vacínica; a sua actividade pedagógica com lições públicas regulares que muito contribuíram para o adiantamento da instrução nacional.

Mas, com a matemática dividida, desde os gregos, em matemática pura e matemática aplicada, como se sentiriam perante a divisa da sua Academia os académicos matemáticos mais vocacionados para o primeiro aspecto, mais preocupados com o encadeamento lógico e a harmonia da sua ciência e menos com as aplicações?

Depois de um período alto da história da matemática portuguesa, iniciado no século XV e que se prolongou até ao fim do século XVI, em que a preocupação era preparar, cientificamente, as grandes viagens através dos mares, e no qual avulta o nome de Pedro Nunes, seguiu-se, até meados do século XVIII, um período de decadência, precisamente quando na Europa se iniciava a ciência moderna, quando nasciam duas das maiores criações do pensamento matemático — a geometria analítica, de Fernet e Descartes, e o cálculo infinitesimal, de Newton e Leibnitz.

Só depois vem um terceiro período em que podemos apontar novamente alguns matemáticos portugueses de nomeada, distinguindo-se, no século XVIII, Anastácio da Cunha e Monteiro da Rocha, no século XIX, Daniel Augusto da Silva e, a partir do último quartel deste mesmo século, Francisco Gomes Teixeira.

O Padre Doutor José Monteiro da Rocha, professor e grande organizador da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra da época pombalina, foi um dos primeiros sócios da Academia das Ciências de Lisboa, mais precisamente, um dos 10 membros que, logo na primeira reunião, realizada em 16 de Janeiro de 1780, os 14 fundadores da Academia escolheram para completar o número de sócios efectivos fixado nos Estatutos: 8 para cada uma das 3 classes que então a constituíam (Ciências da observação, Ciências de cálculo e Belas-letas).

Um seu estudo sobre a medição do volume de um líquido contido num tonel, sem o despejar — e em que obteve uma fórmula mais aproximada do que as então conhecidas — tinha óbvia utilidade industrial.

Noutro trabalho sobre «Determinação das órbitas dos cometas» deu, pela primeira vez, um bom processo prático para a determinação de uma órbita parabólica a partir de 3 observações; mas (como, infelizmente, sucede com frequência entre nós) ele só veio a ser publicado vários anos após a sua apresentação à Academia, e quando o astrónomo

alemão Olbers havia já dado uma solução análoga para o mesmo problema e que depois se tornou clássica.

O nosso compatriota contribuiu ainda para a predição de eclipses com um método também mais simples do que os que se conheciam até então.

Mas se o talento de Monteiro da Rocha tinha, de facto, uma feição prática que bem se enquadrava no espírito traduzido pela divisa da Academia das Ciências de Lisboa, que dizer de Daniel Augusto da Silva, o grande matemático português do século XIX, oficial da Marinha e professor da Escola Naval, e também ele sócio da Academia?

Uma sua valiosa memória sobre «Amortização anual média nos principais montepios de sobrevivência portuguesa», de 1867, teve uma utilidade social evidente. Mas não ficou ele mais conhecido por uma fórmula que inventou para o cálculo da cardinalidade da união de um número finito de conjuntos? Ou pela «Memória sobre a rotação das forças em torno dos pontos de aplicação», que apresentou a esta Academia em 1850, publicada logo no ano seguinte e na qual antecedeu de um quarto de século importantes resultados que hoje são atribuídos a Darboux?

Não era, pois, Daniel da Silva um desses «geómetras filósofos ou géometras poetas, como lhes queiram chamar, que se ocupam em aumentar ou melhorar o grandioso edifício das Matemáticas puras, sem se prender com as suas aplicações, tendo só em vista fazer obra lógica e, ao mesmo tempo, harmónica e bela» — como dele afirmou Gomes Teixeira no elogio histórico que fez do seu antecessor?

E o próprio Gomes Teixeira, como se adaptaria ele à divisa da Academia, para onde entrou, como sócio correspondente, em 1876, com 25 anos apenas?

Os seus notáveis trabalhos de análise e geometria tornaram-no conhecido em todo o mundo culto, abrindo-lhe as portas de muitas outras academias e sociedades científicas da Alemanha, Bélgica, Checoslováquia, Espanha, França, Itália, México, Perú, Rússia.

Situando-se os seus estudos no campo da matemática pura, em que medida seriam considerados «úteis» pela sociedade do seu tempo?

O que é, afinal, ser útil em ciência, questão que deve voltar a pôr-se *hic et nunc*, em Portugal e no último quartel do século XX, sobretudo se nos lembrarmos que ainda há meia dúzia de anos, no fulgor da revolução, se advogava com grande calor que aos portugueses só deveriam interessar as investigações com interesse prático imediato?

Quanto aos trabalhos de análise, pergunte-se, por exemplo, que utilidade se atribuiria às equações de Maxwell quando foram apresentadas — aquelas mesmas equações com que ele, afinal, iniciou a revolução da física do século XIX e, com ela, a grande revolução tecnológica dos nossos dias. Pelo que respeita à geometria, tinham alguma aplicação prática em perspectiva os géometras gregos do período clássico quando estudaram com tanto entusiasmo e rigor a teoria das cónicas? E, no entanto, quem ignora a importância que tais linhas vieram a ter 18 séculos mais tarde, quando Kepler as utilizou no estudo dos espelhos parabólicos e no movimento dos planetas e o interesse que vieram a ter as superfícies parabólicas, por exemplo em telecomunicações e na captação da energia solar?

Mas voltando ao caso concreto de Gomes Teixeira, será necessário recordar o impacte mundial que teve o seu «Tratado de las curvas especiales notables, tanto planas como alabeadas», com que foi premiado pela Academia Real das Ciências de Madrid, no fim do século passado, em concurso a que também foram candidatos matemáticos como Gino Loria? E, se não fosse trabalho útil, como se explicaria que, 75 anos depois, uma grande editora internacional, a Chelsea Publ. Co., anunciasse no seu catálogo de Matemáticas puras e aplicadas, em 1972: «Just published: *Traité des courbes spéciales remarquables planes et gauches* by F. Gomes Teixeira», acompanhando o anúncio das mais encomiásticas referências à obra do nosso matemático, nomeadamente: «We heartly recommend Professor Gomes Teixeira's book for every mathematical library, as no other publication of the kind can take its place»?

E foram ou não úteis as «Lições sobre séries» proferidas nesta Academia, em 1932, por Pedro José da Cunha, com os resultados das suas investigações neste domínio?

E as «Modernas concepções da mecânica», trazidas por Mira Fernandes ao Instituto de Altos Estudos da Academia? E as suas memórias sobre «Transportes isoclínicos» e outros assuntos de análise tensorial tão apreciadas, na altura, pelo grande matemático italiano Levi-Civita?

Mais dos nossos dias mas hoje, infelizmente, também já fora do nosso convívio, surgem na Academia Sebastião e Silva e Almeida Costa.

O primeiro, para um dos seus muitos e notáveis trabalhos sobre funções diferenciáveis em espaços localmente convexos, teoria das distribuições, cálculo operacional, escolheu como título (em italiano) «Su certe classi di spazi localmente convessi importanti per le applicazioni». Mas pelo simples facto de o próprio autor o considerar importante

para as aplicações, seria o trabalho menos teórico e efectivamente mais útil do que os restantes? Importante, sim, é assinalar, com algum orgulho, que tais espaços são hoje conhecidos em todo o mundo matemático por «espaços de Silva».

Almeida Costa, embora tivesse iniciado a sua carreira universitária pelas matemáticas aplicadas, passou depois a cultivar com grande amor e entusiasmo os mais abstractos assuntos de álgebra. Considerar-se-ia útil aquilo que fazia? Mas não se sabe hoje que as novas estruturas, que ele tanto gostava de estudar, se vieram a revelar da maior importância na interpretação de numerosas teorias físicas? Que, por exemplo, a teoria dos grupos forneceu a ferramenta unificadora para a nossa compreensão da estrutura da matéria, e que do grupo que se revelar mais adequado para a descrição da natureza dependerá o número provável de partículas elementares que devem existir, precisamente aquelas partículas (quarks e leptões) de que são feitas todas as coisas?

Ainda será defensável considerar que, em Portugal e na década de 80, só é útil em ciência o que tiver aplicações práticas imediatas?

Não afirmava Sir Brian Flowers, ex-Presidente da Fundação Europeia da Ciência e Reitor do Imperial College de Londres, na 5.<sup>a</sup> Conferência de Parlamentares e Cientistas do Conselho da Europa, realizada em Helsínquia em Junho de 1981, que «all knowledge is useful if only because it contributes to the development of well-disciplined human beings who are about to take their places in an intelligent, civilised and increasingly complex society»?

Não haverá alguma incompreensão e injustiça da parte da sociedade portuguesa quando quase ignora as Academias e, pior do que isso, quando com frequência as hostiliza?

Uma revista científica altamente conceituada, «The Science», que há mais de 100 anos se publica nos E.U.A., ao comemorar o seu centenário, em Julho de 1980, e perante as realizações que a nossa Academia estava a promover sob o tema «Fronteiras do conhecimento», não teve receio de afirmar (p. 22 do número comemorativo): «At our *Science* centennial, it is humbling to realize that Portugal is celebrating its 200<sup>th</sup> scientific anniversary».

É comparável com o que se tem passado entre nós, onde já não chega a indiferença para surgirem, de vez em quando, crónicas derrotistas que nada nos prestigiam aos olhos de estranhos?

Várias razões haverá para que tal suceda. E não resisto à tentação de apontar duas entre as prováveis.

Na sua «Análise espectral da Europa», publicada há mais de 50 anos, Keyserling afirmava que os portugueses têm medo da profundidade. Terá ele razão e muitas das críticas que têm surgido serão o resultado de contactos superficiais com esta casa, do desconhecimento do que se faz e, sobretudo, das condições em que se faz, com um orçamento tão modesto que alguns chegam a confundir falta de meios com falta de vocação para certas tarefas?

Por outro lado, os matemáticos sabem muito bem que é mais fácil negar a veracidade de uma proposição (pois basta encontrar um só exemplo que a contradiga) do que afirmá-la (para isso necessitamos de toda uma prova sem mácula). Transpondo para a vida quotidiana, não se ignora que é muito fácil criticar desfavoravelmente do que apresentar soluções para os problemas.

Talvez por isso — com um certo desencantamento o afirmo — vivemos num país onde, quando uma entidade (indivíduo ou grupo) se quer distinguir de outra, em vez de se esforçar por fazer o melhor que pode (com o que todos lucraríamos) não raras vezes o que faz é criar entraves à acção da segunda (com o que todos perdemos!)

Senhor Presidente da República

NISI UTILE EST QUOD FACIMUS, STULTA EST GLORIA

Ao entrar a Academia das Ciências de Lisboa no terceiro século de existência, os seus cientistas, enfrentando embora inúmeras dificuldades, continuarão a trabalhar o melhor que puderem — convictos, como estão, de que, a mais curto ou mais longo prazo, acabará por ser útil aquilo que fizerem.

DISCURSO PROFERIDO PELO VICE-PRESIDENTE  
DA ACADEMIA E PRESIDENTE DA CLASSE DE LETRAS  
PROF. DOUTOR M. JACINTO NUNES

Senhor Presidente da República  
Senhor Presidente da Academia das Ciências  
Senhor Presidente da Academia de História  
Senhores Académicos  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Tem esta Academia a honra de ver presidir à Sessão de encerramento das Comemorações do seu 2.º Centenário quem na tradição presidia aos seus destinos. De facto, o Chefe do Estado, o Rei, no regime monárquico então vigente, era, por disposição estatutária, o Presidente da Real Academia das Ciências de Lisboa.

E embora tal atribuição tenha desaparecido da letra da lei, mantém-se o simbolismo da figura, e esta Academia ao convidar V. Ex.ª para presidir a esta cerimónia fê-lo pela importância do facto que se celebra, mas no fundo com o sentimento que algo não estaria bem se ela não fosse presidida pelo Chefe de Estado, hoje, ainda que apenas simbólico Presidente da Academia.

A Academia das Ciências de Lisboa, fundada como todos sabem por Dona Maria I, em 1779, teve como seu primeiro presidente executivo e fundador D. João Carlos de Bragança, Duque de Lafões, neto de D. Pedro II. Foi ele, com João Correia da Serra, o Abade da Serra, os dois obreiros da Instituição, que, com períodos de muito brilho e outros de muito apagamento, sobreviveu até aos nossos dias e se mantém em plena actividade ainda que com funções diferentes. Subsídio valioso para a sua história deu em 1927, o então Secretário Geral da Academia, Cristóvão Aires, e mais recentemente, em 1981, o Dr. Rómulo de

Carvalho — «A actividade pedagógica da Academia de Ciências de Lisboa nos séculos XVIII e XIX».

D. João Carlos de Bragança<sup>1</sup>, o Duque de Lafões, que deu nome à nossa casa — a Casa de Lafões — era o tipo de homem dotado para uma iniciativa deste tipo. Tendo incorrido no desagrado do Marquês de Pombal, refugiou-se em Inglaterra tendo sido membro da Sociedade Real de Londres. Percorreu praticamente toda a Europa: a Suíça, a Itália, a França, a Grécia, a Prússia, a Polónia, os países escandinavos, a própria Lapónia, o Oriente, e o Egipto.

Era um homem da sua época, o chamado *enciclopedista*, no significado que o termo tinha no seu século.

Em Itália, trava conhecimento com Abade Correia da Serra que veio a ser um eminente naturalista, e que para ali fora levado por seu pai Luís, amigo e condiscípulo em Coimbra do Duque de Lafões.

Entre os dois homens, não obstante a diferença de idade, cerca de 30 anos, estabeleceu-se uma convivência tão frutuosa que está na base, logo após o início do reinado de Dona Maria, da criação da Real Academia das Ciências, cujos estatutos devem em grande parte ter sido elaborados por Correia da Serra com a influência de Vandelli, lente em Coimbra e do Visconde de Barbacena (que foi o 1.º Secretário da Academia).

Mas o Duque de Lafões pelo seu entusiasmo no tocante à necessidade da criação de uma Instituição do género da Academia e pela sua influência junto da corte é sem dúvida a figura mais saliente da criação da Academia. Era um espírito superior. Apenas não foi feliz como militar, derrotado pelo Príncipe da Paz, Manuel de Godoy, em 1801, foi destituído de todos os seus cargos militares. Deve dizer-se, em abono da verdade, que a opinião sobre a sua capacidade como chefe militar não é ainda pacífica.

Sobre a sua figura, teceu Mendes Leal, ao fazer o seu elogio histórico em 1859, as seguintes considerações que merecem ser lembradas:

«São de sua natureza ephemerias e transitórias as jerarquias e os títulos que derivam só do privilégio. Há uma nobiliarchia que não morre com os tempos porque vem da estimação pessoal. Caducam as instituições com os séculos; a realeza da intelligência eleva-se com elles.

<sup>1</sup> João Carlos de Bragança Sousa Ligne Tavares Mascarenhas da Silva. Filho 2.º de D. Miguel, por seu turno, filho legitimado de D. Pedro II.

Nem a poeira das revoluções lhes deslustra as insignias nem o embate das ondas populares lhes apaga os braços. Cresce com o volver das edades, sublima-se com os progressos da razão e a humanidade reconhece n'ella o único direito (divino).

Os emblemas heráldicos, immóveis no tumulto, carregam a sombra aos que jazem se os não alumia a gloria merecida. Então se julga essa gloria quando as paixões arrefecem nas cinzas. Para uns começa o esquecimento; para outros toma azas a fama.

Não poucas vezes a justiça da posteridade vinga ahi dos caprichos da fortuna, das cegueiras do acaso, dos erros da sorte, dos tiros da inveja, da ingratidão dos povos, ou do favor dos potentados, a memória dos homens que o mundo applaudira enganado, ou condemnara illudido; e muitos que invadiram eminencias no século nem podem achar um logar na história.»

Descontado o estilo da época, é uma homenagem sincera e elucidativa até para os nossos dias.

Mas que espécie de instituição procuraram criar estes homens? Não era o jardim ateniense onde Platão ensinava. Nem era o tipo das academias literárias seiscentistas que já tinham tido a sua difusão entre nós.

As academias que começaram a surgir no século XVII, correspondiam a «uma necessidade social de congregação colectiva de esforços», quando os investigadores científicos, abertamente voltados para a natureza por via experimental, sentiram a necessidade de se ouvir mutuamente e de terem notícias dos trabalhos que se iam efectuando, aqui e ali, em matéria de investigação. Como escreve Rómulo de Carvalho:

«As academias eram, com efeito, congregações do saber, era nelas que se encontravam os homens capazes de solucionar os problemas das nações nos âmbitos científico e técnico, e era a eles que os Governos se dirijiam, pedindo conselhos, sugestões, pareceres. Na falta de organismos específicos, como hoje existem, recorria-se às academias para que estudassem, os solos, as floras e as faunas, os fenómenos meteorológicos, as questões económicas e tudo quanto tivesse interesse imediato para a prosperidade das nações. As academias eram portanto uma peça fundamental de uma sociedade que se pretendia progressiva e dinâmica.»

São sintomáticos os títulos e principalmente a substância dos trabalhos dos primeiros anos da Academia, então, dividida em três secções: ciências naturais; ciências exactas (matemática) e literatura ou ciências morais e políticas.

Mais especificamente a Academia repartia-se por três classes: «Os da primeira indagarão a qualidade, leis e propriedades dos corpos por meio da observação e da análise, os efeitos e novas propriedades que resultam da combinação de uns com os outros e o *como e porquê* dos fenómenos naturais (abrangia a Meteorologia, a Química, a Botânica, a História Natural, etc.); ficará para os da segunda o *quanto* deles, e as relações e propriedades de grandeza tanto em geral como em particular (abrangia a Aritmética, a Geometria, a Mecânica e a Astronomia). As Belas Artes, por serem uma parte indispensável da Instrução Nacional, farão a terceira classe a qual se deverá aplicar particularmente aos vários ramos de Literatura Nacional (literatura).

Na orientação referida para o aparecimento das novas academias tinham surgido já a Royal Society em Londres, a Academie Française em Paris, a Academia Italiana.

No caso português, os fundadores da Academia das Ciências viam nela a articulação necessária entre a Universidade Pombalina e as exigências da investigação e do fomento.

D. Francisco de Lemos, o Reitor reformador, na sua Relação Geral sobre a Universidade entende que: «o remédio contra a tendência inevitável para a imobilização nas Universidade é a criação de uma Academia como aquelas a quem deve a Inglaterra e a França a sua opulência e o florescente estado das Artes, da paz e da guerra, e a Rússia o erguer-se da barbaridade».

Voltando à natureza dos trabalhos iniciais da Academia há que referir que, de facto, até cerca de 1840, a Academia publica entre outros os seguintes trabalhos que queremos salientar: 5 volumes de Memórias Económicas (1789-1815); 2 volumes de Memórias da Agricultura Premiadas (1788-1791); 9 volumes de Memórias de Literatura Portuguesa (1792-1814); 20 volumes de História e Memórias (1797-1839); 5 de Livros Inéditos de História de Portugal (1790-1824); 8 volumes da Colecção dos Principais Autores da História Portuguesa (1806-1809); além do 1.º volume do Dicionário recentemente reeditado com as actualizações devidas.

Já mais tarde, em 1852, não posso deixar de notar a publicação por iniciativa de Alexandre Herculano, Vice-Presidente da Academia, da «Portugaliæ Monumenta Histórica», hoje também em reedição.

Disse há pouco que o conteúdo destes trabalhos era bem significativo do espírito que presidiu à criação da Academia. Podemos exemplificar com as Memórias Económicas que melhor conheço: a sua orienta-

ção desenvolve-se dentro da óptica fisiocrática. Assim, no discurso preliminar do 1.º volume daquelas memórias escreve o Abade Correia da Serra: «O primeiro passo de uma Nação para aproveitar as suas vantagens é conhecer perfeitamente as terras que habita, o que em si produzem, o de que são capazes».

Os assuntos eram, todavia, expostos com carácter prático, sem divagações. Independentemente do julgamento que hoje se possa fazer sobre a qualidade de alguns deles, são de facto como diz Rómulo de Carvalho «um sinal da revolução na sociedade portuguesa de época».

Tais memórias incluem temas tais como: a ferrugem das oliveiras, o sal e as salinas, minas, algodão, sobre a decadência das parcerias em Portugal, papel, transplantação de árvores, a agricultura do reino e suas conquistas<sup>2</sup>, «discriminação física e económica de Coimbra e seus arredores», causas da diferente população de Portugal em diversos tempos da monarquia, sobre as verdadeiras causas porque o luxo tem sido nocivo aos portugueses.

É de facto um «desafio à mentalidade portuguesa, a actividade da Academia e que torna possível reunir numa sala um público atento e interessado falar sobre a ferrugem das oliveiras, ou sobre o carvão de pedra».

Simultaneamente a Academia é encarregada de um Museu de História Natural, do Jardim Botânico, de um Gabinete de Física, do Observatório Astronómico, de um Laboratório Químico e reúne uma Biblioteca que é considerada notável e que hoje é das maiores e melhores do País.

As mudanças várias da sede da Academia arruinaram muito do material dos laboratórios. A sua actividade mais intensa foi exercida no Museu de História Natural, no que terá tido influência, designadamente no início da sua actividade, a competência, como botânico, e a dedicação do Abade Correia da Serra.

Em 1837, é criada a Escola Politécnica que tinha, quanto a certas actividades científicas, competências análogas à da Academia das Ciências, erigida, em parte, como dissemos, pela falta de instituições daquela natureza. Daí que o Jardim Botânico passasse dois anos depois em 1839 para a jurisdição da Escola Politécnica.

A passagem do Museu de História Natural, foi mais demorada, pois gerou-se uma disputa à volta do problema. De um lado Barbosa

<sup>2</sup> Domingos Vandelli.

du Bocage, lente da Politécnica e Sócio da Academia, e Andrade Corvo que defendiam a passagem do Museu para a Politécnica a tal se opondo tenazmente Alexandre Herculano.

A discussão prosseguiu, e o Governo acabou por decretar, em 1858, a transferência para a Escola Politécnica do Museu de História Natural, depois chamado Museu Barbosa du Bocage em homenagem ao naturalista que tanto se bateu pela sua conservação e que felizmente não assistiu à sua total destruição no incêndio pavoroso que devastou a actual Faculdade de Ciências em 1978.

\*

Feitas algumas considerações sobre o passado da Academia há que referir o que é hoje a Academia, mas principalmente que futuro se lhe pode antever.

Do ponto de vista da sua organização a Academia tem hoje duas classes, Ciências e Letras, com um número limitado a quarenta sócios efectivos e oitenta sócios correspondentes igualmente distribuídos pelas duas classes. Tem uma preciosa e vasta Biblioteca, a 3.<sup>a</sup> do País, mas não tem um Bibliotecário, tem uns resquícios de museu e organiza sessões semanais onde alternam as classes para comunicações dos seus sócios. Uma das suas mais importantes funções é a organização de colóquios e seminários sobre temas da maior actualidade e importância de que se pode dar uma ideia referindo que neles têm participado inúmeras figuras laureadas com o Prémio Nobel. Outra actividade de importância capital para a cultura do País é a reedição de trabalhos inéditos ou esgotados de valor histórico excepcional. Cito ao acaso: estamos a publicar os «State papers» relativo a correspondência oficial entre a Grã-Bretanha e Portugal de 1662 a 1780, o Livro das Monções, o Glossário Luso-Asiático e a «Portugaliæ Monumenta Historica», uma colectânea de 5 volumes a propósito do IV Centenário da Morte de Camões, de que já saiu o 1.<sup>o</sup> volume, e que é uma edição comparativa das duas primeiras edições. Publicamos essa obra magnífica que é o Livro das Armadas, reeditamos a Fonte dos Lusíadas e publicamos além de 2 volumes anuais das Memórias de cada classe, inúmeros trabalhos. É óbvio que devemos milhares de contos relativos a esta actividade pela insignificância das verbas que nos são atribuídas, mas desesperadamente teimamos em manter viva quanto possível uma actividade que reputamos de fundamental importância para a Cultura Portuguesa,

alheios ao esquecimento a que somos votados, especialmente no aspecto financeiro e noutros.

O que disse da Biblioteca, face ao seu acervo é um crime gravíssimo contra a Cultura Nacional. Mas por mais alto que se proclame este verdadeiro atentado à Cultura, responde-nos o eco da indiferença. Mesmo num País de costumes brandos, alguém um dia responderá, se se vier a perder um património de valor incalculável.

Mas face à situação que descrevi o que virá a ser a Academia? Definhar-se em morte lenta? Os seus associados, esgotado o milagre da sua paciência, entregarão as chaves, deixando extinguir a Academia?

Creio francamente pessimista quer uma, quer outra das hipóteses. A Academia sobreviveu duzentos anos e vai continuar. Seremos o que nos deixarem ser, pelos condicionalismos financeiros, mas em boa parte seremos, também, aquilo que desejarmos ser.

A Academia para além do problema gravíssimo da sua Biblioteca e de questões também preocupantes no tocante a estruturas de apoio administrativo, tem um problema fundamental a resolver: o que pretende ser? e o que pode ser face aos condicionalismos da época e do País?

Não foi para importunar V. Exas. que me detive nas razões da fundação da Academia: congregação onde se encontravam os homens de saber para trocarem impressões sobre os problemas das nações nos âmbitos científico, técnico e literário. Nada impede que a Academia continue a dar aos Governos — como se dizia — conselhos, sugestões e pareceres. Existem hoje como disse organismos especializados que a complexidade da actividade governativa tornou indispensáveis e a Academia obviamente não está em condições, senão em casos particulares, de continuar a exercer essas funções, mas pode fazer-lo muita utilidade.

Não terão sido úteis, para esclarecimento da governação, por reunir os maiores especialistas portugueses, três colóquios não há muito realizados pela Academia sobre temas tão díspares como «Climatologia», «Acidentes de viação» e a «Violência», mal social que tende a minar as sociedades modernas?

E o colóquio sobre Keynes, não terá trazido alguma luz para o esclarecimento da acção no domínio da política económica?

Não se pode pois, como alguns pretendem reduzir as academias a museus de antiguidades, destinada a consagrar os génios decrepitos, que se reuniam periodicamente para a leitura de trabalhos já ultrapassados, leitura seguida do elogio mútuo.

Que noção mais errada e injusta. Leiam-se as Memórias da Academia, venha-se assistir às suas sessões que são públicas, conheçam-se os nomes dos seus sócios efectivos e correspondentes, acompanha-se a sua actividade editorial, consultem-se os seus trabalhos e deixemo-nos de jacobinismos ultrapassados.

Acusa-se igualmente a Academia de ser elitista pelo «*numerus clausus*» dos seus membros, é um problema delicado e com múltiplas implicações, mas julgo que não é esta sua característica que a impede de ser progressiva e dinâmica, embora não me furte a dizer que face aos desenvolvimentos da ciência e do seu escol, o número actual de sócios efectivos e correspondentes deveria ser alargado.

A Academia francesa, mantém os seus 40 membros, mas, no que me toca, não é o modelo francês que me seduz.

Não é, porém, este o lugar nem o local para discutir tal assunto.

Estamos hoje aqui reunidos com outra finalidade, celebrar o encerramento das comemorações do nosso bicentenário e para dar público testemunho da certeza da continuidade da Academia.

Vamos continuar com mais tenacidade, com mais teimosia, contra ventos e marés. Tivemos períodos de grandeza e miséria. Não é dos primeiros o momento actual, mas também não cabe nos segundos. Lenta, segura, perseverante e tenazmente estamos na vertente ascendente e vamos subi-la até procurarmos o cume compatível com a realidade contemporânea.

Não temos quanto a isto a menor dúvida, se tal fora não teria estado aqui estes minutos a incomodar V. Exas. Muito obrigado.

## PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

*Estudos de Algebra, Geometria e Análise*, 1978.

*Descriptive List of the State Papers Portugal 1661-1780 in the Public Record Office*  
London. 3 volumes, 1979-1983.

*Livro das Armadas* (fac-simile), 1979.

*New Trends in Bio-Inorganic Chemistry*, 1979 (Academic Press, 1978).

*Reconhecimento Científico de Angola. Estudos de Geologia, de Paleontologia e de Micologia*, 1979.

*Catálogo de Manuscritos. Série Vermelha*. 2 volumes, 1979-1986.

*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. 2 volumes, 1980.

*Os Lusíadas*. Volume I. Fac-símile das duas edições datada de 1572, 1980.

*Simpósio de Estudos Keynesianos*, 1981.

*A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa nos Séculos XVIII e XIX*, 1981.

*Bibliografia mais Relevante sobre Botânica Pura e Aplicada Referente aos Países Africanos de Expressão Portuguesa*, 1982.

*New Trends in in the Chemistry of Nitrogen Fixation*, 1982 (Academic Press, 1980; Edições MIR, 1983).

*Theory of Climate* (Academic Press, 1983).

*Some Recent Advances in Statistics*, 1983 (Academic Press, 1982).

*Portugaliae Electrochimica Acta*, 1983.

*Os Lusíadas*. Volume III. Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras, 1984.

*História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. I Colóquio — até ao Século XX. 2 volumes, 1986.

*Colóquio sobre a «Problemática da Droga em Portugal»*, 1987.

*D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, Fundador da Academia das Ciências de Lisboa*, 1987.

- Memórias Económicas Inéditas (1780-1808)*, 1987.
- Colóquio sobre a «Problemática do Tabagismo em Portugal»*, 1988.
- O Humanismo Português 1500-1600*. Primeiro Simpósio Nacional. 21-25 de Outubro de 1985, 1988.
- Colóquio sobre Portugal e a Paz*, 1989.
- Colóquio sobre a «Problemática do Alcoolismo em Portugal»*, 1989.
- Livros Quinhentistas Espanhóis da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*, 1989.
- Livros Quinhentistas Portugueses da Biblioteca da Academia das Ciências Lisboa*, 1990.
- Simpósio sobre «Fusão Nuclear a Frio — Reflexões e Perspectivas»*, 1991.
- História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX*. 3 volumes, 1992.
- Livros Quatrocentistas da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*, 1992.
- Colóquio de Estudos Camilianos*, 1993.
- Colóquio sobre Eutanásia*, 1993.
- Dicionário da Língua Portuguesa Publicado pela Academia das Ciências de Lisboa*. M.DCC.XCIII. Tomo Primeiro. A. Reprodução Fac-similada Assinalando o II Centenário da Edição, 1993.
- O Material Didáctico dos Séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*, 1993.
- The Academy of Sciences of Lisbon*, 1993.
- Colóquio sobre Termodinâmica e Reactividade de Sistemas Moleculares*, 1994.
- A Bioética e o Futuro*, 1995.

COLÓQUIOS E SIMPÓSIOS  
NO II CENTENÁRIO  
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

**Colóquio sobre «New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation»**

Academia das Ciências de Lisboa, 31 de Julho-3 de Agosto de 1979

Trabalhos apresentados (e publicados):

*NITROGEN FIXATION INVOLVING NITRIDE AND RELATED INTERMEDIATES*

*Developments in ammonia synthesis and decomposition on metals,*  
por K. Tamaru.

*Fixation of molecular nitrogen in aprotic media,* por M.E. Vol'pin e  
V.B. Shur.

*NITROGEN REDUCTION AND FIXATION IN PROTIC MEDIA*

*Studies of the mechanism of biological fixation with functional model  
systems,* por G.N. Schrauzer.

*Comparison of biological nitrogen fixation with chemical analogues,*  
por A.E. Shilov.

*NITROGEN FIXATION THROUGH STABLE DENITROGEN COMPLEXES*

*Preparation, structure, bonding and reactivity of dinitrogen complexes,*  
por A.J.L. Pombeiro.

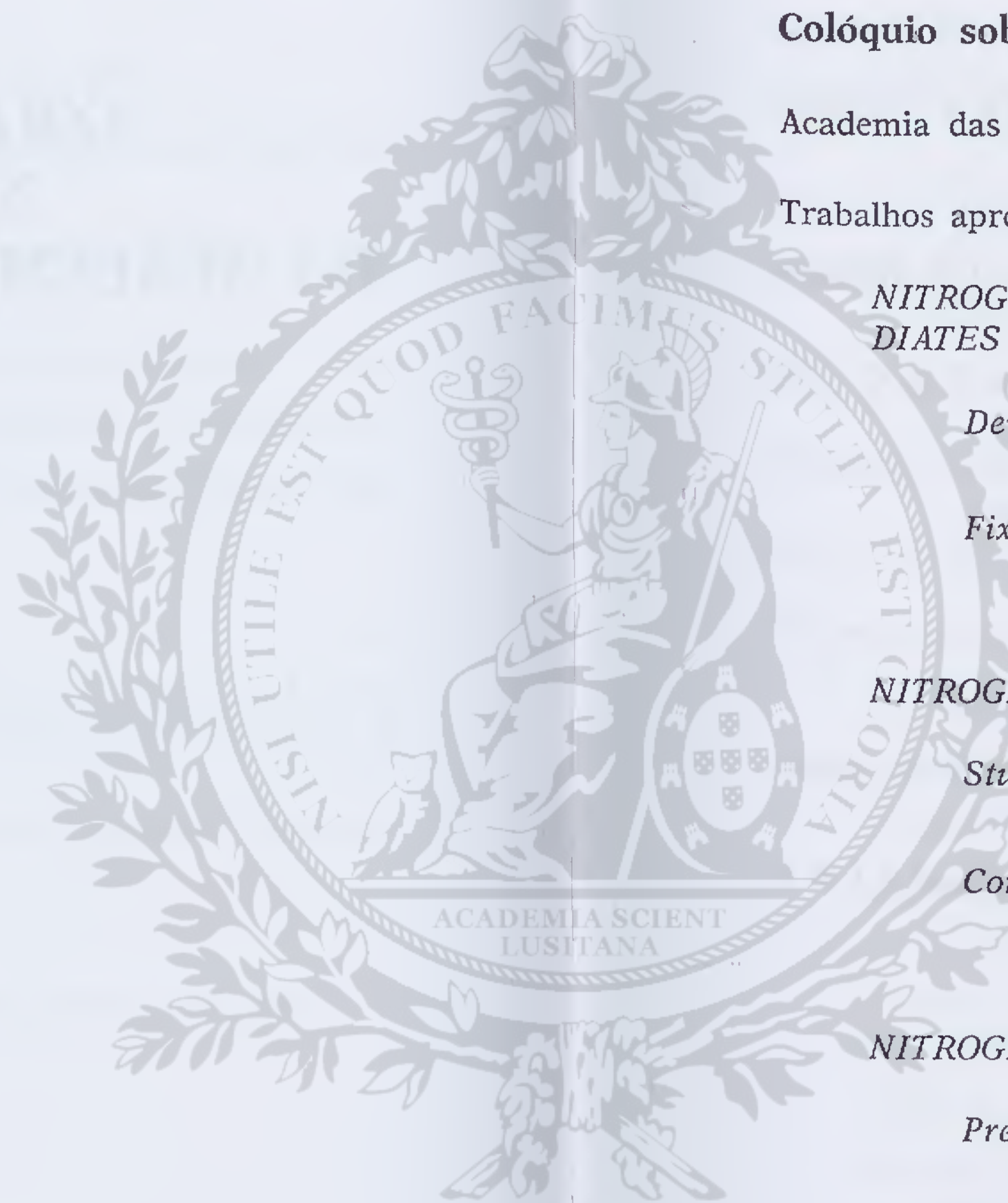
*Reduction of ligating dinitrogen,* por R.L. Richards.

*Formation of nitrogen-carbon bonds from dinitrogen,* por G.J. Leigh.

*Reactions of ligating dinitrogen in dinuclear complexes,* por J.H. Teuben.

*Reaction of ligands analogous to dinitrogen on dinitrogen binding sites,*  
por A.J.L. Pombeiro.

*Perspectives,* por J. Chatt.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

**Colóquio sobre «New Trends in Bio-Inorganic Chemistry»**

Academia das Ciências de Lisboa, 18 de Setembro de 1979

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Zinc Biochemistry and Physiology and Their Derangements*, por B.L. Vallee.*Some Aspects of Structure and Function in Copper Containing Oxidases*, por Bo. G. Malmström.*Molybdenum in Proteins*, por J.J.G. Moura e A.V. Xavier.*High Redox Potential Chemicals in Biological Systems*, por R.J.P. Williams e J.J.R.F. da Silva.*The Superoxide Ion and The Toxicity of Molecular Oxygen*, por H.A.O. Hill.*Silicon in The Biosphere*, por J.D. Birchall.*A Short Note on Selenium Biochemistry*, por R.J.P. Williams.*Phosphorus and Bone*, por F.G.E. Pautard.*Heavy Metals in Medicine*, por R.D. Gillard.*Lithium in Medicine*, por N.J. Birch.*Element Determination in Biological Materials Using Electron Probe Micro-analysis*, por C. Lechene.*Interaction of The Chemical Elements With Biological Systems*, por J.J.R.F. da Silva.**Colóquio sobre «Some Recent Advances in Statistics»**

Academia das Ciências de Lisboa, 14-18 de Abril de 1980

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Measurement and Burden of Evidence*, por Herbert Solomon.*Data Modeling Using Quantile and Density-Quantile Functions*, por Emanuel Parzen.*Stochastic Processes in the Theory of Epidemics*, por J. Gani.*The Bayesian Approach to Statistics*, por Dennis V. Lindley.*Concomitants of Order Statistics: Theory and Applications*, por H.A. David.*Decision and Modelling for Extremes*, por J. Tiago de Oliveira.*An Overview of Techniques of Data Analysis, Emphasizing its Exploratory Aspects*, por Colin L. Mallows e John W. Tukey.*Computer Intensive Methods in Statistics*, por Bradley Efron.*Current Issues in Robust Statistics*, por Peter J. Huber.*Bayesian Evaluation of Life Test Sampling Plans*, por Richard E. Barlow e Alexander S. Wu.*The Statistical Analysis of Incomplete Life Length Data*, por Benjamin Epstein.*Mouvement brownien et statistique*, por Daniel Dugué.**Simposio sobre «Theory of Climate»**

Academia das Ciências de Lisboa, 12-14 de Outubro de 1981

Trabalhos apresentados (e publicados):

*The beginnings of numerical weather prediction and general circulation modelling: early recollections*, por Joseph Smagorinsky.*Carbon dioxide and climatic change*, por Syukuro Manabe.*Almost empirical approaches to the problem of climate, its variations and fluctuations*, por G.S. Golitsyn.*Parameterization of travelling weather systems in a simple model of large-scale atmospheric flow*, por G.J. Shutts.*Climatic systems analysis*, por Barry Saltzman*Satellit radiation observations and climate theory*, por George Ohring e Arnold Gruber.*Land surface processes and climate—surface albedos and energy balance*, por Robert L. Dickinson.*Global angular momentum and energy balance requirements from observations*, por Abraham Oort e José Pinto Peixoto.

**Colóquio sobre «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Até ao Século XX»**

Academia das Ciências de Lisboa, 15-19 de Abril de 1985

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Passos de Pedro Nunes ao serviço do Rei*, por J. Vicente Gonçalves.

*A Aritmética Comercial em Portugal nos séculos XVI e XVII*, por A. A. Marques de Almeida.

*As Matemáticas em Portugal. — Da Restauração ao Liberalismo*, por J. Tiago de Oliveira.

*Sobre a História e Desenvolvimento da Astronomia em Portugal*, por J. Pereira Osório.

*A Física na Reforma Pombalina*, por Rómulo de Carvalho.

*A Contribuição Portuguesa para o Conhecimento do Magnetismo Terrestre no século XVI*, por Luís de Albuquerque.

*Física e Filosofia da Natureza na Obra de Inácio Monteiro*, por Resina Rodrigues.

*As Ciências Geofísicas em Portugal*, por José Pinto Peixoto e José Francisco Vitorino Gomes Ferreira.

*Portugal na História da Ciência (Física)*, por Filipe Duarte Santos.

*Posições de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano na Ciência do seu tempo*, por A. J. Andrade de Gouveia.

*Vicente de Seabra e a Revolução Química em Portugal*, por A. J. Andrade de Gouveia.

*Domingos Vandelli (1730-1816) e a Cerâmica Portuguesa*, por António Marinho Amorim da Costa.

*Thomé Rodrigues Sobral (1759-1829). A Química ao serviço da Comunidade*, por António Marinho Amorim da Costa.

*A Universidade de Coimbra na vanguarda da Química do Oxigénio*, por António Marinho Amorim da Costa.

*Bernardino Gomes, Pai e Agostinho Lourenço, precursores Portugueses da Química dos Alcalóides e dos Polímeros Sintéticos*, por Bernardo Jerosch Herold.

*História da Análise Química no Porto*, por João L. L. C. Oliveira Cabral.

*História da Medicina em Portugal desde a Idade Média ao princípio do Século XX*, por José Andresen Leitão.

*Os Estudos Anatómicos em Portugal até ao fim do Século XIX*, por Nuno Grande.

*O Estudo da Medicina até ao fim do Século XIX*, por Jaime Celestino da Costa.

*Desenvolvimento da Cirurgia Portuguesa até aos fins do Século XIX*, por Alvaro Rodrigues.

*História e Desenvolvimento da Bacteriologia em Portugal*, por A. Torres Pereira.

*O Nascimento da Psiquiatria em Portugal*, por H. Barahona Fernandes.

*A Evolução da Farmacologia em Portugal até ao século XX*, por J. M. Gião Toscano Rico.

*A Medicina em Portugal na Idade Média*, por J. P. Miller Guerra.

*A Mineralogia em Portugal no Século XIX*, por Martim Portugal V. Ferreira.

*A Geologia em Portugal no Século XIX*, por J. M. Cotelos Neiva.

*A Evolução da Tectónica em Portugal durante o Século XIX*, por A. Ribeiro.

*Sobre a História da Paleontologia em Portugal*, por M. Telles Antunes.

*Breve notícia histórica sobre as Farmacopeias Portuguesas até ao Século XIX*, por F. Carvalho Guerra e A. Correia Alves.

*Desenvolvimento da Geo-História em Portugal*, por F. Castelo-Branco.

*História da Botânica em Portugal até finais do Século XIX*, por Abílio Fernandes.

*A Flora no Voyage en Portugal de Link*, por A. R. Pinto da Silva.

*A Entomologia em Portugal até aos fins do Século XIX*, por C. M. L. Baeta Neves.

*A Antropologia Física em Portugal até aos fins do Século XIX*, por Alberto Xavier da Cunha.

*O Mondego na Hidráulica Fluvial Portuguesa até ao Século XX*, por António de Carvalho Quintela.

*Conhecimento actual da História da Geografia em Portugal*, por Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro.

*A Cartografia Portuguesa dos Séculos XV a XVII*, por Luís de Albuquerque.

*Transplantação de Plantas de Continentes para Continentes no Século XVI*, por José E. Mendes Ferrão.

*Progressos do Conhecimento Geográfico da África em finais do Século XIX*, por Ilídio do Amaral.

*Sobre o papel de Portugal nas etapas preliminares da Revolução Científica do Século XVII*, por Onésimo Teotónio de Almeida.

*História Sumária da Engenharia em Portugal até ao fim do Século XIX*, por Franklin Guerra.

*Chemistry and Iatrochemistry in early Eighteenth-Century Portugal: A Spanish Connection*, por Allen G. Debus.

*The Trend in History and Philosophy of Science*, por William R. Shea.

*A Fundação da Academia das Ciências de Lisboa*, por Alberto Iria.

*Contribuição da Academia das Ciências de Lisboa para o Desenvolvimento da Ciência*, por F. R. Dias Agudo.

*A Contribuição das Memórias Económicas para o Desenvolvimento Científico e Económico do País*, por M. Jacinto Nunes.

*A Revolução Cultural e Científica dos Séculos XVII e XVIII e a Génese das Academias*, por José Pinto Peixoto.

*Breves notas sobre a mostra de Bibliografia e de Instrumentação*, por J. Tiago de Oliveira.

#### **Simpósio sobre «O Humanismo Português — 1500-1600»**

Universidade de Coimbra, 21 de Outubro de 1985

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Cataldo e D. João II*, por Américo da Costa Ramalho.

*João de Barros: entre Erasmo e o Império*, por Joaquim Veríssimo Serrão.

*As Orações de Sapientia e a Universidade*, por Maria Helena da Rocha Pereira.

*Damião de Góis e o erasmismo. Âmbito conceptual e dados vivenciais*, por Amadeu Torres.

*O ecumenismo de Damião de Góis*, por Isaías da Rosa Pereira.

*Jerónimo Osório e o Humanismo filológico*, por Justino Mendes de Almeida.

*Diogo de Teive e o Humanismo*, por Luís de Sousa Rebelo.

Academia das Ciências de Lisboa, 22 de Outubro de 1985

*Sá de Miranda e a recepção no século XVI de um Dolce stil nuovo renovado*, por José V. de Pina Martins.

*Antecedentes medievais da gramática renascentista*, por Manuel Saraiva Barreto.

*La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*, por Sylvie Deswarte.

*As Cartinhas quinhentistas e o Humanismo*, por Fernando Castelo Branco.

*Epistolografia e Humanismo em D. Jerónimo Osório*, por Sebastião Tavares de Pinho.

*O Neoplatonismo no comentário a Ezequiel de Fr. Heitor Pinto*, por Manuel Augusto Rodrigues.

*O diálogo no Humanismo português*, por Jorge A. Osório.

*Pensamento gramatical e Humanismo*, por Maria Leonor Carvalhão Buescu.

*Alquimia e Humanismo no Portugal Renascentista*, por Yvette Kace Centeno.

*A Emblemática de Alciato em Portugal no século XVI*, por Maria Helena de Teves Costa.

*A Tipografia ao serviço do Humanismo*, por Artur Anselmo.

*O Humanismo renascentista e a Diplomacia Portuguesa do século XVI*, por Pedro Soares Martínez.

*Contributo para a bibliografia latina do Renascimento. Um projecto de investigação sobre autores hispânicos*, por Aires Augusto Nascimento.

Universidade de Évora, 24 de Outubro de 1985

*O Ensino na Corte durante a dinastia de Avis*, por Luís de Matos.

*André de Resende e o Humanismo Europeu*, por Raul Miguel Rosado Fernandes.

Academia das Ciências de Lisboa, 25 de Outubro de 1985

*Lisboa uma capital do Renascimento*, por Ilídio do Amaral.

*Erudição e espiritualidade no século XVI em Portugal. Nótula a propósito da Imagem da Vida Cristã, de Frei Heitor Pinto, O.S.H.*, por José Adriano Freitas de Carvalho.

**Colóquio sobre a «Problemática da Droga em Portugal»**

Academia das Ciências de Lisboa, 24 de Dezembro de 1985

Trabalhos apresentados (e publicados):

- O Homem perturbado pela Droga*, por Barahona Fernandes.
- Conceitos de Dependência: Alargando Critérios e Dimensões*, por Aires Gameiro.
- Condicionamentos das Dependências*, por Tito Seabra-Dinis.
- A Farmacodependência no ponto de vista médico-biológico*, por M. Paes de Sousa.
- Epidemiologia das Toxicomanias*, por José de Carvalho Barrias.
- Índices Epidemiológicos do Uso de Drogas em Portugal*, por Clara Maria Abrantes e Maria Luísa de Figueiredo.
- Alguns Aspectos Epidemiológicos do Alcoolismo em Portugal*, por Maria Lucília Mercês de Mello e Augusto Pinheiro Pinto.
- Patologia dos Toxicodependentes*, por Daniel Serrão.
- Bases Farmacológicas da Toxicodependência*, por J.M. Gião Toscano Rico.
- Neurobiologia das Toxicodependências*, por Catarina Resende de Oliveira.
- Cannabis: Cânhamo e Hachiche*, por A.R. Pinto da Silva.
- O Laboratório de Toxicologia no Combate à Droga: Da Profilaxia ao Controlo da Desintoxicação*, por Carlos Reis, Carlos Silveira e Mário Pimenta.
- Dopagem: — Abuso de Drogas no Desporto*, por Lesseps Lourenço Reys.
- Algumas Características Psicológicas da Personalidade Toxicodependente*, por A. Fernandes da Fonseca.
- Os que se drogam e os que não se drogam*, por M.R.M. Leal.
- Características da Personalidade dos Toxicodependentes. Perturbações da Identidade e Estrutura Borderline da Personalidade*, por Domingos Neto.
- Mesa Redonda: — Síntese das Comunicações apresentadas no dia 3 de Dezembro sobre Aspectos Psicológicos da Problemática da Droga em Portugal*, por Pedro Luzes.
- O Papel da Família no Combate à Droga*, por Manuela Eanes.
- A Escola e a Droga: um problema, um sintoma?*, por Francisco Pólvora.
- Problemas Médico-Legais da Droga em Portugal*, por J. Pinto da Costa.

*Criminalidade sem fronteiras: — O Tráfico de Estupefacientes e de substâncias psicotrópicas*, por A.G. Lourenço Martins.

*Prevenção das Toxicodependências*, por J. Dias Cordeiro.

*Ideias e Ideais em Prevenção Primária*, por Maria da Graça Campinos Poças.

*A Perspectiva do Tratamento por Narcótico substituto: — O Modelo do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga da Região Norte*, por Iduíno Lopes.

*Cuidados Gerais e Diferenciados a prestar aos Toxicodependentes*, por Francisco de Vilhena e Silva.

*Tratamento das Toxicodependências*, por Maria do Livramento Keating.

*Valores Espirituais na Prevenção e Reabilitação de Drogados. — Processo de trans-identidade*, por Aires Gameiro.

*Comportamentos Desviantes. — Reinserção Social na Administração da Justiça*, por Luís de Mira Pereira.

**«Colóquio sobre Portugal e a Paz»**

Academia das Ciências de Lisboa, 17 e 18 de Novembro de 1986

Trabalhos apresentados (e publicados):

- A Paz e o Direito Internacional*, por Isabel Maria de Magalhães Collaço.
- Comentário à Comunicação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Maria de Magalhães Collaço, sobre «A Paz e o Direito Internacional»*, por A. Marques Guedes.
- A Instituição Militar ao Serviço da Paz*, por Belchior Vieira.
- Comentário*, por Isabel Carmelo Rosa Renaud.
- Uma Ordem Ética para a Paz*, por D. José Policarpo.
- Comentário*, por Francisco da Gama Caeiro.
- Época Medieval. A Vida: Mensagem da Paz (Ao encontro dos vectores medievais dum Cultura da Paz)*, por J. Cerqueira Gonçalves.
- Comentário*, por Maria Cândida Monteiro Pacheco.
- O Conceito de Paz nos Humanistas Portugueses*, por José V. de Pina Martins.
- Comentário à Comunicação do Prof. Doutor J.V. de Pina Martins sobre «O Conceito de Paz nos Humanistas Portugueses»*, por Amadeu Torres.

*A Paz nos Teóricos Propagandistas da Restauração*, por Martim de Albuquerque.

Comentário, por João Morais Barbosa.

*A Neutralidade Portuguesa desde o Século XVI*, por Pedro Soares Martínez.

Comentário à Comunicação do Prof. Doutor Pedro Soares Martínez, por Joaquim Veríssimo Serrão.

*Os Direitos do Homem e a Paz*, por Jorge Miranda.

Comentário, por A. Marques Guedes.

*A Paz e a Nova Ordem Económica Internacional*, por Manuel Jacinto Nunes.

Comentário, por Alfredo de Sousa.

#### Colóquio sobre a «Problemática do Tabagismo em Portugal»

Academia das Ciências de Lisboa, 23-25 de Março de 1987

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Contribuição para uma política de combate ao Tabagismo*, por Carlos Alberto Martins Pimenta.

*O Homem fumador e a conquista da liberdade de não fumar*, por Barahona Fernandes.

*O caso contra o tabagismo: — A situação em Portugal*, por L. Cayolla da Mota.

*A influência do tabaco na arteriopatia do jovem*, por Roncon de Albuquerque.

*Prevenção do tabagismo: — Dificuldades e perspectivas*, por Maria da Conceição Granate.

*«O feto, o recém-nascido e a criança, vítimas passivas do tabagismo»*, por José dos Santos Bessa.

*«Fumadores passivos»*, por João Pedro Freitas.

*Geração de não-fumadores e publicidade ao tabaco*, por Manuel Barão da Cunha.

*Compostos biologicamente activos no tabaco*, por J.M. Gião Toscano Rico.

*Carboxi-hemoglobina: — Formação, propriedades e consequências biológicas*, por J. Martins e Silva.

*Hidrocarbonetos cancerígenos*, por Maria Luísa Távora Magalhães Barros Franco e Bernardo Jerosch Herold.

*A desabituação do fumador*, por João Barreto.

«Sobre a radioactividade do tabaco», por F. Pinto Coelho.

*O tabaco em Portugal desde Clusius a Link*, por A.R. Pinto da Silva.

*O tabaco e os territórios da otorrinolaringologia*, por Mário Andrea.

*O tabagismo no âmbito do programa «Europa contra o cancro»*, por José Conde.

*Toxicologia genética e ensaios de cancerigénese*, por José Rueff.

*O fumador e as suas circunstâncias*, por E.L. Cortesão e J.M. Caldas de Almeida.

*Tabaco e cancerigénese*, por J. Cardoso da Silva.

*Risco respiratório cirúrgico nos fumadores*, por Armando Pinheiro.

*Funções e actividades do Conselho de Prevenção do Tabagismo*, por Manuel Lucas Estêvão.

#### «II Simpósio Nacional de Humanismo — Erasmo na Cultura Portuguesa»

Academia das Ciências de Lisboa, 25-28 de Maio de 1987

Trabalhos apresentados:

*Erasme et sa vision de Rome*, por Jean-Claude Margolin.

*António Luís corrector de Erasmo*, por Américo da Costa Ramalho.

*Jerónimo Cardoso e o erasmismo filológico*, por Justino Mendes de Almeida.

*O tema erasmiano da paz na poesia portuguesa do Renascimento*, por José Adriano Freitas de Carvalho.

*Os epitáfios de Erasmo por Diogo Pires*, por Carlos Ascenso André.

*Erasmo na «Retórica» de Vaseu*, por Aníbal Pinto de Castro.

*O pretense erasmismo de Gil Vicente*, por Artur Anselmo.

*Erasmo e Fernão de Oliveira: semelhança e contrastividade textuais*, por Amadeu Torres.

- Reflexos do erasmismo filosófico na obra de João de Barros*, por Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- O erasmismo na obra de Fr. Heitor Pinto*, por Manuel Augusto Rodrigues.
- O nome de Erasmo na parenética portuguesa*, por José Maria da Cruz Pontes.
- Erasmo e Lopo Serrão: em torno do tema ciceroniano «de senectute»*, por Sebastião Tavares de Pinho.
- Erasmo nos Índices inquisitoriais portugueses do século XVI*, por Manuel Cadafaz de Matos.
- Diálogo e citação nos «Colóquios» de Erasmo* (na edição coimbrã de Juan Fernandez), por Jorge Alves Osório.
- Erasmismo e Inquisição*, por Francisco de Bettencourt.
- Um manuscrito português com a tradução do «Moriæ encomium»*, por Diogo Ramada Curto.
- O anti-erasmismo dos humanistas portugueses no colóquio de Valladolid (1527)*, por Miguel Avilés.
- Os temas estudados no Simpósio à luz da problemática erasmiana moderna*, por José V. de Pina Martins.

### Colóquio sobre a «Problemática do Alcoolismo em Portugal»

Academia das Ciências de Lisboa, 14-16 de Março de 1988

Trabalhos apresentados (e publicados):

- O Homem Perturbado pelo Alcool*, por H. Barahona Fernandes.
- O Alcoolismo no Programa CINDI-Portugal*, por Fernando Pádua.
- Farmacologia e Toxicologia do Alcool*, por José Manuel Gião Toscano Rico.
- Aspectos sobre o Consumo de Bebidas Alcoólicas*, por Isabel Meneses Cascão.
- Alcoolismo. Doença à espera de reconhecimento nacional*, por Aires Gameiro.
- A posição da Vitivinicultura no Panorama Agrícola Português*, por Miguel Pereira Coutinho.
- Patogenia do Alcoolismo*, por Pedro Polónio.
- Alcool e Lei*, por Carminda Canha.

- Doença Alcoolismo. Para quando o fim do Estigma*, por Joaquim Margalho Carrilho.
- Alcoolismo e o Médico de Família*, por Alberto R. Ferreira dos Santos.
- Conceito de Co-dependência*, por Margarida Cordo.
- Integração do Programa dos Alcoólicos Anónimos na Terapia*, por Jorge Lagido.
- Testes Psicológicos Computorizados para «Screening» Terapêutico no Modelo Minnesota (Programa de Reabilitação de Alcoólicos e Toxicodependentes)*, por Alírio Catalim.
- Estratégias de Prevenção do Abuso do Alcool. O Papel da Formação*, por J. Pereira da Rocha; A. Pinto; M.H. Frazão; M.L. Mercês de Mello.
- O Alcool e o Estômago*, por Carlos Sofia.
- Alcool e Hipertensão*, por A. Pinheiro Pinto; Maria do Rosário Lameiras e João de Deus Leitão.
- Análise do Comportamento Lipídico Sérico em Alcoólicos sujeitos a Terapêutica de Recuperação e posterior Evolução*, por Salvador Massano Cardoso; Aristides Mota; Carlos Costa Motta; Lucília Mercês de Mello; José Paulino da Rocha; Augusto Pinheiro Pinto; Maria Henriqueta Frazão; João de Deus Leitão.
- O Abuso do Alcool e a Mulher*, por Augusto Pinheiro Pinto; Maria Lucília Mercês de Mello; Maria do Rosário Lameiras; Maria Henriqueta Frazão.
- Experiência de Abordagem na Prevenção dos Problemas Ligados ao Alcool no Distrito de Aveiro*, por Nuno Pereira; Maria Graça Melo; Maria Cristina Silva, Maria Helena Leite.
- O Centro de Saúde de Mangualde face aos Problemas Ligados ao Alcool*, por Germano Loureiro; Fernando Daniel S. Marques; Delfim Cardoso.
- O Alcool e a Vida: — Uma Estratégia de Prevenção*, por João S. Lourenço; Isabel Lourenço.
- O Alcoolismo como Fenómeno de Massas*, por A. Fernandes da Fonseca.
- Alcool e Comportamento Humano*, por J. Pinto da Costa.
- Alcoolismo na Juventude*, por A. Pacheco Palha.
- Alcoolismo e Nutrição: — Algumas Considerações*, por Carlos Morais.
- As Bebidas Alcoólicas como Factor Patogénico no Desenvolvimento Psicológico*, por Luís Pimentel; Rui Moreira.
- Combate ao Alcoolismo e Clubes de Abstinentes*, por J. Silva Martins.

**Simpósio sobre «Fusão Nuclear a Frio — Reflexões e Perspectivas»**

Academia das Ciências de Lisboa, 29 de Junho de 1989

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Fusão a Frio: história da «descoberta» e antecedentes*, por Jorge C. G. Calado.*Reacções de fusão nuclear*, por Filipe Duarte Santos.*«Fusão nuclear a frio» pela via electroquímica de Fleischmann e de Pons*, por J. J. R. Fraústo da Silva e A. J. L. Pombeiro.*Tentativas de detecção da chamada «fusão nuclear a frio»*, por J. Branco, A. Gouveia, J. Marçalo, A. Monge Soares, J. M. Peixoto Cabral, A. Pires de Matos, J. Neves e J. Salgado.*Experiência de Fleischmann e Pons — algumas reflexões sobre aspectos energéticos*, por Luís Alcácer.*A via directa de cientistas de Frascati*, por Nuno Ayres de Campos.*Efeito de túnel em mecânica quântica e a fusão nuclear*, por João da Providência S. e Costa.*Fusão nuclear catalisada por muões*, por Ana Arriaga.*Hydrogen in metal lattice. Speculation on feasibility of «cold nuclear fusion» in metal lattice by electrochemical deuterium charging*, por Nobumitsu Shohoji.*Electrões e deuterões na rede cristalina de metais*, por António Valléra.*Comentários a alguns aspectos da física envolvida nos fenómenos apresentados*, por José Mariano Gago.**Colóquio sobre «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX»**

Academia das Ciências de Lisboa, 13-17 de Novembro de 1989

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Quo vadimus Academia das Ciências?*, por José Pinto Peixoto.*A Academia das Ciências de Lisboa e a Ciência em Portugal*, por F. R. Dias Agudo.*A Educação em Portugal e o Século XX*, por J. Tiago de Oliveira.

## I

**CIÊNCIAS EXACTAS E NATURAIS  
E CIÊNCIAS APLICADAS****MATEMÁTICA***Sobre algumas figuras dominantes na Análise Matemática em Portugal (de Gomes Teixeira a Sebastião e Silva)*, por J. Campos Ferreira.*Aspectos da Álgebra em Portugal no Século XX*, por Margarida Ramalho.*História e Desenvolvimento da Matemática Aplicada, em Portugal, no Século XX*, por António Ribeiro Gomes.**FÍSICA***Detectores de Radiação em Portugal no Século XX*, por A. Ponce de Leão Policarpo, Ermelinda P. de Lima, M. Alice F. Alves.*Breve Síntese da Evolução da Física Nuclear em Portugal*, por Filipe Duarte Santos.*Desenvolvimento das Ciências Geofísicas em Portugal, no Século XX*, por José Pinto Peixoto e José Francisco V. Gomes Ferreira.*Evolução do Conhecimento da Estrutura do Globo (Aspectos Geofísicos)*, por Luís Alberto Mendes Victor.*A Evolução da Física Atómica e Molecular no Século XX*, por Manuel F. Laranjeira.*A Ecologia e o Futuro do Homem na Terra*, por M. Gomes Guerreiro.**CIÊNCIAS MÉDICAS***Meio Século de Estudos Bacteriológicos em Portugal*, por J. Cândido Oliveira.*Ciências Médicas: Disciplinas Médicas*, por Robalo Cordeiro.*Evolução da Cirurgia em Portugal no Século XX*, por J. Celestino da Costa.*História e Desenvolvimento das Ciências Neurológicas em Portugal no Século XX*, por A. Castro Caldas.*História e Desenvolvimento no Século XX da Psiquiatria e Psicologia Médica em Portugal*, por H. Barahona Fernandes.

## II

CIÊNCIAS APLICADAS  
E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

## ENGENHARIA CIVIL

*A Ciência Portuguesa no Século XX. O Caso da Engenharia das Estruturas*,  
por E.R. de Arantes e Oliveira.

*Engenharia Hidráulica*, por António de Carvalho Quintela.

*Vias de Comunicação e Planeamento do Território. (Esboço Histórico)*,  
por A. Barbosa de Abreu.

## ENGENHARIA MECÂNICA

*Engenharia Mecânica no Século XX*, por António Gouveia Portela, José  
Joaquim Delgado Domingos, António Franco de Oliveira Falcão, Luís  
Manuel Braga da Costa Campos.

## ENGENHARIA ELECTROTÉCNICA

*Notas sobre a Engenharia Electrotécnica, em Portugal, no Domínio da  
Energia*, por Domingos Moura.

*Engenharia da Radiodifusão, Televisão e Telecomunicações em Portugal  
no Século XX*, pelo Prof. Eng.º H. Campos Neto.

*Investigação em Portugal em Telecomunicações, Electrónica e Ciências  
Básicas Afins*, por Armando Larcher Brinca.

## ENGENHARIA DE MINAS

*Da Engenharia de Minas em Portugal no Séc. XX*, por José Quintino Rogado.

## ENGENHARIA DOS MATERIAIS

*História da Ciência dos Materiais em Portugal*, por M. Amaral Fortes.

## CIÊNCIAS AGRARIAS

*História e Desenvolvimento da Ciência, em Portugal, no Século XX. Contri-  
buição das Ciências Veterinárias*, por Mário Baptista Braz.

*Fitotecnia*, por Miguel Pereira Coutinho.

*O Caso das Ciências Sociais Aplicadas à Agricultura*, por Fernando Estácio.

*As Indústrias Agro-Alimentares no Século XX. Uma Revolução Tranquila*,  
por Paulo O. Pereira e Santos.

*Pontos de Referência da Evolução das Ciências Florestais em Portugal no  
Século XX*, por A.A. Monteiro Alves.

## CIÊNCIAS NATURAIS

*A Geoquímica dos Vulcanitos do Continente Português e das Ilhas Atlânticas  
dos Açores, Madeira, Selvagens, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe:  
Síntese e Perspectivas*, por Britaldo Rodrigues e L. Aires-Barros.

*A Geoquímica: Breve Percorso Histórico. Sucinto Panorama Nacional Actual*,  
por L. Aires-Barros.

*Granitos, Granitóides*, por Matos Alves.

*O Desenvolvimento da Petrologia Metamórfica em Portugal no Século XX*,  
por M. Portugal Ferreira.

*A História da Tectónica em Portugal na Primeira Metade do Século XX*,  
por A. Ribeiro.

*Subsídios para a História da Geologia em Portugal, desde 1900 a 1982*, por  
Francisco Gonçalves.

*Sobre a História da Paleontologia em Portugal (ca. 1919-1980)*, por M. Telles  
Antunes.

*Contribuição para a História da Genética em Portugal*, por Luís Archer.

*Estudos sobre os Cromossomas em Portugal durante o Século XX*, por João  
Maria Montezuma Diniz de Carvalho.

*História da Microscopia Electrónica em Portugal. Aplicações em Biologia  
Vegetal*, por J.F. Mesquita.

*História da Taxonomia Botânica em Portugal Continental, Regiões Autó-  
nomas e ex-Colónias no Século XX*, por Abílio Fernandes.

*Os Estudos Fitossociológicos, em Portugal, no Século XX*, por J. Malato-Beliz.

*Fronteiras da Fisiologia Celular: Algumas Contribuições para o Desenvolvimento da Fisiologia Celular em Portugal*, por Arsélio Pato de Carvalho.

*História e Desenvolvimento da Antropologia Física em Portugal no Século XX*, por Alberto Xavier da Cunha.

### QUÍMICA

*The Chemical World View in the Twentieth Century*, by Allen G. Debus.

*Desenvolvimento da Termodinâmica Química e cultura desta ciência em Portugal*, por J. Simões Redinha.

*O Desenvolvimento da Cinética Química em Portugal*, por Sebastião J. Formosinho.

*Desenvolvimento Científico e Progresso da Indústria Química*, por A.M. d'A Rocha Gonsalves.

*Indústria Química — Aspectos do Desenvolvimento Industrial*, por Luís de Almeida Alves.

*Química Inorgânica e Analítica na Faculdade de Ciências do Porto*, por João L. L. C. Oliveira Cabral.

*Química das Águas Mineralo-Medicinais*, por J. J. R. Fraústo da Silva.

### III

### CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

#### ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGÜÍSTICOS

*Filologia e Humanismo em Portugal no Século XX*, por José V. de Pina Martins.

*Meio Século de Estudos Clássicos em Coimbra: Breves Notas*, por Américo da Costa Ramalho.

#### HISTÓRIA E GEOGRAFIA

*A Geografia Física em Portugal no Século XX*, por Fernando Rebeló.

*Evolução e Tendências da Geografia Humana Portuguesa no Século XX*, por Carlos Alberto Medeiros.

*Contribuição dos Geógrafos Portugueses para o Conhecimento Científico das Regiões Tropicais*, por Ilídio do Amaral.

*A Investigação Geográfica em Moçambique entre 1900 e 1975*, por Manuel Araújo.

*Leite de Vasconcellos (1858-1941) e a Ciência Etnográfica em Portugal*, por Manuel Viegas Guerreiro.

### ECONOMIA POLÍTICA

*Desenvolvimento e Bem-Estar; Desenvolvimento Regional (O «estado» no final do Século XX)*, por António Simões Lopes.

*O Pensamento Financeiro em Portugal no Século XX*, por António de Sousa Franco.

### FILOSOFIA E PEDAGOGIA

*Sant'Ana Dionísio e a Não-Cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência — Uma revisitação*, por Onésimo Teotónio Almeida.

*A Academia das Ciências de Lisboa e os Estudos Camonianos*, por Justino Mendes de Almeida.

*Temas e Problemas das Ciências Humanas no Tempo Presente: A Academia das Ciências de Lisboa e a Historiografia da Cultura Medieval*, por Francisco da Gama Caeiro.

*Bibliografia das Obras de Autores Nacionais Publicadas durante o Século XX que se ocupam das Actividades Científica e Técnica dos Portugueses nos Séculos Anteriores*, por Rómulo de Carvalho.

### «Colóquio sobre Eutanásia»

Academia das Ciências de Lisboa, 5-8 de Novembro de 1990

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Ética e Eutanásia: Acordo Possível?*, por Manuel Machado Macedo.

*Não Ressuscitar. Quando e Porquê?*, por Manuel Silva Araújo.

*Medicamentos na Fase Terminal da Vida e Eutanásia* [Resumo], por Walter Osswald.

- Eutanásia — Aspectos Médico-Legais*, por Lesseps Lourenço Reys.
- Eutanásia — Homicídio, Suicídio ou Liberdade de Morrer?*, por Agostinho Almeida Santos.
- A Dor Oncológica justifica a Eutanásia?*, por Nestor Rodrigues.
- A Antropoética do Bem Morrer*, por Barahona Fernandes.
- A Eutanásia e a sua ilegitimidade: 1 — Sob a perspectiva dos Direitos da Pessoa Humana; 2 — Sob a perspectiva do Acto Médico*, por José Manuel Durão.
- Eutanásia: A Perspectiva do Psiquiatra*, por Adriano Vaz Serra.
- O Médico e a Eutanásia*, por António Gentil Martins.
- A Eutanásia em Oncologia*, por José Cardoso da Silva.
- Problemas Éticos da Reanimação Neonatal*, por Jorge Biscaia.
- A Eutanásia: Opção Ética ou Cultural?*, por Joaquim Cerqueira Gonçalves.
- Viver, Envelhecer e Morrer com Dignidade*, por Daniel Serrão.
- Eutanásia e Diálogo com o Doente Terminal*, por José Maria Gonçalves Moreira.
- Alguns Aspectos Jurídicos da Eutanásia*, por Augusto Lopes Cardoso.
- A Morte Humana na Sociedade Actual*, por Anselmo Borges.
- Conceitos Éticos em Unidades de Cuidados Intensivos*, por Maria Cristina da Câmara.
- Entre a Vida e a Morte. A Razão da Esperança (Avaliação ética da Eutanásia, Distanásia e Ortotanásia)*, por Vítor Feytor Pinto.
- Eutanásia: Um Destino a cumprir?*, por J. Pinto da Costa.
- O Pensamento Médico e a Eutanásia*, por J. Ribeiro da Silva.
- Morrer numa Unidade de Cuidados Intensivos*, por R. B. Carrington da Costa.
- Modernidade e Eutanásia*, por António Teixeira Fernandes.
- Eutanásia e Distanásia: Clarificações necessárias*, por Roque Cabral.
- Eutanásia e ... «Testamento Biológico»*, por Fernando Oliveira Sá.
- Os Meios Extraordinários de Prolongar a Vida*, por José António Castel-Branco Mota.

Trabalhos apresentados, mas não publicados:

- Prolongar a Vida, Prolongar o Sofrimento — Um conflito ético do nosso tempo*, por João Lobo Antunes.
- É a Morte Cerebral ainda um Problema?*, por António Rocha e Melo.
- A Eutanásia e os Direitos da Personalidade*, por Antunes Varela.

#### «Colóquio de Estudos Camilianos»

Academia das Ciências de Lisboa, 26-27 de Novembro de 1990

Trabalhos apresentados (e publicados):

- «Novelas do Minho» — Outra Leitura*, por Justino Mendes de Almeida.
- Camilo e a Estrutura Arquetípica da Narrativa Tradicional*, por António Quadros.
- Camões na Obra de Camilo*, por Justino Mendes de Almeida.
- A Polémica de Camilo com o Doutor César Calisto e o Estudante José Maria Rodrigues* (vulgo: *A Questão da Sebenta*), por Justino Mendes de Almeida.
- Um «Folhetim Científico de Camilo»*, por Rómulo de Carvalho.
- Luzes e Sombras do Narrador em «Vinte Horas de Liteira»*, por Urbano Tavares Rodrigues.

#### «Colóquio sobre Termodinâmica e Reactividade de Sistemas Moleculares»

Academia das Ciências de Lisboa, 12-13 de Novembro de 1991

Trabalhos apresentados (e publicados):

- A Axiomatização da Termodinâmica*, por José Pinto Peixoto.
- A Termodinâmica e a Estrutura de Soluções*, por J. Simões Redinha e M. Luísa P. Leitão.
- Termoquímica: Alguns aspectos dos seus métodos e aplicações*, por Manuel A. V. Ribeiro da Silva.
- Propriedades de Transporte de Fluidos. Situação actual e perspectivas futuras*, por C. A. Nieto de Castro.

*Equação de Estado de Fluidos a altas temperaturas*, por M. F. B. Mourato e A. M. F. Palavra.

*Estudos Teóricos de Reacções Químicas Elementares: Da Energética à Dinâmica*, por A. J. C. Varandas, A. A. C. C. Pais e J. M. C. Marques.

*Probing the Reactivity in Alkali Atom-Molecules Collisions*, por A. M. C. Moutinho e R. F. M. Lobo.

*O Contributo da Termodinâmica para a Interpretação da Realidade Química. Relações entre Reactividade Térmica e Estrutura Molecular*, por Sebastião J. Formosinho.

### Colóquio sobre «A Bioética e o Futuro»

Academia das Ciências de Lisboa, 9-10 de Maio de 1994

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Bioethics and the Scientific Challenge of Global Environmental Change*, por Thomas Rosswall.

*Filosofia, Ética e Vida*, por Joaquim Cerqueira Gonçalves.

*Origem Científica e âmbito transcienceífico da Bio-ética*, por Luís Archer.

*Bioética e Vida Humana—ou a interrogação sobre o progresso*, por José Rueff.

*Ética de Responsabilidade e Vida Animal*, por W. Osswald.

*Bioética e Vida Vegetal*, por Miguel Pereira Coutinho.

«*Vida Mineral*», por J. J. R. Fraústo da Silva.

*Bioética e Recursos*, por Alfredo de Sousa.

*Bioética e Demografia*, por Óscar Soares Barata.

*Bioética e Política de Desenvolvimento*, por Luís Valente de Oliveira.

*A Bioética, Ponte para o Futuro*, por Daniel Serrão.

### «Ciclo de Conferências sobre a Violência»

Academia das Ciências de Lisboa, 3 de Junho-15 de Julho de 1976

Trabalhos apresentados:

*Psicologia e patologia da violência*, por H. Barahona Fernandes.

*A violência na Literatura*, por Urbano Tavares Rodrigues.

*Política e violência*, por J. Miller Guerra.

*Cristianismo e violência*, por Manuel Antunes.

*A violência e o Direito*, por Isabel Magalhães Collaço.

*A violência na História*, por Joel Serrão.

### Colóquio sobre «Os Acidentes de Viação e os seus Problemas»

Academia das Ciências de Lisboa, 23 de Novembro de 1976-22 de Março de 1977

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Motivação, interesse e objectivo deste colóquio*, por A. Vasconcellos Marques.

*O homem condutor e o seu carro*, por H. Barahona Fernandes.

*O sistema visual e óculo-motor na condução dos veículos motorizados*, por J. Ribeiro da Silva.

*A doença cardíaca e a condução*, por Fernando de Pádua.

*O álcool e a condução*, por Odília Castelão.

*Condução e psicofármacos*, por J. Fragoso Mendes.

*Seleção física dos condutores*, por Pena de Carvalho.

*Seleção técnica dos condutores*, por Carlos Costa.

*Alguns factores humanos e o exame psicológico dos condutores*, por Fernando Veloso Feijó.

*O problema da velocidade*, por António José de Castilho.

*Medidas de prevenção rodoviária*, por Brito da Silva.

*Seguro e prevenção*, por Moutinho de Almeida.

Trabalhos apresentados (mas não publicados):

*Aspectos jurídicos*, por Meneres Pimentel.

## «Simpósio de Estudos Keynesianos»

Academia das Ciências de Lisboa, 16 de Junho - 4 de Novembro de 1977

Trabalhos apresentados (e publicados):

*John Maynard Keynes (1883-1948) — o homem e a sua época*, por Moses Ben-sabat Amzalak.

*Economia keynesiana e planeamento*, por Pedro Soares Martinez.

*Keynes e uma nova política económica*, por Manuel Jacinto Nunes.

*Keynes e a desmonetização do ouro*, por José da Silva Lopes.

*A política económica dos anos 70; o que resta da mensagem de Keynes*, por Paulo de Pitta e Cunha.

*Keynes e o acordo de Bretton Woods*, por António Manuel Pinto Barbosa.

## «III Reunião Nacional de Electroquímica»

Academia das Ciências de Lisboa, 28-30 de Junho de 1982

Trabalhos apresentados (e publicados):

*Volumetric properties of aqueous solutions of polar non-ionic compounds*, por J. Simões Redinha.

*Electrochemistry of transition metal complexes*, por Armando J. Latourrette Pombeiro.

*Capacidade tampão de soluções de borax*, por M. Filomena G.F.C. Camões e M. J. Guiomar M. Lito.

*Cinética de eléctrodos semi-condutores*, por Abílio M. da Silva e J.M. Santos Rocha.

*Previsão de propriedades redox de complexos octaédricos de dezoito electrões, bisisonitrílicos, de centros metálicos quadrangulares planos de catorze electrões*, por Armando J.L. Pombeiro.

*Comportamento electroquímico de complexos bisciclopentadienilo de molidénio*, por J.E. Simão e M.A.M. Queirós.

*Estudo da electrodeposição de filmes sólidos de  $Fe^xFe^y(CN)_6$  ( $x=II$  ou  $III$ ;  $y=II$  ou  $III$ ;  $x \geq y$ ) por voltametria cíclica*, por R.M. Gonçalves, H. Kellawi e D.R. Rosseinsky.

*Cathodic cleavage reactions studied by redox catalysis*, por M.L.S. Maia, M.I. Montenegro e D. Pletcher.

*Voltametria cíclica de cetonas aromáticas planas; estudo dos efeitos de substituintes*, por J.M.A. Empis e B.J. Herold.

*The effect of solution composition on the catalytic activity of Pt/Pb adatom electrodes for formic acid oxidation*, por Inês T.E. da Fonseca e D. Pletcher.

*Fotoefeitos em filmes anódicos de cobre*, por L.M. Abrantes, C. Norman e L.M. Peter.

*Aplicação do método da impedância electroquímica ao estudo de reacções de corrosão envolvendo intermediários adsorvidos*, por Mário G.S. Ferreira.

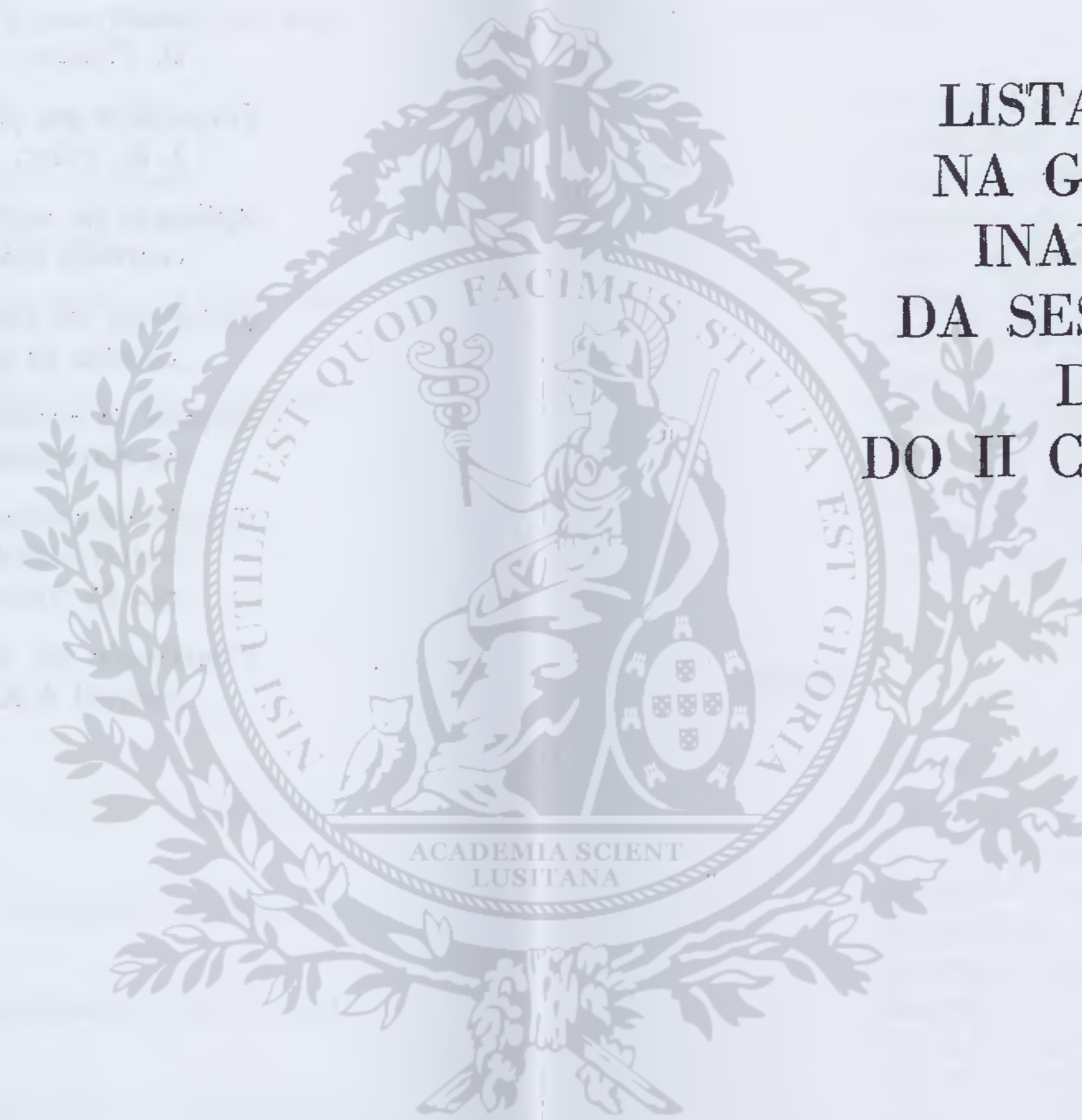
*Influência do tratamento de superfície sobre a resistência à corrosão por picadas de aços inoxidáveis*, por Mário Barbosa.

*Método da resistência de polarização aplicado ao sistema aço/água da rede de distribuição: taxas de corrosão*, por Maria de Fátima C.V. Reis.

*Estudo potenciométrico da desprotonação de complexos de (Ag(I), Cu(II) e Cd(II) com 1-(2-carbamoiletil)-2-alquilimidazolas: modelos interpretativos*, por M. Teresa S.D. Vasconcelos e Adélio A.S.C. Machado.

*Construção de equipamento auxiliar para potenciometria com E.S.I.*, por Manuel A.R.P. de Barros, José L.F.C. Lima e Adélio A.B.S. Machado.

**LISTA DAS OBRAS EXPOSTAS  
NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES  
INAUGURADA NA OCASIÃO  
DA SESSÃO DE ENCERRAMENTO  
DAS COMEMORAÇÕES  
DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA  
(15 . Dezembro . 1983)**



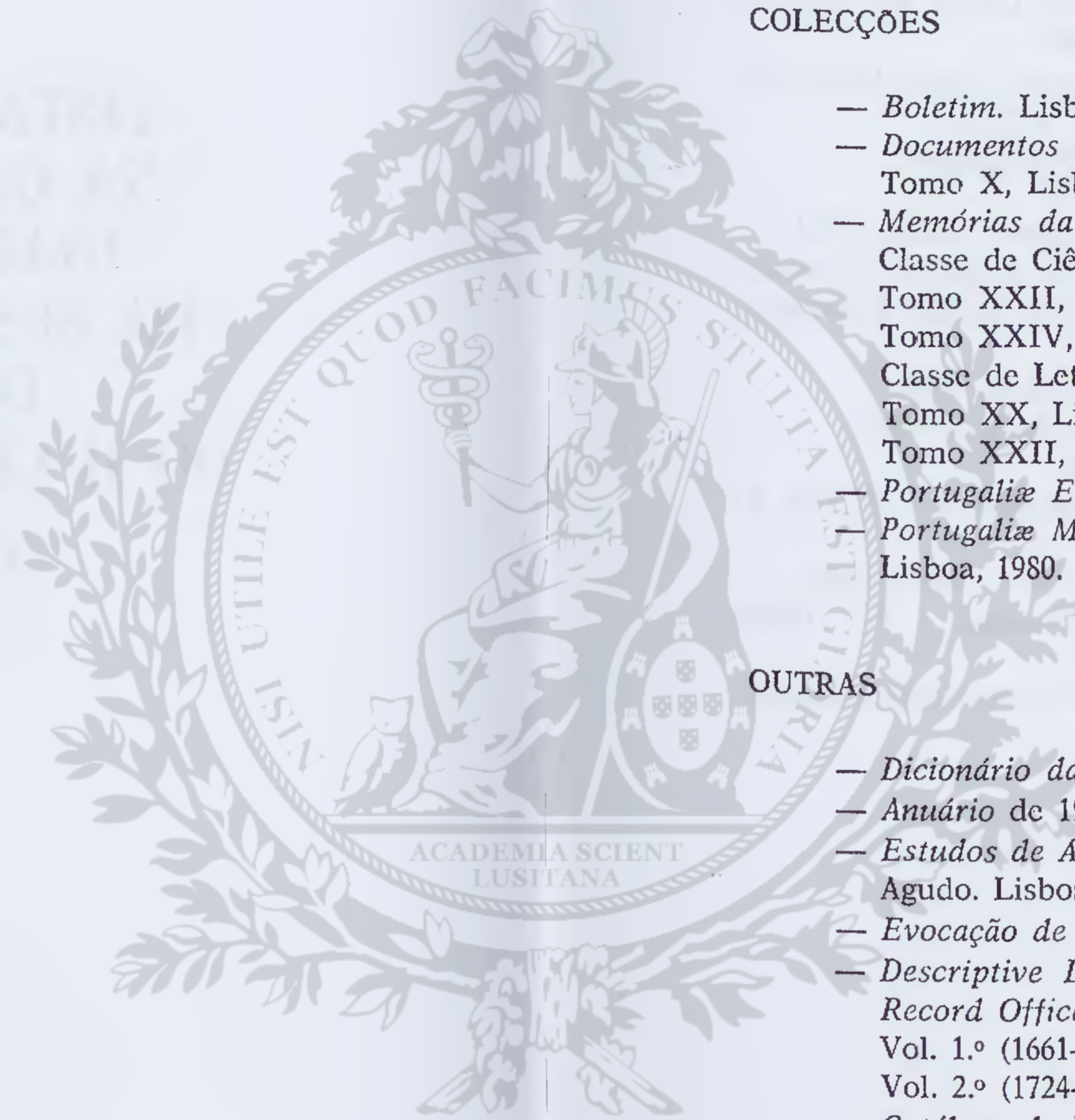
**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

#### COLECÇÕES

- *Boletim*. Lisboa, 1980; Lisboa, 1982.
- *Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções*. Tomo X, Lisboa, 1982.
- *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*.  
Classe de Ciências:  
Tomo XXII, Lisboa, 1978/79; Tomo XXIII, Lisboa, 1980;  
Tomo XXIV, Lisboa, 1981/82.  
Classe de Letras:  
Tomo XX, Lisboa, 1979; Tomo XXI, Lisboa, 1980;  
Tomo XXII, Lisboa, 1981/82.
- *Portugaliæ Electrochimica Acta*. Vol. I, Lisboa, 1983.
- *Portugaliæ Monumenta Historica*. Nova Série, Vols. I, II/1, II/2, Lisboa, 1980.

#### OUTRAS

- *Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. I (A-AZUVERTE). Lisboa, 1976.
- *Anuário* de 1977/1978.
- *Estudos de Álgebra, Geometria e Análise*. Por F. Giraldes, (...) e F.R. Dias Agudo. Lisboa, 1978.
- *Evocação de Rui Barbosa*. Por Luís Viana Filho. Lisboa, 1978.
- *Descriptive List of The State Papers Portugal 1661-1780 in the Public Record Office London*.  
Vol. 1.º (1661-1723) — Lisboa, 1979;  
Vol. 2.º (1724-1765) — Lisboa, 1979.
- *Catálogo de Manuscritos. Série Vermelha*. Vol. I, Lisboa, 1979.
- *Livro das Armadas* (fac-simile). Lisboa, 1979.
- *New Trends in Bio-Inorganic Chemistry*. Lisboa, 1979.
- *Reconhecimento Científico de Angola. Estudos de Geologia, de Paleontologia e de Micologia*. Por (vários autores), Lisboa, 1979.
- *Christophe Colomb et Barthélémy Dias*. Por Charles Verlinden. Lisboa, 1979.
- *O Infante D. Henrique e as Ilhas Canárias*. Por Peter Rumell. Lisboa, 1979.
- *As relações Luso-Russas através da Imprensa Portuguesa do século XVIII*. Por William Rough. Lisboa, 1979.
- *Fontes dos Lusitadas*. Por José Maria Rodrigues. 2.ª ed. Lisboa, 1979.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

- *Comemoração do IV Centenário da Morte de Camões*. Sessão Solene em 8 de Maio de 1980. Por Manuel Jacinto Nunes, Luís de Albuquerque, Mário Martins, David Mourão-Ferreira, Luís Viana Filho, Lisboa, 1980.
- *Os Lusíadas* (fac-símile). Lisboa, 1980.
- *Revista Militar*. Evocação do 2.º Centenário da Academia das Ciências de Lisboa. N.ºs 11/12, Nov.-Dezembro de 1980.
- *A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa, nos Séculos XVIII e XIX*. Por Rómulo de Carvalho, Lisboa, 1981.
- *Portugal um Estado de Direito com Oitocentos Anos; Bula Manifestis Probatum de 23 de Maio de 1179*. Lisboa, 1981.
- *Das Razões Históricas dos Fracassos Industriais Portugueses*. Por Joel Serrão, Lisboa, 1981.
- *Simpósio de Estudos Keynesianos*. Por diversos autores. Lisboa, 1981.
- *Bibliografia Mais Relevante sobre Botânica Pura e Aplicada, Referente aos Países Africanos de Expressão Portuguesa*. Por Abílio Fernandes, Lisboa, 1982.
- *Camões e a Música*. Por João de Freitas Branco, Lisboa, 1982.
- *New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation*. Lisboa, 1982.
- *Catálogo das Publicações da Academia*. Lisboa, 1983.
- *Glossário Luso-Asiático*. Por Monsenhor Rodolfo Dalgado. 2.ª ed. Vol. I, Lisboa, 1983.
- *Advances in Geophysics. Volume 25. Theory of Climate*. Lisboa, 1983.
- *Some Recent Advances in Statistics*. Por Herbert Solomon, (...) J. Tiago de Oliveira, (...) Daniel Dugué. Lisboa, 1983.
- *Os Acidentes de Viação e os seus Problemas*. Por Vasconcellos Marques, (...), Moutinho de Almeida. Lisboa, 1983.

## LISTA DAS OBRAS EXPOSTAS NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

**Colóquio sobre «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal.  
Até ao Século XX»**

ESTANTES NOBRES:

LUIS, Lázaro

*Livro de Todo o Universo ...*, 1563

Lisboa, Academia das Ciências

*Cronica de España*, 1344

Lisboa, Academia das Ciências

*Livro de Orações*

(Breviário da Condessa de Bertandos)

Séc. XVI

Lisboa, Academia das Ciências

ANÓNIMO

*Memoria das Armadas que de Portugal passaram ha India ...*

Lisboa, Academia das Ciências

NUNES, Pedro

*Tratado da Sphera com a Theorica do Sol e da Lua ...*

Lisboa, Officina de Germaão Galharde, 1537

Lisboa, Academia das Ciências

PTOLOMEU, Cláudio

*Geografia*

Roma, 1508

Lisboa, Academia das Ciências

*Biblia Sacra*

(Tomo I)

Moguntia, 1462

Lisboa, Academia das Ciências

CAMÕES, Luís de

*Os Lusíadas*

Lisboa, em Casa de António Gonçalves, 1572

Lisboa, Academia das Ciências

ZACUTO, Abraão

*Almanach Perpetuū ...*

Veneza, 1525

Lisboa, Academia das Ciências



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

## MATEMÁTICA:

SANTOS António Ribeiro dos  
*Memorias Historicas sobre alguns Mathematicos Portugueses e Estrangeiros...*  
 Em *Mem. da Lit. Port.*, vol. 8, 1814, pp. 148-229  
 Lisboa, Academia das Ciências

NICOLAS, Gaspar \*  
*Tratado da Pratica de Arismetica*  
 Lisboa

TEIXEIRA, Francisco Gomes  
 «Curso de Analyse Infinitesimal — Calculo Diferencial»  
 Em *Obras de Mathematica*, vol. 3.º  
 (Premiada pela Acad. R. das Sc. de Lisboa)  
 Coimbra, Imprensa da Universidade, 1906

CUNHA, José Anastácio da  
*Principios Mathematicos para Instrução dos Alumnos do Collegio de São Lucas...*  
 Lisboa, Officina de António R. Galhardo, 1790

SILVA, Daniel Augusto da  
 «Propriedades Geraes e Resolução Directa das Congruencias Binomiais...»  
 Sep. das *Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*,  
 Nova Série, tomo I, parte I, 1854, pp. 1-163  
 Lisboa, Imprensa Nacional, 1854

COUTO, Mateus Valente do  
*Tratado de Trigonometria Rectilinea e Spherica*  
 Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias, 1819

CANGALHAS, João Pedro Ferreira  
*Opusculos de Arithmetica Universal*  
 Lisboa, Officina da Acad. R. das Sciencias, 1795

STOCKLER, Francisco de Borja Garção  
*Compendio da Theorica dos Limites...*  
 Lisboa, Officina da Acad. R. das Sciencias, 1794

\* Exposto ao lado desta obra, e para comprovar a sua repercussão internacional, um extracto (em fotocópia) de:

FRICK, Bertha M.. «The first Portuguese Arithmetic», in *Scripta Mathematica*, a Quarterly Journal, devoted to the Philosophy, History and Expository Treatment of Mathematics, vol. XI, New York, 1945.

## FÍSICA:

DALLA BELLA, João António  
 «Memoria sobre a Força Magnetica»  
 Em *Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 1797, t. I, pp. 85-199  
 Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias

SILVA, Daniel Augusto da  
 «Da Transformação e Reducção dos Binários»  
 Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 2.ª série, 1856,  
 tomo III, parte II  
 Lisboa, Typographia da Academia

VIDAL, Adriano Augusto de Pina  
*Principios de Physica*  
 Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias, 1876

MENDONÇA, Joaquim Joseph Moreira de  
*Historia Universal dos Terremotos...*  
 Lisboa, Officina de António Vicente da Silva, 1758

DORTA, Bento Sanches  
 «Observações Astronomicas e Meteorologicas...»  
 Em *Mem. de Math. e Phy da Acad. R. das Sc. de Lisboa*,  
 tomo II, 1799, pp. 346-401  
 Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias

PRETORIUS, Jacob Crisostomo  
*Memoria sobre as Observações Meteorologicas do Anno de 1793*  
 Lisboa, Offerecida à Real Academia das Sciencias, 1794

PRETORIUS, Jacob Crisostomo  
 «Extracto das Observações Meteorologicas feitas no Anno de 1781 em Lisboa...»  
 Em *Almanach de Lisboa para o Anno de 1782*, pp. 306-310  
 Lisboa, Officina Patriarcal, 1782

VIDAL, Adriano Augusto de  
*Curso de Meteorologia*  
 Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1869

## QUÍMICA:

CARVALHO, Luís Gomes de  
 «Memoria sobre a Restauração das Barras dos Portos...»  
 Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, tomo IX, 1825, pp. 18-85  
 Lisboa, Typographia da Academia

- BARRAL, Francisco António  
«Algumas Considerações sobre o Emprego Therapeutico do Subazotato de Bismutho em alta dose»  
Em *Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa, Clas. Sciencias ...*, Nova Série, tomo I, parte I, 1854, pp. 1-33  
Lisboa, Typographia da Academia
- MACHADO, Aquiles Alfredo da Silveira  
«Separação dos Metaes Raros do Grupo do Alumínio»  
Em *Jorn. de Sc. Math. Phy. e Nat.*, 2.ª série, tomo V, 1898, pp. 107-110  
Lisboa, Typographia da Academia
- MACHADO, Virgílio César da Silveira  
«O Valor do Acido Picrico na Investigação da Glycosuria»  
Em *Jorn. de Sc. Math., Phy. e Nat.*, tomo XII, 1888, pp. 11-18  
Lisboa, Typographia da Academia
- TRAVASSOS, António de Araújo  
«Memória sobre a Distillação»  
Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, tomo V, parte II, 1817, pp. 1-27  
Lisboa, Typographia da Academia
- SEABRA, Vicente Coelho de  
*Elementos de Chimica Offerecidos à Sociedade Litterária do Rio de Janeiro ...*  
(Parte I)  
Coimbra, Real Officina da Universidade, 1788
- CASTELO BRANCO, Anselmo C. Munhos de Abreu Gusmão e  
*Enneae ou Applicação do Entendimento sobre a Pedra Philosophal, ...*  
(Parte primeira)  
Lisboa Occidental, Offic. de Mauricio Vicente de Almeida, 1732

## MEDICINA:

- BEIRÃO, Caetano Maria Ferreira da Silva  
«Memoria Acerca da Elephantiase dos Gregos»  
Em *Mem. da Acad. R. das Sc., Clas. Sciencias ...*, Nova Série, tomo I, parte II, 1855, pp. 1-107  
Lisboa, Typographia da Academia
- MOTA, Eduardo Augusto da  
*Histologia Geral e Histophysiologia*  
Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias, 1879

- BENEVIDES, Ignacio Antonio da Fonseca  
«Discurso Historico sobre os Trabalhos da Instituição Vaccinica ...»  
Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias*, t. IV, parte I, 1819  
Lisboa, Typographia da Academia
- BOMBARDA, Miguel  
*A Consciencia e o Livre Arbitrio*  
Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1902
- SOARES, José Pinheiro de Freitas  
«Memoria ácerca da qualidade e Deveres do Medico»  
Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, tomo XI, parte I, 1831, pp. 191-252
- SOARES, José Maria  
*Memorias para a Historia da Medicina Lusitana*  
Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1821
- SERRANO, J. A.  
*Tratado de Osteologia Humana*, tomo I, 1895  
(Obra laureada pela Academia Real das Sciencias)  
Lisboa, Typographia da Academia
- GOMES, Bernardino António  
*Elementos de Pharmacologia Geral ...*  
Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1851
- CIÊNCIAS NATURAIS:
- MORAES, Paulo de  
*Zoologia Elementar Agricola*  
Lisboa, Editora Francisco Pastor, 1897
- BOCAGE, José Vicente Barbosa du  
«Aves das Possessões Portuguezas d'Africa Occidental ...»  
Em *Jorn. de Sc. Math., Phy. e Nat.*, tomo I, (1861-1867), pp. 324-347  
Lisboa, Typographia da Academia, 1868
- BARJONA, Manuel José  
*Taboas Mineralogicas*  
Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1823
- BROTERO, F. Avellar  
*Flora Lusitana*  
Lisboa, Typographia Regia, 1804

MILLER, Iohannem  
*Illustratio Systematis Sexualis Linnaei*  
 Londres, 1777  
 (Oferecido à Academia)

VARNHAGEN, Frederico Luiz  
*Manual de Instrucções Praticas sobre a Sementeira,  
 Cultura e Corte dos Pinheiros ...*  
 Lisboa, Typographia da Academia, 1836

ORTA, Garcia da  
*Coloquios dos Simples e Drogas*  
 Ed. da Academia Real das Sciencias de Lisboa  
 dirigida pelo Conde de Ficalho  
 Lisboa, Imprensa Nacional, 1891

SERRA, I. M. Corrêa da  
 «Observations Carpologiques»  
 Em *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle ...*  
 tomo 8<sup>ème</sup>, pp. 59-74, 1806

#### CIÊNCIAS APLICADAS:

VANDELLI, Domingos  
 «Sobre a Ferrugem das Oliveiras»  
 Em *Mem. Economicas da Acad. R. das Sciencias*, tomo I, 1789, pp. 8-9  
 Lisboa, Officina da Academia

ALMEIDA, Manoel de  
 «Sobre o Modo de Formar um Plano de Statistica de Portugal»  
 Em *Mem. Economicas da Acad. R. das Sciencias*, tomo V, 1815, pp. 155-171  
 Lisboa, Officina da Academia

FOLQUE, Filipe  
 «Memoria sobre os Trabalhos Geodésicos Executados em Portugal»  
 Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> série, tomo I, 1843  
 Lisboa, Typographia da Academia

RIBEIRO, Carlos  
 «Aeductos, Systema de Acquisição de Aguas ...»  
 Em *Annaes das Sciencias e Letras*, Segundo Ano, pp. 5-18, 1858  
 Lisboa, Typographia da Academia

CARVALHO, Luís Gomes de  
 «Memoria sobre a Restauração das Barras dos Portos ...»  
 Em *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, tomo IX, 1825  
 Lisboa, Typographia da Academia

CORVO, João de Andrade  
 «Linhas Isogonicas no Século XVI»  
 Em *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro*, pp. 377-428, 1882  
 Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias

BARJONA, Manuel José  
*Metallurgiae Elementa ...*  
 Coimbra, Typographia da Academia, 1798

SÁ, José António de  
*Dissertações Philosophico-Políticas sobre o Trato das Sedas ...*  
 Lisboa, Academia R. das Sciencias, 1787

#### VARIAS:

*Portugaliæ Monumenta Historica—Diplomata et Chartæ*, vol. I, fasc. IV  
 Lisboa, Typographia da Academia, 1873

*Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa ...*, tomo II  
 Lisboa, Officina da Academia, 1790

*Memorias de Litteratura Portugueza, ...*  
 Lisboa, Officina da Academia das Sciencias, 1792

BARBACENA, Visconde de, e outros  
*Programas da Academia Real das Sciencias de Lisboa ... (1781-1857)*  
 Lisboa, Typographia da Academia

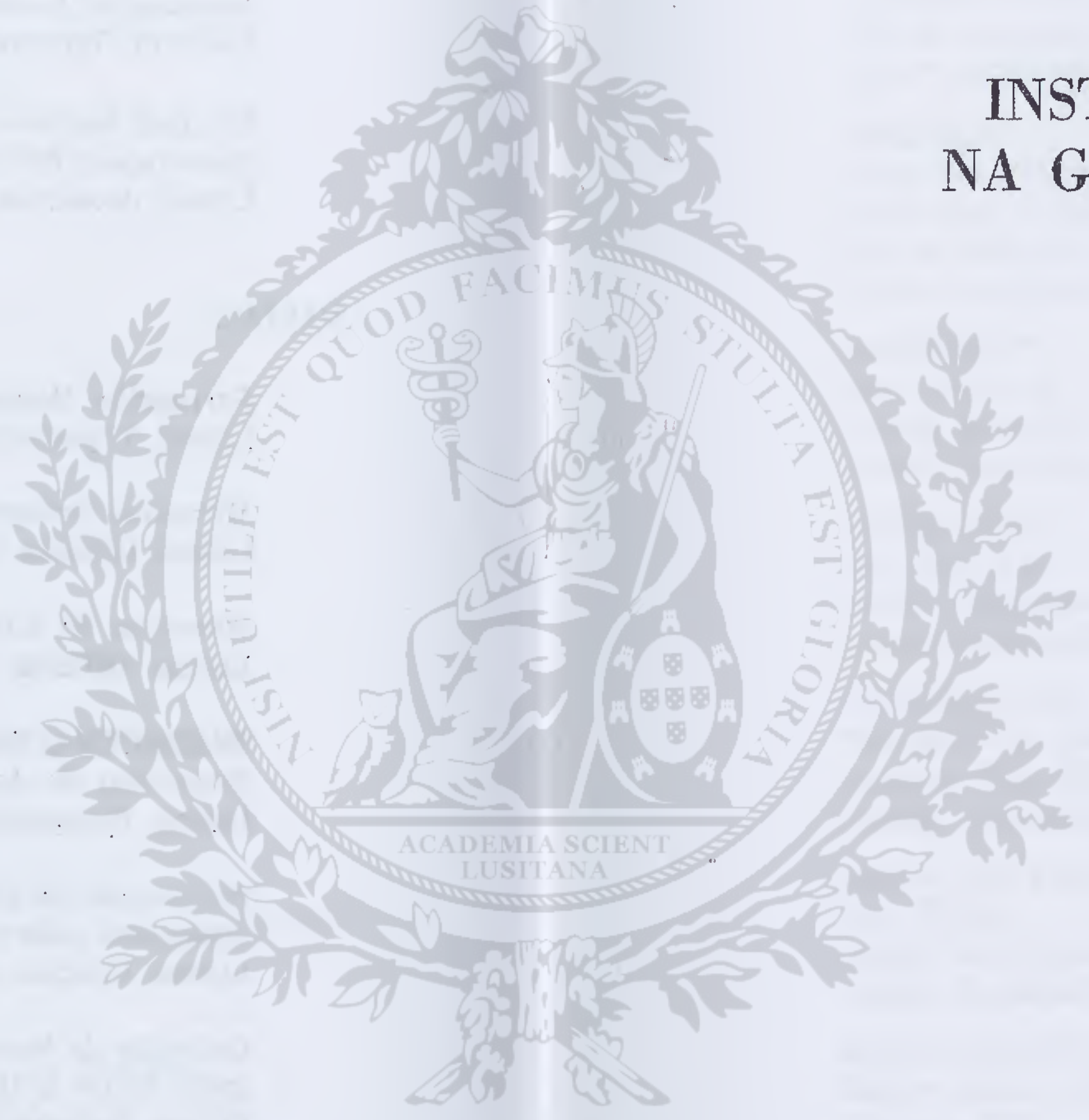
*Diccionario da Lingua Portugueza*  
 (Publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa), tomo IA  
 Lisboa, Officina da Academia, 1793

*Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas...*,  
 tomo I, n.ºs I, II e III, 1812  
 Lisboa, Typographia da Academia

ALBUQUERQUE, Affonso de  
*Cartas de ... Seguidas de Documentos que as Elucidam ...*, tomo II  
 (Collecção de Monumentos Ineditos para a Historia das Conquistas Por-  
 tuguesas ..., tomo XII, 1.<sup>a</sup> série, II da Asia, 1898)  
 Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias

*Actas das Assembleias da Academia das Sciencias de Lisboa do anno de 1780*  
 Lisboa, Academia das Sciencias, 1780

1874. A Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, tem a honra de publicar este livro, que contém a descrição dos instrumentos expostos na Galeria de Exposições. A obra é organizada em volumes, sendo este o primeiro. O conteúdo refere-se a instrumentos científicos e matemáticos, com descrições detalhadas e ilustrações. A Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, tem a honra de publicar este livro, que contém a descrição dos instrumentos expostos na Galeria de Exposições. A obra é organizada em volumes, sendo este o primeiro. O conteúdo refere-se a instrumentos científicos e matemáticos, com descrições detalhadas e ilustrações.



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

**INSTRUMENTOS EXPOSTOS  
NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES**

Este livro contém a descrição dos instrumentos expostos na Galeria de Exposições. A obra é organizada em volumes, sendo este o primeiro. O conteúdo refere-se a instrumentos científicos e matemáticos, com descrições detalhadas e ilustrações. A Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, tem a honra de publicar este livro, que contém a descrição dos instrumentos expostos na Galeria de Exposições. A obra é organizada em volumes, sendo este o primeiro. O conteúdo refere-se a instrumentos científicos e matemáticos, com descrições detalhadas e ilustrações.

**Colóquio sobre «História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal.  
Até ao Século XX»**

**AGULHA AZIMUTAL**

Francisco António Cabral, 1797  
(Premiada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa)  
Museu Maynense  
Lisboa, Academia das Ciências

**BALANÇA**

Dumotiez Frères (fabr.)  
Paris, Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academia das Ciências

**BARÓGRAFO**

Séc. XVIII (?)  
Museu Maynense  
Lisboa, Academia das Ciências

**BAROSCÓPIO**

Séc. XVIII (?)  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

**DILATÓMETRO**

Nair & Blunt (fabrs.)  
Londres, Séc. XVIII (?)  
Lisboa, Academias das Ciências

**CARRO DE REACÇÃO**

Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

**GLOBO CELESTE**

Dutley Adams (fabr.)  
Londres, 1802  
Lisboa, Academias das Ciências

**HEMISFÉRIOS DE MAGDEBURGO**

Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

**ÍMAN COMPOSTO**

Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

LANTERNA MÁGICA  
Final do séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

LENTE BICONVEXA  
Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

MAQUINA DE COMPRESSÃO  
Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

MAQUINA ELECTROSTATICA  
Séc. XVIII (?)  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

MICOSCÓPIO  
G. Oberhaeuser & Hartaack (fabrs.)  
Paris, séc. XIX  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

PIRÓMETRO  
Nair & Blunt (fabr.)  
Londres, séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

PIRÓMETRO  
Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

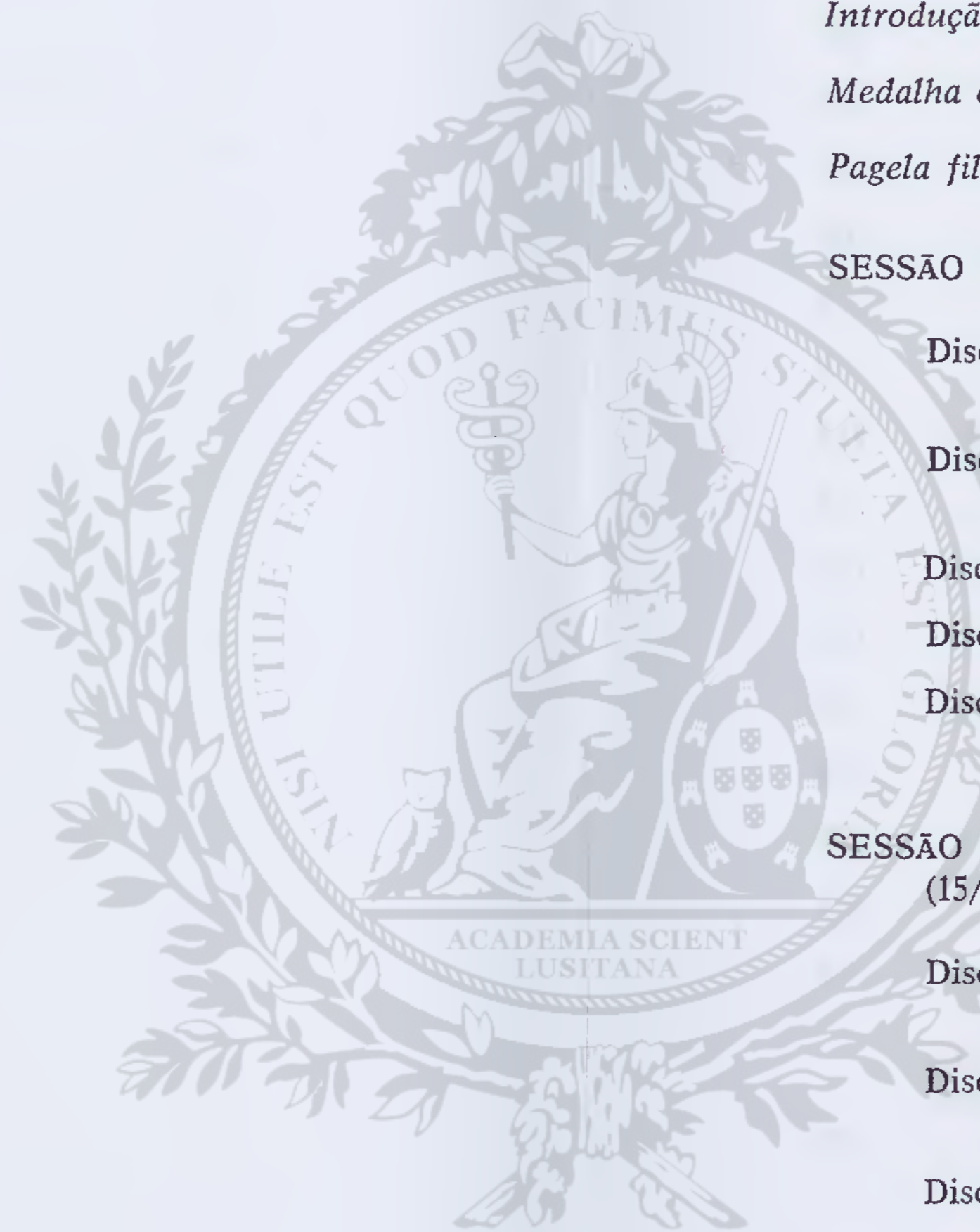
PRISMA TRIANGULAR RECTO  
Séc. XVIII  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

TÉRMO METRO METALICO DE BRÉGUET  
Séc. XIX  
Museu Maynense  
Lisboa, Academias das Ciências

## ÍNDICE



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

<i>Introdução</i> ... ..	7
<i>Medalha comemorativa, extra-texto, inter páginas</i> ... ..	10-11
<i>Pagela filatélica comemorativa, extra-texto, inter páginas</i> ... ..	10-11
<b>SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DAS COMEMORAÇÕES (27/XII/1979)</b>	
Discurso proferido pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, General Luís Maria da Câmara Pina ... ..	13
Discurso, em representação da Classe de Ciências, proferido pelo Prof. Doutor António Jorge Andrade de Gouveia ... ..	19
Discurso proferido pelo Académico Prof. Doutor José Toscano Rico ...	31
Discurso proferido pelo Académico Prof. Doutor M. Jacinto Nunes ...	45
Discurso proferido pelo Académico Prof. Doutor Jacinto do Prado Coelho ... ..	51
<b>SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES (15/XII/1983)</b>	
Discurso proferido pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Prof. Doutor José Pinto Peixoto ... ..	65
Discurso proferido pelo Académico Prof. Doutor Fernando Roldão Dias Agudo, em nome da Classe de Ciências ... ..	77
Discurso proferido pelo Vice-Presidente da Academia e Presidente da Classe de Letras, Prof. Doutor M. Jacinto Nunes ..... ..	87
<b>PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA</b> ... ..	95
<b>COLÓQUIOS E SIMPÓSIOS NO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA</b>	
New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation ... ..	99
New Trends in Bio-Inorganic Chemistry ... ..	100

Some Recent Advances in Statistics ... ..	100
Theory of Climate ... ..	101
História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Até ao Século XX	102
O Humanismo Português — 1500-1600 ... ..	104
Problemática da Droga em Portugal ... ..	106
Portugal e a Paz ... ..	107
Problemática do Tabagismo em Portugal ... ..	108
Erasmus na Cultura Portuguesa ... ..	109
Problemática do Alcoolismo em Portugal ... ..	110
Fusão Nuclear a Frio — Reflexões e Perspectivas ... ..	112
História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX	112
Eutanásia ... ..	117
Estudos Camilianos ... ..	119
Termodinâmica e Reactividade de Sistemas Moleculares ... ..	119
A Bioética e o Futuro ... ..	120
Ciclo de Conferências sobre a Violência ... ..	121
Os Acidentes de Viação e os seus Problemas ... ..	121
Simpósio de Estudos Keynesianos ... ..	122
III Reunião Nacional de Electroquímica ... ..	122
LISTA DAS OBRAS EXPOSTAS NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES INAUGURADA NA OCASIAO DA SESSAO DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO II CENTENARIO DA ACADEMIA ... ..	127

## LISTA DAS OBRAS EXPOSTAS NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES

História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Até ao Século XX	131
---	-----

## INSTRUMENTOS EXPOSTOS NA GALERIA DE EXPOSIÇÕES

História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Até ao Século XX	141
---	-----

ESTE VOLUME DAS COMEMORAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, FOI COMPOSTO, IMPRESSO E BROCHADO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BARBOSA & XAVIER, LDA. - BRAGA. ACABOU DE IMPRIMIR-SE AOS DESASSEIS DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SETE.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

